



ANA LUIZA ROSA DE OLIVEIRA

**UMA ANÁLISE DO PAPEL DAS ANÁFORAS INDIRETAS NA
CONSTRUÇÃO DO HUMOR DE ANDRÉ DAHMER**

**LAVRAS-MG
2025**

ANA LUIZA ROSA DE OLIVEIRA

**UMA ANÁLISE DO PAPEL DAS ANÁFORAS INDIRETAS NA CONSTRUÇÃO DO
HUMOR DE ANDRÉ DAHMER**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Linguagem, Cultura e Sociedade, linha de pesquisa Estudos Analítico-descritivos de Língua/linguagem e suas Tecnologias, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Mauricéia Silva de Paula Vieira
Orientadora

**LAVRAS-MG
2025**

Ficha catalográfica elaborada pela Catalogação da Biblioteca Universitária da UFLA

Oliveira, Ana Luiza Rosa de

O processo de referência anafórica e a construção do sentido cômico: uma análise linguística do papel das anáforas indiretas na construção do humor de André Dahmer / Ana Luiza Rosa de Oliveira.

– Lavras : UFLA, 2025

103 p.

Orientador: Mauriceia Sila de Paula Vieira

Dissertação (Mestrado acadêmico em Letras) - Universidade Federal de Lavras, 2025.

Bibliografia.

1. Anáforas indiretas. 2. Humor. 3. Tiras cômicas. 4. Linguística textual. 5. André Dahmer. I. Vieira, Mauriceia Sila de Paula. II. Universidade Federal de Lavras. III. Título.

CDD – 410

Ficha elaborada por Defátima Aparecida Silva Pessoa (CRB 6/1496)

ANA LUIZA ROSA DE OLIVEIRA

**UMA ANÁLISE DO PAPEL DAS ANÁFORAS INDIRETAS NA CONSTRUÇÃO DO
HUMOR DE ANDRÉ DAHMER**

**A STUDY ON THE ROLE OF INDIRECT ANAPHORS IN ANDRÉ DAHMER'S
HUMOR**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Linguagem, Cultura e Sociedade, linha de pesquisa Estudos Analítico-descritivos de Língua/linguagem e suas Tecnologias, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 14 de Fevereiro de 2025.

Dra. Nádia Dolores Fernandes Biavati (UFSJ)
Dra. Helena Maria Ferreira (UFLA)

Profa. Dra. Mauricéia Silva de Paula Vieira
Orientadora

**LAVRAS-MG
2025**

AGRADECIMENTOS

Concluir este mestrado parecia um sonho distante...

Primeiramente, agradeço aos meus pais, mamãe Dulcínia e papai Vinícius, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram em tudo, no possível e no impossível. Agradeço pelo colo, pelo apoio incondicional a todas as minhas escolhas, pelo suporte financeiro, pelo amor, pela estrutura, pelo chão, pelo teto, pela VIDA. Por sempre estarem lá para mim, por sempre me colocarem como prioridade, por me buscarem e me levarem sempre, sempre. Me emociono só de pensar em tudo que fizeram e ainda fazem por mim. Vocês são a minha base, minha inspiração e meu lar para todo o sempre.

Às minhas titias e segundas mães – Cláudia, Dani e Dayse, que estiveram sempre presentes, com amor, conselhos e apoio em todos os momentos. Ao meu tio e padrinho Ítalo, por sua presença constante e carinho.

À minha vovó Tianinha, por seu amor incondicional e por ser um pilar de força na nossa família. E aos meus avós que já partiram, mas a memória, amor e ensinamentos permanecem vivos em meu coração – vovó Sônia, vovô Valdemir e vovô Wanderley. Tenho certeza de que vocês estão felizes por mim.

Aos meus primos Isadora, Pablo e Maria, que são como irmãos para mim e que sempre me fizeram sentir cercada de afeto, e a toda a família Moreira e das Graças Conceição, pelo amor e união que tanto valorizo.

Ao meu amor, Juliano, que sempre me apoiou e esteve presente com toda paciência e inteligência do mundo para discutir ideias e questões linguísticas comigo. Você é casa, clareza, calma e paz. Obrigada por tudo!

Aos meus amigos queridos, que estiveram ao meu lado ao longo dessa jornada com muita piada, cerveja, papo furado e amor, meu muito obrigada! Em especial, ao Fábio, que compartilhou comigo cada passo desde o primeiro dia de graduação.

Um agradecimento especial também ao grande artista André Dahmer, autor das tirinhas que foram a fonte de inspiração ao longo deste trabalho.

Por fim, agradeço profundamente à minha orientadora, Mauricéia, por sua paciência, dedicação e pelos valiosos ensinamentos. Agradeço também a CAPES que financiou esta pesquisa. Também estendo minha gratidão a todos os colegas e professores do Departamento de Ensino da Linguagem, que contribuíram com meu crescimento acadêmico ao longo desses nove anos de Letras na UFLA, entre graduação e mestrado.

Muito obrigada a todos vocês! É tudo nosso!

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo geral investigar o papel das anáforas indiretas na construção do humor presente nas tiras cômicas de André Dahmer, destacando a interação entre os mecanismos referenciais e a criação de sentido nesse gênero textual. Inserida no campo mais abrangente da Linguística Textual (LT) e orientada por uma abordagem fundamentalmente funcionalista-discursiva, a pesquisa se concentrou na análise das dinâmicas entre os elementos verbais e visuais, características marcantes das tiras de humor. Tendo isso em vista, este estudo guiou-se por uma questão fundamental: como as anáforas indiretas colaboram para o processo de construção de sentido do humor nas tiras cômicas de André Dahmer? Para lhe responder, foram estabelecidos três fins articulados ao objetivo geral, intimamente interconectados: a) identificar os tipos mais recorrentes de anáfora indireta nas tiras de Dahmer; b) examinar de que maneira esses mecanismos referenciais influenciam a construção do humor; e c) investigar os aspectos linguísticos e gramaticais que sustentam esse processo, com foco na função das anáforas indiretas identificadas. A fundamentação teórica combinou diferentes perspectivas com a finalidade de sustentar a análise realizada. Primeiramente, considerou-se o papel das estruturas linguísticas na função comunicativa, conforme proposto por Givón (1995), Neves (2018), Cunha (2020), Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2015) e Custódio Filho e Brito (2014), dentro de uma perspectiva funcionalista. Em seguida, abordaram-se os princípios do letramento multimodal, com base em Catto (2013), Rojo e Moura (2019), Jewitt (2002), Kenner (2004), Kress (2010) e Kress e Van Leeuwen (2006), enfatizando a interação entre elementos visuais e verbais. Por fim, incluiu-se o estudo do discurso humorístico, com contribuições de Possenti (2010) e Travaglia (1990), além das teorias de coesão e coerência textual (Antunes, 2009) e da referenciação (Cavalcante, 2017; Marcuschi, 2005). A dissertação também explorou como os mecanismos referenciais contribuíram para a coesão textual, sobretudo na sustentação da construção do sentido e dos efeitos cômicos. Ademais, o estudo examinou a interação entre as dimensões verbal e visual, destacando a natureza multimodal das tiras e sua relevância para a produção de humor. Os resultados revelaram que as anáforas indiretas desempenham um papel central na estruturação semântica do humor nas tiras, atuando como elementos coesivos que facilitam a interação entre as partes do texto e a recepção das nuances cômicas pelo leitor, atuando como recursos linguísticos e gramaticais que garantem a coesão do texto e ampliam sua interpretação. Tais mecanismos não só instituem conexões os constituintes do discurso, como igualmente mobilizam o ativismo do leitor no processo de decodificação do subtexto de humor, que repetidamente subverte as expectativas iniciais e atua continuamente na criação dos

sentidos inesperados, uma característica do humor de Dahmer. De maneira geral, conseguiu-se compreender que a pesquisa, da forma como é proposta, contribui para uma compreensão mais ampla dos processos discursivos e multimodais que caracterizam esse gênero textual, além de reforçar a importância das relações referenciais no estudo da linguagem.

Palavras-chave: anáforas indiretas; humor; tiras cômicas; linguística textual; André Dahmer.

ABSTRACT

This dissertation aimed to investigate the role of indirect anaphors in constructing the humor present in André Dahmer's comic strips, highlighting the interaction between referential mechanisms and meaning-making in this textual genre. Situated within the broader field of Textual Linguistics (TL) and guided by a fundamentally functionalist-discursive approach, the research focused on analyzing the dynamics between verbal and visual elements—a marked characteristic of humorous comic strips. With this in mind, the study was driven by one central question: how do indirect anaphors contribute to the process of constructing humor in André Dahmer's comic strips? To answer this, three objectives were articulated in close relation to the general aim: a) to identify the most recurring types of indirect anaphora in Dahmer's strips; b) to examine how these referential mechanisms influence the construction of humor; and c) to investigate the linguistic and grammatical aspects that underpin this process, with a focus on the function of the identified indirect anaphors. The theoretical framework combined various perspectives to support the analysis. First, it considered the role of linguistic structures in communicative function, as proposed by Givón (1995), Neves (2018), Cunha (2020), Mondada and Dubois (2003), Cavalcante (2015), and Custódio Filho and Brito (2014), within a functionalist perspective. Next, it addressed the principles of multimodal literacy based on Catto (2013), Rojo and Moura (2019), Jewitt (2002), Kenner (2004), Kress (2010), and Kress and Van Leeuwen (2006), emphasizing the interaction between visual and verbal elements. Finally, it included the study of humorous discourse with contributions from Possenti (2010) and Travaglia (1990), along with theories of textual cohesion and coherence (Antunes, 2009) and reference (Cavalcante, 2017; Marcuschi, 2005). The dissertation also explored how referential mechanisms contributed to textual cohesion, particularly in sustaining meaning construction and comic effects. Moreover, the study examined the interaction between the verbal and visual dimensions, highlighting the multimodal nature of the strips and its relevance in humor production. The results revealed that indirect anaphors play a central role in the semantic structuring of humor in the strips, acting as cohesive elements that facilitate the interaction between different parts of the text and the reader's reception of comedic nuances. They serve as linguistic and grammatical resources that ensure textual cohesion and broaden interpretation. These mechanisms not only establish connections among the discourse components but also engage the reader's active decoding of the humorous subtext, which repeatedly subverts initial expectations and continuously contributes to the creation of unexpected meanings—a hallmark of Dahmer's humor. Overall, the research, as proposed, contributes to a broader understanding

of the discursive and multimodal processes that characterize this textual genre, while also reinforcing the importance of referential relations in language studies.

Keywords: indirect anaphors; humor; comic strips; text linguistics; André Dahmer.

INDICADORES DE IMPACTO

Esta dissertação analisa o papel das anáforas indiretas na construção do humor em tiras cômicas de André Dahmer, destacando a interação entre mecanismos referenciais e a criação de sentido em um gênero textual multimodal. Inserida no campo da Educação e fundamentada em uma abordagem funcionalista-discursiva, a pesquisa promove impactos significativos no ensino da língua portuguesa, especialmente no desenvolvimento do letramento crítico e multimodal. Os resultados oferecem subsídios para práticas pedagógicas voltadas à análise de textos contemporâneos, contribuindo para a formação de leitores críticos capazes de interpretar as relações entre linguagem verbal e visual. O caráter extensionista do trabalho é evidenciado pela potencial aplicação dos métodos e conclusões em escolas, projetos de extensão e cursos de formação docente, atingindo comunidades educacionais externas à UFLA. Esse impacto estende-se a professores, estudantes e técnicos, beneficiando diretamente um público em atividades educacionais relacionadas à pesquisa. Além de contribuir para a área temática de Educação da Política Nacional de Extensão, o estudo dialoga com as áreas de Comunicação e Cultura, ao explorar a relevância da linguagem como instrumento de interpretação crítica e transformação social. Alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, especialmente ao ODS 4 (Educação de Qualidade) e ao ODS 10 (Redução das Desigualdades), a pesquisa reforça a importância de práticas educativas inclusivas e engajadas, que valorizem a diversidade de gêneros textuais e suas potencialidades pedagógicas. Assim, esta dissertação promove a integração entre pesquisa acadêmica e práticas educacionais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais reflexiva e consciente do papel transformador da linguagem.

IMPACT INDICATORS

This dissertation analyzes the role of indirect anaphors in the construction of humor in André Dahmer's comic strips, highlighting the interaction between referential mechanisms and the creation of meaning within a multimodal textual genre. Positioned within the field of Education and grounded in a functionalist-discursive approach, the research generates significant impacts on the teaching of the Portuguese language, particularly in the development of critical and multimodal literacy. The findings provide support for pedagogical practices focused on the analysis of contemporary texts, contributing to the formation of critical readers capable of interpreting the relationships between verbal and visual language. The extensionist nature of this work is evidenced by the potential application of its methods and conclusions in schools, extension projects, and teacher training programs, reaching educational communities beyond UFLA. This impact extends to teachers, students, and staff, directly benefiting audiences engaged in educational activities related to the research. In addition to contributing to the thematic area of Education within the National Extension Policy, the study also engages with the fields of Communication and Culture, exploring the relevance of language as an instrument for critical interpretation and social transformation. Aligned with the United Nations Sustainable Development Goals (SDGs), particularly SDG 4 (Quality Education) and SDG 10 (Reduced Inequalities), the research reinforces the importance of inclusive and engaged educational practices that value the diversity of textual genres and their pedagogical potential. Thus, this dissertation promotes the integration of academic research and educational practices, contributing to the construction of a more reflective society aware of the transformative power of language.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 FUNCIONALISMO, LÍNGUA E TEXTO.....	18
2.1 Funcionalismo	19
2.2 Linguística textual	22
3 MULTIMODALIDADE E TIRAS DE HUMOR	27
3.1 Textos multimodais	27
3.2 A tira de humor e os aspectos constitutivos do seu gênero	32
3.3 A multimodalidade e a construção de sentido nas tiras de humor	37
4 DISCURSO E HUMOR EM TIRAS	42
4.1 A construção do humor: uma questão de efeito de sentido	42
5 O FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO	48
5.1 O fenômeno da referenciação	48
5.2 Anáforas	53
5.3 O caso das anáforas indiretas	55
5.3.1 Fenômeno 1: anáfora indireta com categorização de um novo referente	58
5.3.2 Fenômeno 2: anáfora indireta com recategorização lexical (implícita ou não)	59
5.3.3 Fenômeno 3: anáfora encapsuladora (meio direta, meio indireta – rótulos, quando por sintagma nominal)	60
6 METODOLOGIA.....	62
6.1 Definição da pesquisa	63
6.2 Constituição do <i>corpus</i>	64
6.3 Contextualização do <i>corpus</i>	67
6.3.1 Quem é André Dahmer	67
6.3.2 Os temas das tiras de Dahmer	68
6.3.3 O humor de Dahmer	69
6.4 Procedimentos de Análise	70

7 ANÁLISES	74
7.1 Fenômeno I: Anáfora indireta com categorização de um novo referente	74
7.1.1 Tira 1.....	75
7.1.2 Tira 2.....	78
7.2 Fenômeno II: Anáfora indireta com recategorização lexical (implícita ou não)	81
7.2.1 Tira 3.....	82
7.2.2 Tira 4.....	85
7.3 Fenômeno III: Anáfora encapsuladora	87
7.3.1 Tira 5.....	87
7.3.2 Tira 6.....	90
7.4 Discussão das análises empreendidas: O Papel das Anáforas Indiretas no Humor e na Crítica Social das Tiras de Dahmer	92
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS	99
ANEXO A – EMAIL DE AUTORIZAÇÃO	102

1 INTRODUÇÃO

O mundo das tirinhas de humor é um espaço peculiar por diversas razões, mas sobretudo, talvez, pela amplitude das possibilidades referentes à criatividade temática e estilística, pelo aspecto verbo-visual da sua linguagem e também pela riqueza dos seus aspectos e constituintes textuais, características que se entrelaçam sistematicamente na criação desses microcosmos de entretenimento e de reflexão. Diante desse conjunto de peculiaridades é que também surgem, no campo dos estudos da linguagem, inúmeros novos problemas científicos, que correspondem aos mais variados elementos que dizem respeito a essa unidade textual a que damos o nome de tirinha. Desde as questões que tocam a sua formação intrínseca até as problemáticas que versam sobre o seu *gênero textual*, muitos são os debates que têm, cada vez mais, dado atenção a esse tipo de texto, principalmente tendo em vista a sua ampla circulação em ambientes virtuais, a facilidade da sua recepção pelo público alvo, a sua multiplicidade semântico-temática, as amplas possibilidades de interpretação, a sua constituição sígnica verbo-visual etc.

Figura 1 – Exemplo 1



Fonte: Instagram *André Dahmer* (28/11/2024)

A tirinha acima foi escolhida para ser a primeira a ilustrar essa dissertação, pois é por meio de sua criatividade temática e estilística que ela utiliza o aspecto verbo-visual de maneira engenhosa para abordar uma questão contemporânea: a transformação das dinâmicas informacionais na era digital. Ao contrastar a busca ativa por informações no passado com o "excesso informacional" do presente, ela combina texto e imagem para construir um ambiente reflexivo e cômico, sintetizando em poucos quadros uma crítica social, uma piada ou algum tipo de informação. Essa interação sistemática entre linguagem verbal e elementos visuais evidencia a riqueza constitutiva desse gênero textual, que não apenas diverte, mas também

convida à reflexão. Como unidade textual, ela também suscita debates acadêmicos sobre sua formação intrínseca e sua constituição verbo-visual, oferecendo um campo fértil para problematizações científicas, como as realizadas nesta dissertação, que investiga o papel das anáforas indiretas na coesão textual e na construção de sentidos humorísticos.

Tomando o que foi dito acima como fundamento e ponto de partida é que a presente pesquisa deseja abordar, nos limites do complexo domínio teórico-analítico-metodológico da Linguística Textual (LT), como as *anáforas indiretas* possibilitam e influenciam o processo de construção semântica do humor em tiras cômicas, explorando os mecanismos linguísticos e gramaticais que sustentam esse procedimento, na sua ligação com fatores discursivos como o contexto de circulação e o gênero textual a que esse tipo de texto pertence. Tendo como objeto de estudo as tiras de humor de autoria de André Dahmer, busca-se analisar como a referência indireta contribui para a coesão textual e o efeito cômico de sentido, sob o entendimento de que este é um gênero que frequentemente mescla o verbal e o visual na sua constituição sócio-semiótica com vistas à produção dos seus sentidos humorísticos. Essa investigação se insere, contudo, em um contexto mais amplo de análise linguístico-discursiva, conectando perspectivas teóricas e campos diferentes, mas vinculados, tais como o funcionalismo, a LT, os estudos sobre a multimodalidade e os debates discursivos sobre os gêneros e a construção processual de sentido do humor.

Em complemento, o problema de pesquisa que orienta este estudo parte da seguinte questão norteadora: de que maneira as anáforas indiretas contribuem para a construção do humor nas tiras cômicas de André Dahmer? Para responder a essa pergunta, foram traçados três objetivos principais, que se interligam nos diversos momentos constituintes desta dissertação: a) identificar os tipos de anáfora indireta mais recorrentes nas tiras de Dahmer; b) analisar como esses mecanismos referenciais influenciam a construção de sentido do humor; e c) explorar os aspectos linguísticos e gramaticais que sustentam esse processo, com ênfase na função das anáforas indiretas então identificadas.

A principal base teórica sobre a qual se fundamenta esta investigação é composta por obras que contribuem para a compreensão de diferentes aspectos do tema. Em primeiro lugar, toma-se o estudo de Antunes (2009), em sua obra *Textualidade*, que oferece uma análise aprofundada dos fenômenos da coesão e da coerência, profundamente essenciais para o entendimento dos modos como as anáforas indiretas operam nas tiras de humor.

Em segundo, ainda se busca referência teórica em Travaglia (1989) e Possenti (2010), tomada aqui como fundamental para o esclarecimento do discurso humorístico e das problemáticas referentes aos gêneros, destacando como o humor é construído a partir de

referências implícitas e indiretas. Em quarto, busca-se a perspectiva de Catto (2013) que, ao discutir letramento multimodal, expande essa análise ao considerar a interação entre diferentes modos semióticos, como o texto fundamentalmente verbal e a imagem, que formas sócio-semióticas típicas da composição das tiras de humor. A proposta classificatória de expressões referenciais de Cavalcante (2017), por sua vez, complementa essa abordagem ao fornecer ferramentas teóricas para categorizar as anáforas indiretas presentes nos textos focalizados.

Do campo do funcionalismo, de cujo conteúdo vamos tratar na segunda seção, utilizam-se como bases as reflexões de Givón (1995), que possibilitam a formação de uma perspectiva sobre a relação entre a gramática e a função comunicativa, o que auxilia teórica e metodologicamente a desvendar e a elucidar os aspectos funcionais dos mecanismos linguísticos que fundamentam as anáforas indiretas. Com Marcuschi (2005), procura-se um aprofundamento da discussão sobre as anáforas, sobretudo partindo do seu estudo *Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras*, em que é destacado como esses procedimentos referenciais contribuem para a coesão textual e a construção de sentido, aspectos essenciais principalmente no processo de construção do sentido humorístico nos textos de Dahmer. Por fim, recorre-se às ponderações sobre a relação entre língua e humor tal como são amplamente exploradas por Possenti (2010) em *Os humores da língua*, texto em que o autor discute os aspectos linguísticos que criam o efeito cômico, uma discussão que oferece um embasamento para a análise das estratégias humorísticas nas tiras, tendo em vista uma série de elementos morfossintáticos implicados, assunto de que trataremos mais adiante.

Com base nesse arcabouço teórico-metodológico que comporá a seção número 2, o trabalho subsequente se acha organizado em seções correspondentes que especificam cada aspecto da pesquisa. Ainda na seção 2, *Funcionalismo, língua e texto*, é discutido como as teorias funcionalistas oferecem uma perspectiva sobre a relação entre estrutura linguística e função comunicativa, aplicando essa abordagem especificamente ao gênero das tiras de humor. A seção 3, *Multimodalidade e tiras de humor*, explora como a integração de elementos sócio-semióticos verbais e visuais contribui para a construção de sentido do humor, com base nas teorias de multimodalidade e letramento contemporâneos. Na seção 4, *Discurso e humor em tiras*, é debatido como os gêneros as estratégias de humor interagem discursivamente para a criação dos efeitos cômicos, com ênfase no que é discutido tanto por Travaglia quanto por Possenti.

A seção 5, *O fenômeno da referenciação*, trata especificamente dos processos de referenciação, com a finalidade de explorar como as anáforas indiretas moldam o discurso nas tiras de Dahmer. Já a seção 6, *Metodologia*, detalha as abordagens qualitativas adotadas pelos

processos de análise das tiras, justificando a escolha do *corpus* e descrevendo os procedimentos analíticos empregados. A seção 7, *Análise*, é focalizadamente dedicado à análise detalhada das tiras selecionadas, com um exame e uma avaliação, baseados no referencial teórico antes mobilizado, dos diferentes fenômenos de anáfora indireta e seu impacto na construção do humor. Por fim, na seção 8, *Considerações finais*, serão discutidos os principais resultados da pesquisa, com uma centralidade da reflexão sobre as contribuições da perspectiva funcionalista em LT são demasiadamente importantes para o desenvolvimento da compreensão linguístico-discursiva das anáforas indiretas como um mecanismo fundamental para a construção do que chamamos de sentido do humor nas tiras e sugerindo possíveis direções para estudos futuros.

Assim, esta dissertação visa a contribuir tanto para o campo da Linguística, com uma delimitação mais particular ao domínio da LT de perspectiva funcionalista-discursiva e aos limites das investigações focadas nas problemáticas concernentes à referenciação, quanto para o conjunto de pesquisas do humor ligado ao ponto de vista dos estudos da linguagem, sobretudo ao proporcionar uma análise detalhada de como uma série específica de estratégias linguísticas e discursivas, como as anáforas indiretas, são fundamentais e, portanto, necessárias para o processo de construção do sentido humorístico em tiras cômicas. Ao explorar as relações entre linguagem e humor, este trabalho, ao mesmo tempo, busca ampliar a compreensão sobre o papel dos mecanismos referenciais no gênero das tiras, oferecendo, por conseguinte, novas perspectivas teórico-metodológicas para o estudo e a compreensão de textos humorísticos que combinam fundamentalmente elementos verbais e visuais.

2 FUNCIONALISMO, LÍNGUA E TEXTO

Como preâmbulo, deve-se ter em mente que esta seção explora a interação entre funcionalismo, língua e texto, com o objetivo de ofertar um entendimento detalhado de como as teorias funcionalistas possibilitam uma determinada compreensão teórico-metodológica da compreensão da linguagem e suas aplicações textuais, bem como dos diversos fenômenos que lhe são inerentes, como a língua e o texto. O objetivo, aqui, é conceder uma base teórica sólida para uma adequada orientação das investigações subsequentes sobre o uso linguístico em diferentes contextos, com foco especial no gênero das tiras de humor.

Na subseção 2.1, o funcionalismo linguístico será examinado enquanto uma abordagem que vê a linguagem como um instrumento e um meio de interação social. Essa perspectiva considera a comunicação verbal como uma atividade cooperativa, governada por regras e normas que facilitam a troca de informações entre os interlocutores através de diferentes tipos de texto. Os estudos de Neves (2018) e Cunha (2020) são fundamentais para o entendimento de como as expressões linguísticas são moldadas tanto pelas regras internas do sistema linguístico, quanto pelas normas pragmáticas advindas dos mais variados contextos em que são usadas, assimiladas, reformuladas e difundidas. Esse panorama teórico é o que permitirá que se compreenda nesta pesquisa como e de que forma se dá a complexa relação entre estrutura gramatical e contexto comunicativo, destacando como os elementos linguísticos são utilizados para atingir propósitos específicos na comunicação diária. Especial atenção será dada às tiras de humor, em que a riqueza de referências e de jogos linguísticos proporciona um campo fértil para a análise das anáforas indiretas e também de outros fenômenos linguísticos.

Já na subseção 2.2, a ampla relação entre língua e texto será conceitualmente abordada, com um foco na construção de sentido dentro do gênero das tiras de humor. Será explorado igualmente como a coerência textual se manifesta nesse tipo de texto, que combina elementos verbais e imagéticos em sua tessitura com vistas à sua constituição linguística. A teoria de Koch & Travaglia (2009) sobre a importância do contexto comunicativo para a interpretação das mensagens será crucial para que se possa entender a construção de sentido nas tiras de humor. Além disso, será discutido o conceito de referenciação como um processo dinâmico e flexível, fundamental para a produção de sentido nos textos. Pesquisadores como Mondada e Dubois (2003) e Cavalcante (2015), Custódio Filho e Brito (2014) fornecem, em complemento aos fundamentos anteriormente mencionados, uma base teórica para a compreensão dos mecanismos referenciais e como eles operam na interação social e cognitiva.

Tendo isso em vista, é que se vê o quanto a Linguística Textual oferece ferramentas para

a análise da coesão e da coerência dos textos, especialmente quando se lida com a complexidade das tiras de humor. A interação entre os elementos textuais e imagéticos (verbais e visuais) requer uma abordagem outra, que considere tanto as estruturas linguísticas, quanto às práticas discursivo-contextuais dos interlocutores. A perspectiva sociocognitivo-discursiva, que enfatiza a construção de sentidos, será empregada, a seguir, no exame dos modos como as anáforas indiretas e outros recursos linguísticos contribuem para o efeito humorístico e a eficácia comunicativa das tiras.

Esta seção, portanto, dará os elementos necessários a uma compreensão aprofundada de como o funcionalismo linguístico e a análise textual podem ser aplicados ao estudo de textos específicos, preparando o terreno para uma investigação analítica detalhada das tiras de humor e seus mecanismos linguísticos.

2.1 Funcionalismo

A perspectiva funcionalista nos estudos linguísticos se distingue por abordar a interação verbal como uma atividade, ao mesmo tempo, cooperativa e estruturada. Conforme explanado por Neves (2018), essa interação é governada por regras, normas e convenções, que exigem a participação de ao menos dois indivíduos para se efetivar. As expressões linguísticas, vistas como instrumentos usados pelos interlocutores, são tanto regidas por regras internas do sistema linguístico quanto moldadas por normas pragmáticas que definem os padrões de interação social pela linguagem. Logo, é tarefa da linguística funcionalista abarcar não apenas os elementos linguísticos referentes aos sistemas semântico, sintático, morfológico e fonológico, mas também e principalmente o conjunto das regras pragmáticas, referentes às interações linguístico-discursivas nos diferentes contextos, que regem os variados usos dessas expressões nas situações comunicativas.

Tal ponto de vista teórico-metodológico, como delineado por Cunha (2020), contrasta com as abordagens mais fundamentalmente estruturalistas e gerativistas ao enfatizar a relação entre a estrutura gramatical e os contextos comunicativos. Essa vertente, desse modo, busca entender as regularidades observadas na língua a partir das condições discursivas em que ocorrem. A linguagem é vista essencialmente como uma ferramenta e uma concretização da interação social, o que alinha o funcionalismo à perspectiva que analisa a interface entre linguagem e sociedade. Nesse contexto, pode-se já antever que as tiras de humor, com sua riqueza de referências e jogos linguísticos, proporcionam um campo propício para a análise funcionalista de diferentes fenômenos linguísticos, tal como o das anáforas indiretas.

A proposta funcionalista de análise linguística, ainda segundo Cunha (2020), fundamenta-se em duas premissas principais: em primeiro lugar, que a língua cumpre funções externas ao seu próprio sistema; em segundo, que essas funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico. Isso implica que o estudo da gramática deve considerar não somente as regras internas de formação dos enunciados/textos, mas também como esses enunciados/textos são utilizados na prática comunicativa diária. No caso das tiras de humor, as anáforas indiretas frequentemente dependem de um contexto compartilhado entre autor e leitor para serem compreendidas. Assim sendo, pode-se compreender, de forma geral, que “a língua não constitui um conhecimento autônomo, independente do comportamento social, ao contrário, reflete uma adaptação, pelo falante, às diferentes situações comunicativas” (Cunha, 2020, p. 158).

Na mesma linha de pensamento, Cunha, Costa & Cezario (2015) apontam que o funcionalismo linguístico contemporâneo vem se caracterizando por ver a linguagem como um instrumento de interação social e por buscar no contexto discursivo-pragmático o conjunto das motivações para os fatos linguísticos. Isso significa que a linguagem não tem sido vista como um sistema puramente autônomo e estático, mas como uma organização de caráter dinâmico e contextualmente situado. No caso, por exemplo, das tiras de humor, essa abordagem permite analisar como os elementos linguísticos são moldados para criar efeitos cômicos específicos através de estratégias referenciais.

No mesmo viés, Neves (2018) postula, por sua vez, que qualquer abordagem funcionalista deve se perguntar como a comunicação é efetivamente realizada na língua em estudo. O foco está, portanto, na eficiência da interação linguística entre os usuários. Tal entendimento é demasiadamente importante, sobretudo por evidenciar que há um complexo e profundo intercâmbio discursivo-contextual constitutivo dos processos linguísticos e da formação dos textos e da língua, que perfaz intrinsecamente os modos de formação, de uso e de mudança das estruturas linguísticas. Quando se trata das tiras de humor, as anáforas indiretas frequentemente, a título de exemplo, remetem a informações implícitas ou a conhecimentos compartilhados, tornando-se uma ferramenta mais do que fundamental para a construção do humor enquanto um sentido derivado dessa interação. Elas aí, portanto, ultrapassam a dimensão puramente linguística dos textos, remetendo a diversas condições contextuais ou situacionais e mobilizando ativamente o sujeito no processo de interpretação e de associações ligadas à relação texto/contexto. A análise funcionalista, conseqüentemente, pode revelar como esses processos de referenciação estão estruturados e como contribuem para o efeito cômico desejado.

De acordo com Cunha, Costa & Cezario (2015), a língua, quando se toma esse ponto de vista funcionalista em consideração, não é e não pode ser um mero mapeamento arbitrário de ideias para enunciados, nem uma simples elencação dos aspectos formais e gramaticais que a constituem independentemente dos seus traços funcionais e pragmáticos (ou seja, contextuais-discursivos). Ao mesmo tempo, tem-se a ideia de que os níveis que compõem a totalidade da língua, como o semântico, o fonológico, o morfológico, o pragmático e o sintático, não devem ser abordados de maneira analítica como se não se integrassem, se regulassem e fossem linguisticamente imbricados. De igual modo, razões humanas, de importância e complexidade variáveis, refletem-se nas estruturas linguísticas. Dessa forma, os elementos estruturais da sintaxe, por exemplo, acham-se intimamente ligados às estruturas semântico-cognitivas subjacentes. Na análise de tiras de humor, essa perspectiva então permite explorar como as anáforas indiretas refletem não apenas a estrutura gramatical, mas também processos cognitivos e culturais compartilhados pelo público alvo, nos limites de grupos sociais diversificados.

É por isso que a concepção funcionalista da linguagem, conforme evidencia Neves (2018), é tanto funcional quanto dinâmica. É funcional porque não separa o sistema linguístico das suas funções pragmáticas e é dinâmica porque reconhece a instabilidade e a evolução constante da relação entre a estrutura e a função. Essa característica se torna bastante evidente no contexto das tiras de humor, uma vez que esses aspectos são marcantes devido à exigência segundo a qual a linguagem deva adaptar-se continuamente aos fins comunicativos e aos contextos sociointeracionais em que se insere. Nesse sentido, Macedo (1998, p. 72) diz que “o ponto central do enfoque funcionalista é o fato de ser a estrutura da gramática explicada como resultado de funções de outras esferas, especialmente os níveis cognitivos e comunicativos”.

Dessa perspectiva funcionalista, decorre que a *gramática funcional*, conforme enfatiza Neves (2018), visa a explicar as regularidades linguísticas com base nas circunstâncias de uso da língua. Isso fomenta uma perspectiva “natural” de análise gramatical, em que o foco se encontra nos usos reais da língua, tal como se desenvolvem ao longo das gerações. É com base em tal abordagem que se consegue principiar, tendo em vista as tiras de humor como uma forma real de uso da língua e da linguagem, uma investigação detalhada dos recursos especificamente linguísticos empregados para a criação do humor, em especial por meio das anáforas indiretas como um elemento essencial para que os leitores se engajem nesse processo interacional de construção do sentido humorístico. Para a referida autora, o estudo do funcionalismo se configura, assim, com o objetivo de “fixar a competência discursiva no foco

dos estudos linguísticos e, ao lado da noção essencial de que a linguagem é um instrumento de comunicação, a proposta aponta para um tratamento ‘funcional’ da própria organização interna da linguagem” (Neves, 2018, p. 17).

Temos então que a perspectiva funcionalista é de enorme importância para este estudo exatamente porque procura analisar, compreender, interpretar, explicar e definir os vários mecanismos linguístico-discursivos a partir dos aspectos ligados ao uso da língua, em íntima consideração dos contextos de comunicação, buscando identificar e avaliar as intenções dos falantes e todo o conjunto de efeitos de sentido em que os elementos do sistema da língua são mobilizados e utilizados com um determinado fim comunicativo, tendo em vista também as múltiplas relações de interlocução. Como o sentido humorístico é essencialmente instituído e determinado nas muitas formas de jogo linguístico, levando em conta as inferências e os mais diversos traços das expectativas pragmáticas, o funcionalismo é indispensável como uma perspectiva que permite um entendimento mais global e contextual de todos os elementos que interagem para produção do efeito de sentido.

Portanto, é possível reconhecer que conceituar e operar a perspectiva funcionalista nos estudos linguísticos é uma tarefa muito complexa (Neves, 2018). Essa complexidade decorre justamente do fato de que os estudos funcionalistas abrangem uma variedade de abordagens, cada uma com suas próprias particularidades e pontos de vista que, apesar de distintos fundamentalmente, podem ser reunidos sob uma mesma etiqueta conceitual. É daí que se tem um aspecto em comum entre essas abordagens diferentes: *o foco na relação entre a linguagem e o uso social*. Ao analisar as tiras de humor, irá se ver como a linguagem não é moldada apenas por sua estrutura interna, mas também pelas exigências comunicativas e pelos contextos em que ocorre, com ênfase nas anáforas indiretas como importantes dispositivos de referenciação, o que justifica ainda mais uma abordagem funcionalista que foque sobretudo no contexto pragmático.

2.2 Linguística textual

Ao abordar os conceitos de língua e de texto, é imprescindível reconhecer, com vistas ao objetivo principal desta pesquisa, como o fenômeno da *coerência textual* se manifesta no gênero das tiras de humor. Esse tipo de texto, composto por elementos verbais e imagéticos (visuais), exige uma atenção especial à sua construção de sentido. De acordo com as pesquisas de Koch & Travaglia (2009), a coerência é alcançada sobretudo pela interação entre os usuários da língua, o que revela a importância do contexto comunicativo para a interpretação das

mensagens, a partir das percepções de ligação e relações harmônicas que possibilitam uma amarração das ideias de um texto. As tiras de humor, ao integrarem constitutivamente elementos verbais e visuais, criam um ambiente complexo em que a significação se dá pela confluência desses diferentes modos de expressão. Como dizem os referidos autores,

Ela [a coerência] é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo ser vista, pois, como um princípio de interpretabilidade do texto. Assim, ela pode ser vista também como ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor do texto (que o interpreta para compreendê-lo) tem para calcular o seu sentido (Koch; Travaglia, 2009, p. 13-14).

A concepção de referenciação, entendida como um processo dinâmico e flexível, é, desse modo, essencial para que se institua a compreensão de como os textos produzem sentido ou de como o sentido emerge da interação comunicativa então estabelecida entre os interlocutores e entre estes e o texto, ou seja, para a dita coesão referencial, levando em consideração também todos os elementos contextuais e pragmáticos e os demais *fatores textualidade*, como situacionalidade, informatividade, intencionalidade, intertextualidade etc. (Koch, 2015), que entram em jogo no processo de comunicação linguístico-discursiva. Mondada e Dubois (2003) e pesquisadores brasileiros como Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), entre outros, têm aportado concepções teóricas que esclarecem os mecanismos referenciais. De acordo com essa perspectiva, a referenciação, portanto, envolve a construção e a estabilização de *objetos do discurso* através da interação social e cognitiva, desafiando a ideia de que as referências linguísticas são fixas e pré-definidas e de que se estabeleceriam apenas imanentemente, ou seja, por meio somente dos elementos linguísticos intrínsecos ao texto.

É por tais razões que se tem compreendido, cada vez mais, que a LT, em especial quando representada por uma vertente aliada a uma perspectiva mais funcionalista, tem contribuído significativamente para as análises textuais e discursivas contemporâneas. Particularmente a abordagem sociocognitivo-discursiva, que entende de forma mais dinâmica e contextual os processos referenciais, oferece um novo olhar, mais dinâmico e interacional, sobre as noções de texto e coerência textual. Em uma perspectiva de caráter interacionista, essas análises levam necessariamente em consideração a co-construção de sentidos e a negociação constante que ocorre entre interlocutores. Dessa forma, a referenciação não é um processo estático e limitado aos constituintes intrínsecos, mas, sim, uma atividade que reflete a dinâmica dos contextos de uso da língua.

A instabilidade das categorias está ligada a suas ocorrências, uma vez que elas estão situadas em práticas: práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas; práticas do sujeito ou de interações em que os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo (Mondada e Dubois, 2003, p. 29).

O poder referencial da linguagem tem sido debatido intensamente, em especial nas ciências experimentais e naturais, que, com frequência, pressupõem um mundo autônomo e discretizado em entidades independentes. No entanto, a linguística moderna, sobretudo a que se tem feito mais contemporaneamente, argumenta que a referencialidade depende, de modo fundamental, da atividade social dos sujeitos. São eles que constroem e estabilizam o mundo através das suas práticas discursivas, mostrando que a linguagem vai além de meras representações ajustáveis a um mundo preexistente e supostamente dado. Daí a importância de associação entre uma abordagem da LT e a perspectiva funcionalista, que se justifica na medida em que os textos, sejam quais forem as suas composições sócio-semióticas, precisam ser compreendidos como unidades dotadas de coesão e que demandam uma coerência cujos fatores mais determinantes estão nos contextos pragmáticos, nos diversos modos de uso da língua, na dimensão sociocultural de apropriação dos constituintes do sistema e na interação entre interlocutores e entre eles, os contextos e os textos. Tudo isso faz com que um ponto de vista funcionalista dê a tônica no modo como as análises textuais podem ser feitas e quais são os seus objetos centrais de análise e de interpretação.

As práticas discursivas, por seu turno, estão fortemente relacionadas às categorias linguísticas e à sua instabilidade. E, nesse processo, as atividades linguísticas e cognitivas são centrais na forma como os sujeitos negociam interpretações provisórias do mundo, tendo como ponto de partida o conjunto das suas práticas socioculturais e históricas. Essa negociação é, aliás, essencial para o reconhecimento da instabilidade do mundo na referencialidade, o que demonstra que qualquer tentativa de fixar significados de forma definitiva é insuficiente e pode contradizer a realidade do fenômeno linguístico em questão. Através da interação, os participantes constroem e reconstróem, estabilizam provisoriamente e desestabilizam, assumem e modificam segundo regras ínsitas as referências, continuamente.

Na LT, a abordagem sociocognitiva preconiza que os enunciados devem ser analisados em uso, refletindo suas reinterpretações contextuais contínuas. Cavalcante (2015) destaca que não basta abstrair estruturas fixas dos enunciados; é necessário entender como os sentidos e as referências são categorizados em situações específicas. Esse processo de ajuste e de reinvenção constante implica que nunca há um controle absoluto sobre as regras e os modelos subjacentes,

fazendo com que a análise linguística deva sempre considerar o contexto. A autora aponta que objetivo da LT, nesse ponto de vista analítico, é

Ao contrário dos estudos semântico-cognitivos, a sociocognição pressuposta na Linguística Textual só se ocupa de enunciados em uso, mas não para abstrair deles estruturas e regras abstratas que seriam válidas para dados comportamentos linguísticos. Importa-nos interpretar os sentidos e as referências (re)categorizadas ad hoc em situações específicas de elaboração e reconstrução do texto. Os conhecimentos compartilhados não se supõem apenas “convocados”, mas também ajustados a cada particularidade contextual em que se “desajustam” e se reinventam a todo instante, de maneira que nunca há total controle sobre regras e modelos subjacentes (Cavalcante, 2015, p. 373-374).

A complexidade dos diversos processos sociocognitivos, linguísticos e discursivos varia de acordo com uma série de fatos, que vão desde a natureza do gênero do texto (ensaio filosófico, bilhete, obra literária etc.), até os modos como esses mesmos textos se materializam significativamente, isto é, se são orais, escritos, imagéticos etc. A comunicação escrita, por exemplo, requer que o interlocutor ative conhecimentos cognitivos e linguísticos para a construção dos sentidos do texto, especialmente quando surgem aparentes falhas na constituição textual. Koch e Elias (2006) argumentam, nesse viés, que tais ações são fundamentais para a interpretação correta. É necessário considerar, com isso, o contexto de produção do texto, pois é ele que influencia diretamente a forma como as informações são compreendidas e interpretadas, sublinhando a importância do papel ativo do leitor.

Por isso, a reflexão sobre a construção do sentido no texto é essencial. Segundo Koch (2003), o sentido não está dado no texto em si, mas é construído durante a interação entre os interlocutores. Isso, que deve ser sempre tomado como um pressuposto fundamental para uma investigação como esta, significa que a interpretação é um processo dinâmico influenciado pelas experiências e pelos conhecimentos prévios dos leitores. A interação entre texto e leitor é crucial para a construção do significado, destacando a natureza colaborativa do processo de leitura, esta passando a ser admitida não mais como uma instância passiva de recepção de um sentido já dado ou de decodificação de um significado inteiramente veiculado, mas como uma dimensão ativa que penetra o texto, interage pela linguagem e participa da construção intercambiante e dinâmica dos sentidos produzidos nessa relação comunicativa.

É daí que, conseqüentemente, vem a importância dos estudos sobre os gêneros textuais/discursivos, pois eles partem da compreensão de como é necessária a existência da competência linguística para uma interação efetiva na prática social. As capacidades de ler, escrever e falar de maneira adequada aos objetivos específicos e às características dos

interlocutores é fundamental, segundo as necessidades dos contextos comunicativos e as demandas advindas das formas de uso da linguagem. A competência textual envolve, assim, não apenas a identificação da classe do texto, mas sobretudo a adaptação às exigências e às atividades sócio-culturais então implicadas no processo de interação linguística. Dessa forma, o domínio dos gêneros textuais é vital para um entendimento mais acurado de como se dá uma comunicação eficaz em diferentes contextos. Nesse contexto, o texto escrito se constitui a partir da interação entre os interlocutores, onde circulam significados, relações e conhecimentos que são mobilizados e geram novos saberes. Nesse processo de comunicação social, vários elementos do ato comunicativo desempenham um papel crucial na construção dos sentidos, como as intenções do autor, as diferentes formas de linguagem mental de cada participante, e o conhecimento compartilhado, entre outros fatores (Koch, 2002).

Finalmente, ao analisar os processos de referenciação por anáforas indiretas em tiras de humor, é necessário considerar todas essas variáveis interativas e contextuais. As anáforas indiretas requerem do leitor um uso efetivo dos mecanismos que propiciam a inferência e a ativação de conhecimento prévio para que o humor, enquanto um sentido efetivo dimanado da interação, seja efetivamente apreendido. A coesão e a coerência dessas tiras dependem da habilidade do leitor de conectar elementos explícitos e implícitos, fazendo da leitura uma atividade inerentemente ativa e colaborativa.

3 MULTIMODALIDADE E TIRAS DE HUMOR

A seção aborda inicialmente a multimodalidade em textos que circulam em suportes tecnológicos, enfatizando como essa integração de modos semióticos expande a visão tradicional de texto e de letramento. Jewitt (2008), a propósito, destaca a importância de considerar diversos recursos semióticos, como texto e imagem, na construção de significado. A análise se concentra na interação entre esses elementos, essencial para compreender a complexidade das tiras de humor.

Em seguida, o foco se voltará para o gênero das tiras de humor. Serão discutidas a estrutura, as características e a importância dos elementos visuais na construção do humor, com base nos estudos de Ramos (2010). A análise dos elementos não verbais, como expressões faciais e organização espacial dos quadros, será fundamental para entender a narrativa e a criação do sentido humorístico nas tiras cômicas.

A seção também explorará, em seguida, a multimodalidade e a construção de sentido nas tiras de humor, examinando como a combinação de diferentes modos semióticos contribui para a criação de piadas e anáforas indiretas. Rojo e Moura (2019) discutem a dimensão multissemiótica contemporânea, enquanto Kress (2010) e Kress e Van Leeuwen (2006) exploraram o potencial de cada modo de significação. Esses estudos serão fundamentais para a compreensão de como elementos verbais e visuais interagem para a construção dos significados mais profundos e sutis, enriquecendo a experiência de leitura e de compreensão do humor.

Dessa forma, esta seção oferece uma análise detalhada e teórica da multimodalidade em tiras de humor, baseando-se em autores renomados e estudos relevantes para aprofundar a compreensão desse gênero discursivo.

3.1 Textos multimodais

A multimodalidade em textos que circulam em suportes tecnológicos é um fenômeno que desafia a visão tradicional de letramento, centrada exclusivamente nas habilidades de leitura e escrita de textos eminentemente verbais. Segundo Jewitt (2008), é crucial expandir essa visão para incluir uma abordagem mais abrangente da linguagem como gênero textual, considerando os diversos recursos semióticos então mobilizados na construção de sentido. Essa expansão se torna ainda mais pertinente no contexto contemporâneo, marcado por avanços tecnológicos significativos e pela globalização, que aproximam diversas culturas e sociedades. No caso das tiras de humor, esses recursos semióticos são essenciais para compreender a

interação entre texto e imagem, especialmente na análise de processos de referenciação por anáforas indiretas.

Essa reconfiguração social, em termos de produção de sentido, revela, assim, uma noção ampliada de texto, como discutido por Kress (2003). Ele define texto como *qualquer instância comunicativa em qualquer modo semiótico ou combinação de modos*, contrariando a visão de texto limitada à linguagem verbal escrita. O letramento multimodal, portanto, repousa em premissas que, por um lado, desafiam a visão hegemônica e tradicional centrada unicamente na linguagem verbal como essencial ou suficiente por si só, reconhecendo, por outro, as potencialidades específicas de cada modo semiótico na comunicação e na representação. Quando se trata de textos como as tiras de humor, é bastante evidente como a combinação de componentes verbais e visuais cria um contexto necessário e sistematicamente articulado para a sua constituição textual-discursiva, um ambiente rico para a análise das anáforas indiretas, em que o sentido é construído não apenas pelos constituintes verbais, mas pela consubstanciação e pela interação entre estes e os elementos de natureza sígnico-semiótica visual, ou seja, as imagens.

Apesar da importância que vem se dando cada vez mais ao letramento multimodal, algumas pesquisas, equivocadamente, limitam a abordagem dos multiletramentos somente à multimodalidade. Duncum (2004), por exemplo, define multiletramento como *a produção de sentido por meio da interação de diferentes modos semióticos*. Essa visão, no entanto, é restritiva, pois os multiletramentos abrangem uma gama mais ampla de práticas e de habilidades necessárias para a compreensão e para a produção de significados em um mundo tecnologicamente avançado e culturalmente diversificado. Para a análise das tiras de humor, é vital, a título de exemplificação, reconhecer que a multimodalidade permite explorar como diferentes *modos* interagem para criar humor e significado, especialmente no uso de anáforas indiretas. É por esse motivo que uma abordagem que alia a perspectiva multimodal às reflexões próprias sobre o multiletramento contribuem significativamente para a construção de um quadro teórico-metodológico que possibilita uma análise mais efetiva desse tipo de texto enquanto uma realidade viva e complexa da linguagem em uso.

Tudo isso, porém, é diferente de multiletramentos. O letramento multimodal tem a ver necessariamente com as múltiplas condições de desenvolvimento de interpretação e de produção de sentidos através de diversos mecanismos sígnico-semióticos, como texto, texto-imagem, som, gesto etc. Já o conceito de multiletramentos é mais geral e envolve não apenas a multimodalidade. Ele igualmente comporta os traços da variedade sociocultural e tecnológica nos contextos dos letramentos. Essa distinção é necessária, apesar de ser frequentemente

esquecida.

E isso se encontra ligado ao fato de que os textos baseados em tela são igualmente complexos, em especial porque se configuram como conjuntos multimodais que incluem imagem, som, movimento animado e outros modos textuais-discursivos de representação e de comunicação, como textos que têm a sua constituição sógnico-semiótica estritamente vinculada ao suporte da sua ocorrência (digital ou virtual, na contemporaneidade) e a um contexto que possibilita a sua abrangente difusão por meios tecnológicos, o que determina tanto as formas da sua recepção em ambientes culturais diferenciados, quanto a configuração da especificidade do seu gênero, em particular. Nesse sentido, Jewitt (2005) argumenta que a escrita é apenas um desses modos e o seu significado precisa ser compreendido em relação aos outros modos presentes, intimamente constitutivos, pois cada modo oferece recursos específicos para a construção de sentido, assim como a forma como esses modos contribuem para a produção de sentido varia significativamente. Nas tiras de humor, é crucial que se entenda que a interação entre os elementos verbais e visuais é de fundamental importância e necessidade para a construção do sentido humorístico e para o estabelecimento da referência indireta, em que o texto verbal e a imagem juntos se articulam em um contexto mais amplo.

Às vezes, a escrita na tela torna-se “totalmente visual”. Isso ocorre quando o conteúdo da escrita é consumido por sua forma, transformando-se em imagem. Quando a escrita interage com outros modos na tela, a significação linguística pode se tornar ilegível e ser transformada, como observado por Jewitt (2002). Esse fenômeno, por si só, contribui para destacar a natureza dinâmica e interativa da multimodalidade em textos digitais, o que é ainda mais visível no tipos de textos aqui focalizados, uma vez que, nas tiras de humor, essa transformação pode ser usada estrategicamente para criar efeitos de sentido cômico e para desenvolver as anáforas indiretas que dependem da interação entre texto e imagem.

Figura 2 – Exemplo 2



Fonte: Instagram *André Dahmer* (13/12/2024)

Na tirinha apresentada acima, percebe-se a interação entre texto e imagem, exemplificando a transformação do conteúdo linguístico em elementos visuais que comunicam significados mais amplos. As legendas que descrevem as 'primeira', 'segunda' e 'terceira' desilusão amorosa funcionam como âncoras textuais, enquanto os objetos representados (bicicleta, carro e tanque de guerra) ilustram metaforicamente o aumento da resistência emocional do personagem após sucessivas decepções. Essa interação entre texto e imagem não apenas potencializa o efeito cômico, mas também demonstra como a multimodalidade é utilizada para desenvolver anáforas visuais e expandir a significação, evidenciando a capacidade de textos digitais ou visuais de transcender as barreiras da linguagem escrita, conforme destacado por Jewitt (2002).

Dito isso, deve-se forçosamente reconhecer que o caráter multimodal dos textos, sejam eles impressos, sejam digitais, impacta de modo fundamental e profundo as compreensões convencionais de leitura, deslocando a discussão de um eixo eminentemente filológico para um outro que, além de ampliar o conceito de texto, reconhece as potencialidades multimodais da linguagem, a natureza particular do seus gêneros, a relação desses textos e com os seus contextos e os seus suportes e a legitimidade desses tipos de texto tanto como objeto de análise linguística quanto como ferramenta importante no processo de letramento em geral. Kenner (2004) observa, a propósito, que mesmo os textos que dependem principalmente da escrita ainda fornecem informações visuais necessárias que são incorporadas ao processo de leitura. A organização espacial, a direção, o formato e o tamanho da escrita ou da fonte influenciam a interpretação do texto, tornando a leitura uma atividade ativamente multimodal. Nas tiras de humor, essa interação entre os elementos visuais e verbais, aliás, é fundamental para a criação de contextos humorísticos em que ocorrem as piadas e para a construção de referências indiretas que dependem da leitura integrada de texto verbal e de imagem.

Diante de uma concepção tão ampla e complexa de texto, que leva em conta o caráter multimodal da linguagem, tem-se semelhantemente uma outra noção de leitura e de compreensão, que devem ser admitidas como processos ativos em que há o engajamento dos interlocutores, sobretudo através dos mecanismos sociocognitivos e discursivos que são mobilizados nas efetivas ocorrências dos fatores de textualidade e os conhecimentos culturais necessários para a efetivação do procedimento interpretativo. É nesse viés que Kress (2003) enfatiza que comunicar é *trabalhar para produzir sentido*, e esse trabalho envolve mudanças nas coisas. Ele utiliza a metáfora da “paisagem comunicacional” para ilustrar como a produção de sentido é um processo ativo e contínuo, que demanda sempre uma atitude dos interlocutores e um envolvimento sociocultural da sua parte. A distribuição do “poder

semiótico” é central para essa concepção, em que tanto a escrita quanto a leitura são vistas como trabalhos semióticos que resultam em significação. Essa perspectiva é a que permite analisar, em textos como as tiras humorísticas, como o poder semiótico é distribuído entre texto verbal e imagem, especialmente no uso de anáforas indiretas para criar humor.

Além de tratar a escrita e a leitura como trabalhos, Kress (2003) ainda discute a criatividade como uma atividade ordinária e comum no dia a dia das pessoas, especialmente em situações que envolvem a linguagem. Essa visão democratiza a noção de criatividade, retirando-a de uma esfera conceitual mais restrita às produções artísticas e acadêmicas, por exemplo, e reconhecendo-a como uma parte intrínseca das interações linguísticas cotidianas. Tal ideia é muito importante para esta pesquisa, tendo em vista que os textos de que essa noção busca tratar se caracterizam por um alta e complexa atitude criativa, tanto no processo de produção quanto no de interpretação. A criatividade, nesse tipo de texto, é evidente sobretudo na forma como os autores combinam os elementos verbais com os componentes imagéticos para construir um contexto viável à constituição do sentido humorístico, utilizando as anáforas indiretas, que dependem de uma leitura multimodal, como integrantes indispensáveis desse processo.

Ribeiro (2015), por sua vez, além de ir ao encontro dessa concepção, expande essa ideia ao falar do poder de saber escrever e de manejar as linguagens para a produção de sentidos. Desde a alfabetização até o contato contínuo com materiais escritos, esse poder se manifesta na capacidade de ler bem, reagir diversificadamente e produzir diferentes textos. As formas de alcançar essa habilidade têm evoluído ao longo do tempo, especialmente com as mudanças tecnológicas, que oferecem novas ferramentas e oportunidades tanto para a produção de tipos distintos de texto quanto para a prática ativa do letramento. Nas tiras de humor, essa habilidade se reflete, por exemplo, na capacidade de interpretar e de criar piadas que se utilizam das anáforas indiretas como um mecanismo ou que nelas se fundamentam como meio, exigindo uma leitura atenta e integrada da totalidade do texto composto de elementos verbais e visuais.

Portanto, a multimodalidade em textos que circulam em suportes tecnológicos não apenas redefine o entendimento de texto e de leitura, mas também destaca a importância de considerar uma ampla gama de modos semióticos na produção e na interpretação de significados. Essa abordagem mais inclusiva, abrangente e dinâmica reflete a complexidade da comunicação no mundo contemporâneo e a necessidade de habilidades multimodais para navegar eficientemente nesse ambiente, além de que reconhece o fenômeno da linguagem como integralmente complexo e potencialmente multimodal. Mais adiante, se buscará mostrar

que, nos textos então analisados aqui, essa perspectiva se mostra especialmente relevante para a análise dos processos de referência por anáforas indiretas, em que, mais uma vez, é necessariamente presumido que a interação entre o verbal e a imagem se torna essencial para a construção do humor e do significado humorístico.

3.2 A tira de humor e os aspectos constitutivos do seu gênero

A pesquisa sobre tiras de humor, dentro do contexto da análise dos processos de referência por anáforas indiretas, acaba por evidenciar ainda mais a complexidade desse gênero. No cerne desta investigação, compreende-se que os elementos não verbais desempenham um papel crucial na compreensão da história narrada. Ramos (2010) destaca a relevância desses componentes, sejam eles as expressões, o formato dos balões, sejam as letras dos enunciados etc., já que contribuem significativamente para a construção da narrativa, independentemente de como são categorizados. Sob essa ótica, observa-se a importância da linguagem não verbal na construção do humor nas tiras, reforçando a noção de que os elementos visuais são tão indispensáveis quanto os verbais para a constituição dos textos desse gênero.

Além disso, as personagens das tiras de humor são centrais para a narrativa, funcionando como verdadeiras bússolas da história. Como Ramos (2010) assinala, as ações e as expressões das personagens são fundamentais para a sequência dos eventos. A forma como elas se movem e como se formam as suas expressões faciais ao longo dos quadros oferecem pistas cruciais para o entendimento do enredo e, no final, para a construção do sentido. Este é mais um exemplo da importância da linguagem não verbal, que, em muitas ocasiões, carrega a essência do humor e da narrativa, sendo essencial para o gênero das tiras cômicas.

Figura 3 – Exemplo 3



Fonte: Instagram *André Dahmer* (24/11/2024)

Na tira, observa-se uma reflexão metalinguística, em que o próprio autor é

representado como personagem tentando criar uma narrativa. Os aspectos constitutivos da tirinha são explicitados no texto que descreve os quadros, destacando o que deveria ser apresentado em cada um deles. Entretanto, o que se desenrola é a própria dificuldade do autor em concluir a história, subvertendo a expectativa inicial. Essa construção metalinguística evidencia a interação entre os níveis narrativo e autoral, desvelando o processo criativo como parte integrante da obra. A alternância entre a descrição textual dos quadros e a interrupção inesperada no desfecho, causada por um elemento externo ao enredo fictício — a fala de uma criança —, ressalta o caráter autorreferencial e explora os limites entre ficção e realidade. Assim, a tira não apenas ilustra o humor, mas também reflete sobre os próprios mecanismos de produção do gênero, ampliando as implicações dos aspectos constitutivos, tais como a quantidade de quadrinhos que seriam desenhados, os traços simples e a narrativa, na construção do sentido.

Uma questão relevante na compreensão desse gênero é a nomenclatura empregada para descrevê-lo. Ramos (2010) argumenta que os quadrinhos podem ser considerados um *hipergênero*, abarcando diversos subgêneros como cartuns, charges, tiras cômicas, e outras variações. Esse arcabouço teórico amplia a perspectiva sobre as tiras de humor, reconhecendo a multiplicidade de formas que coexistem sob a categoria geral de histórias em quadrinhos. Essa diversidade reflete, portanto, a complexidade do gênero, que utiliza tanto elementos verbais quanto visuais para a construção narrativa das histórias de maneira sucinta e eficaz. Segundo Ramos (2010), essa diversidade de gêneros é justificada por vários fatores, incluindo o meio em que serão apresentados.

A diversidade dos gêneros, nesse caso, está atrelada a uma série de fatores, como a intenção do autor, a forma como a história é rotulada pela editora que a publica, a maneira como a trama será recebida pelo leitor, o nome com o qual o gênero foi popularizado e que o tornou mais conhecido junto ao público (Ramos, 2010, p. 29).

No universo das histórias em quadrinhos, a combinação de elementos verbais e não verbais é o ponto distintivo que os diferencia de outras formas narrativas, como os textos literários de diversos gêneros (conto, crônica, novela, romance etc.). Ramos (2010) identifica três ordens principais de elementos não verbais: *icônicos*, *plásticos* e *contornos*. Cada um desses elementos contribui para a construção do sentido da tira. A representação dos seres e dos objetos (icônicos), as cores e as texturas (plásticos) e as linhas que delineiam as imagens e os balões (contornos) funcionam em conjunto para criar a configuração que dá o caminho de constituição do humor e da narrativa esperada no gênero.

Ao definir o que caracteriza uma tira cômica, Ramos (2010) já descreve o gênero como uma narrativa curta, geralmente composta por dois ou mais quadros, com personagens fixos ou variáveis, e que contém um final que provoca um efeito surpreendente, gerando o humor. Essa estrutura de narrativa curta e a presença de um desfecho inesperado são elementos centrais para a definição do sentido humorístico nas tiras cômicas. É nessa surpresa, nesse elemento de quebra de expectativa, que reside então o ponto semântico característico do humor típico desse gênero.

Contudo, não se pode ignorar que o humor, enquanto uma construção de um sentido que vai se estabelecendo pouco a pouco, perpassa toda a tira, não se limitando ao seu final ou não se dando tão somente em virtude do desfecho inesperado ou surpreendente. A análise de Ramos (2010) sugere que o humor está enraizado tanto nos enunciados verbais quanto nos não verbais, manifestando-se ao longo de toda a narrativa. Existe, frequentemente, um elemento chave ao longo da tira que desencadeia o riso, funcionando como um *estopim* que geralmente aparece no final, mas que é preparado minuciosamente ao longo dos quadros anteriores. Isso evidencia como a construção humorística das tiras de humor é um processo dinâmico que se faz a partir de uma reiteração semântica do outrora dito e de uma antecipação do que se dará a seguir, sempre baseada na expectativa constitutiva do imaginário cultural dos interlocutores a respeito de como se configuram tipicamente os diferentes textos de tal gênero. Tudo isso se forma na relação que é estabelecida entre os elementos verbais e não verbais que os constituem, bem como tendo em vista o contexto geral em que circulam e são recebidos.

Figura 4 – Exemplo 4



Fonte: Instagram André Dahmer (08/01/2025)

Nessa tirinha o humor está presente não apenas do desfecho inesperado, mas também da construção gradativa do sentido ao longo dos quadros. O enunciado verbal inicial — 'Você

não é mais meu marido, você casou com as redes sociais' — estabelece o conflito e já sugere uma crítica humorística à relação contemporânea com a tecnologia. No segundo quadro, o elemento não verbal — o 'flash' do celular no momento da despedida da esposa — reforça e subverte essa crítica, funcionando como o estopim que concretiza o humor, antecipado pela narrativa verbal e visual anterior. Essa dinâmica exemplifica o que Ramos (2010) aponta sobre o humor ser fruto da interação entre os enunciados verbais e não verbais, manifestando-se como um processo cumulativo e dinâmico. Além disso, a tira dialoga com o imaginário cultural contemporâneo, explorando um contexto amplamente reconhecido pelos leitores: a presença avassaladora das redes sociais na vida cotidiana, o que contribui para a ressonância do humor e da crítica implícita, de maneira que tudo esteja em relação com a constante exposição dos sujeitos às postagens.

O trabalho de Ramos (2013) sobre a nomenclatura das tiras cômicas, assim, traz à tona a instabilidade terminológica que ronda o gênero. Ele observa uma tendência crescente em utilizar a expressão “tiras cômicas” como sinônimo das tiras em geral, o que não é totalmente adotado, em particular, neste estudo, dado que muitas tiras tem relações com temáticas que, por mais que gerem um humor (ácido, sarcástico, irônico etc.), não são integralmente cômicas. Essa uniformidade terminológica simplifica a compreensão e facilita a análise do gênero, uma vez que as tiras cômicas predominam amplamente nos jornais, tanto no Brasil quanto no exterior, constituindo, portanto, o foco do *corpus* deste trabalho.

As tiras de humor, portanto, devem ser compreendidas em sua complexidade morfológica e funcional. A palavra “tirinhas”, empregada flexionada no plural e derivada de diminutivo, já sugere a diversidade dentro desse gênero. Dependendo do critério de classificação, as tiras também podem ser classificadas de diferentes modos, como diárias, jornalísticas, de aventura, seriadas, livres, cômicas, entre outras variações. Cada uma dessas categorizações oferece uma perspectiva única sobre como as tiras de humor operam e interagem com seu público, refletindo diferentes aspectos de sua produção e de sua recepção.

Nas tiras de humor, o contorno retangular dos quadros, por exemplo, encapsula os cenários, as personagens e os fragmentos de espaço-tempo. Segundo Eisner, citado por Ramos (2010), todos esses elementos, juntamente com o verbal, são organizados dentro dos limites do quadro, criando uma coesão narrativa e visual. Essa encapsulação é crucial para a compreensão da tira, reforçando a articulação entre o verbal e o não verbal ou o imagético. Outro aspecto importante ressaltado por Ramos (2014) é a *forma* das tiras, que se torna tão característica que foi incorporada ao nome do gênero. A sua forma retangular é uma de suas marcas registradas, distinção que facilita o reconhecimento imediato do gênero pelo público. Esse formato

influencia diretamente a sequência de leitura e a maneira como o sentido humorístico é estruturado e entregue ao leitor em sequências lineares e hierárquicas que, contudo, são fundamentadas no jogo de retomadas prospectivas e retrospectivas, sobretudo por meio dos mecanismos de referenciação.

Ao considerar os elementos não verbais nas tiras de humor, percebe-se igualmente que eles são essenciais para a efetivação do sentido humorístico. As expressões faciais exageradas, os gestos absurdos e as situações caricaturais, todos esses componentes contribuem para a criação do efeito cômico enquanto uma atitude perpetrada pela interação comunicativa entre o texto e os interlocutores. A leitura das tiras envolve uma rápida decodificação desses elementos visuais, que, muitas vezes, complementam ou subvertem o sentido esperado do texto, criando camadas adicionais de humor e significado, o que evidencia fortemente o aspecto complexo dos textos pertencentes a esse gênero.

Figura 5 – Exemplo 5



Fonte: Instagram *André Dahmer* (11/11/2024)

A tira em questão exemplifica como o humor opera como uma forma sofisticada de inteligência, evidenciando a complexidade dos elementos verbais e não verbais que a constituem. A disposição retangular dos quadros organiza a narrativa de maneira visualmente coerente, enquanto os diálogos e as imagens caricaturais trabalham juntos para criar camadas de sentido. As expressões faciais e gestos das personagens, frequentemente exagerados, não apenas reforçam o efeito cômico, mas também desafiam o leitor a interpretar os significados implícitos, exigindo uma decodificação ágil e perspicaz. Esse processo de interação entre o verbal e o não verbal, descrito por Ramos (2010), reflete a capacidade das tiras de humor de estimular o pensamento crítico e criativo do leitor, demonstrando que o humor transcende o simples entretenimento para se estabelecer como uma manifestação cultural que demanda inteligência e sensibilidade para ser plenamente apreciada.

Além do mais, a combinação de elementos verbais e não verbais tal como se dá nas tiras de humor não é apenas uma característica a mais ou fortuita do gênero, mas uma técnica narrativa que explora a hibridização para maximizar o efeito cômico, bem como uma faceta sógnico-semiótica integralmente importante e necessária para a produção de tais textos, isto é, um elemento constitutivo do modo de ser semiótico das tiras de humor, sem o qual elas não poderia minimamente se caracterizar tal como se apresentam em sua realidade linguístico-discursiva. A interação entre verbal e imagético, com frequência, cria um sentido que transcende o que seria possível utilizando apenas um dos modos, o que evidencia, primeiro, que esses textos dependem fundamentalmente dessa articulação sógnico-semiótica e do caráter multimodal que os forma e, segundo, que eles não podem ser conceitualmente compreendidos senão na totalidade unitária com que se apresentam enquanto um uso real da linguagem. Essa sinergia entre o verbal e o visual é, portanto, uma das razões pelas quais as tiras conseguem comunicar e ser um elo na comunicação linguística de maneira tão eficaz e imediata.

Por fim, deve-se então entender que a análise das anáforas indiretas nas tiras de humor destaca como as referências são construídas e mantidas ao longo dos quadros, tendo em vista a complexa realidade linguístico-discursiva dos textos desse gênero, ligada necessariamente aos seus aspectos verbo-visuais e multimodais. Essas anáforas, que podem se referir a elementos implícitos anteriormente mencionados ou sugeridos apenas visualmente, desempenham um papel crucial na coesão textual e na criação do humor. Compreender como essas referências funcionam, assim, contribuirá para uma apreciação mais profunda da complexidade narrativa das tiras de humor.

Esses elementos colaboram para criar uma narrativa que, apesar de breve, é rica e complexa. A análise das tiras de humor através do prisma das anáforas indiretas, sob a ótica dos preceitos da LT associados às reflexões sobre a multimodalidade e a uma perspectiva mais discursiva e dinâmica, permitirá entender como as referências são estruturadas, revelando as técnicas usadas para construir o humor e a coesão narrativa. Dessa forma, esta pesquisa contribui para uma compreensão mais ampla e detalhada das tiras de humor como um gênero textual/discursivo multifacetado e altamente eficaz.

3.3 A multimodalidade e a construção de sentido nas tiras de humor

No contexto contemporâneo, a tira de humor, que tem se tornado cada vez mais um objeto analítico no campo dos estudos da linguagem, incorpora uma dimensão constitutivamente multissemiótica, como enfatizado por Rojo e Moura (2019). A era

tecnológica e a revolução das mídias contribuíram de maneira significativa para uma experiência diária marcada não apenas por textos constituídos pelo componente verbal escrito, mas também por elementos visuais, sonoros e híbridos. A multimodalidade nas tirinhas de humor evidencia, assim, que um texto não se limita unicamente à linguagem verbal, estendendo-se de igual modo para a linguagem visual e para outros recursos que enriquecem a comunicação. Essa riqueza semiótica é essencial para a construção de humor e para a análise dos processos de referenciação por anáforas indiretas, em que diferentes modos interagem para criar significado.

A perspectiva de multiletramentos, conforme discutida por Rojo (2012), acrescenta uma camada adicional à compreensão das tirinhas de humor. Os multiletramentos revelam-se essenciais na contemporaneidade, destacando a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade sócio-semiótica na constituição dos textos. Essa abordagem reconhece a natureza interativa, colaborativa e híbrida dos textos multimodais e dos multiletramentos, que transcendem as fronteiras tradicionais, promovendo uma diversidade de linguagens, modos, mídias e culturas na construção do sentido. Em textos como as tiras de humor, essa multiplicidade se manifesta claramente na combinação de elementos verbais e visuais que, em conjunto, constroem o humor e a referenciação indireta.

Para a identificação de qual referente imagético o leitor acessou primeiro, é necessária a interpretação de uma série de possibilidades e circunstâncias dêiticas, como a data de publicação do texto multimodal, os conhecimentos enciclopédicos e culturais acerca do tema tratado, entre outros. Em tiras de humor, essa interpretação, por exemplo, é imprescindível para que se consiga compreender como o sentido humorístico é construído e como as anáforas indiretas são usadas para criar referências sutis e necessárias nesse processo construtivo de sentido. A análise desses elementos revela como o aspecto multimodal de determinados textos, como as tiras, enriquece a experiência da leitura e pode se tornar uma ferramenta eficaz no processo de um letramento que não seja centrado apenas naqueles que são total ou eminentemente verbais. Nesse sentido,

Ao introduzirmos um referente no texto/discurso, devemos contar com o fato de o co-enunciador se valer simultaneamente de muitos indícios (mesmo aqueles nem cogitados pelo enunciador) para representar essa entidade na sua mente. Tais indícios podem envolver, assim, outras modalidades de linguagem, que não apenas a verbal. Desse modo, uma imagem, os sons, os gestos, os links, qualquer pista referencial colabora tanto para a introdução referencial quanto para as anáforas (Cavalcante; Custódio Filho; Britto, 2014, p. 58).

A tirinha se constitui a partir da exploração de diferentes modos de representação e, assim como as charges, requer o trabalho sistematizado no processo interpretativo para que o leitor desenvolva a habilidade de produção de inferências, a partir da articulação dos diferentes recursos semióticos que lhe são constitutivos. Na promoção do letramento multimodal, é preciso considerar, por conseguinte, a sequencialidade da leitura determinada pelos quadrinhos, o formato dos balões, as cores, as expressões faciais das personagens, o texto verbal e os conhecimentos prévios sobre as personagens e o tema. A articulação de tais informações provenientes de diversos sistemas de representação é fundamental para a produção de sentido nas tiras de humor.

Kress (2010), em seus estudos sobre a multimodalidade, postula que, ao se usar escrita, imagens e cores na produção de um texto, explora-se o potencial de cada modo de significação. A imagem, segundo o autor, consegue condensar informações e apresentá-las de uma forma mais sintética. Por sua vez, a escrita nomeia o que seria difícil de “mostrar” e as cores servem para destacar aspectos específicos. Kress e Van Leeuwen (2006) esclarecem que tanto a linguagem verbal como a comunicação visual estão alicerçadas nas práticas culturais desenvolvidas na sociedade e possuem potencialidades e limitações inerentes. E, nas tiras de humor, essa combinação de modos é fundamental para a construção de piadas e a utilização de anáforas indiretas.

Catto (2013, p.159), por seu turno, argumenta que “compreender e produzir significados por meio da combinação e do arranjo de diferentes modos semióticos” é essencial no letramento multimodal. Nas tiras de humor, essa compreensão é vital para interpretar as nuances do humor e as referências indiretas que emergem da interação entre texto e imagem. A articulação de diferentes linguagens proporciona uma nova visão aos leitores, essencial para a compreensão total do gênero textual, em que palavra e imagem se complementam e juntas significam mais.

E, quando se trata especificamente da questão que se refere ao letramento e ao processo de leitura, Vieira e Ferreira (2017) sugerem procedimentos básicos para a exploração do texto multimodal na formação de leitores, incluindo a leitura prévia do texto, a análise dos recursos não verbais e verbais e a interpretação das articulações entre signos verbais e imagéticos. Tal concepção é profundamente eficaz quando o que se encontra em jogo são textos como as tiras de humor, uma vez que esses procedimentos ajudam os leitores a interpretar as camadas de significado e a compreender como os diferentes modos contribuem para a construção semântica do humor, tendo as anáforas indiretas como recurso fundamental para que o procedimento ativo de interpretação dos interlocutores se torne efetivo. A leitura multimodal, portanto, permite uma análise mais rica e detalhada das tirinhas, revelando a complexidade de sua construção

semiótica.

O que se tem visto por meio de tais pesquisas é o fato de que a análise do letramento visual e digital tem destacado cada vez mais a importância da compreensão de ícones e símbolos em interfaces digitais. Esses resultados acabam por tornar ainda mais evidente a necessidade de reformulação constante das concepções tradicionais sobre o letramento. Ao mesmo tempo, possibilitam a compreensão de que, para o contexto das tiras de humor, textos constantemente mais acessíveis e com os quais muitos leitores possuem mais contato em seu cotidiano nos espaços digitais, é indispensável que se busque aprimorar o desenvolvimento das habilidades interpretativas de constituintes visuais ou imagéticos, tão cruciais são para a efetivação do processo que permite aos interlocutores alcançar êxito em sua atividade de leitura. A relação entre jovens e interfaces digitais revela, assim, desafios na interpretação de ícones, apontando para a necessidade de considerar o letramento digital nas práticas de análise.

Figura 6 – Exemplo 6



Fonte: Instagram *André Dahmer* (07/01/2025)

A tira ilustra de maneira crítica e humorística como empregadores muitas vezes adotam posturas retrógradas diante do home office, destacando a desconexão entre práticas de trabalho tradicionais e as demandas contemporâneas, especialmente do público jovem. Nesse contexto, a leitura multimodal desempenha um papel fundamental, pois permite analisar tanto os elementos verbais — como as falas que expressam ironia e crítica social — quanto os recursos visuais, como as expressões faciais e a ambientação, que reforçam o contraste entre a modernidade e o conservadorismo. Conforme Vieira e Ferreira (2017), essa análise, que articula signos verbais e imagéticos, ajuda o leitor a explorar as camadas de significado que permeiam o humor, evidenciando anáforas indiretas e pistas semióticas que exigem habilidades interpretativas sofisticadas. Em um cenário em que jovens estão cada vez mais imersos em interfaces digitais e em contato com textos multimodais como as tiras de humor, torna-se essencial desenvolver competências de letramento visual e digital, não apenas

para decodificar, mas também para refletir sobre questões sociais e culturais, como a resistência às mudanças no ambiente de trabalho, apresentadas de forma acessível e provocativa na tira.

Isso, simultaneamente, tem o efeito de mostrar como a leitura eficaz de ícones destaca a habilidade dos jovens em reconhecer, comparar, inferir e fazer analogias, indicando uma forma expandida de compreensão do letramento, cuja concepção deve ser pautada nessa realidade então à mostra. A análise da escrita como histórica e socialmente situada e dependente de condições tecnológicas ressoa com a visão de abordar problemas práticos de uso da linguagem, considerando a evolução das tecnologias digitais. Por tal motivo é que textos como as tiras de humor se mostram tão eficientes nesse processo, sobretudo porque essa perspectiva permite entender, no contexto que geralmente ocorre nos textos desse gênero, como a tecnologia influencia a sua construção e como os leitores utilizam suas habilidades multimodais para interpretar o humor e processar as referências indiretas.

A combinação de constituintes verbais e visuais em uma unidade orgânica e articulada, juntamente com outros elementos que se referem ao seu contexto típico, enriquece a comunicação e cria camadas de significado que vão além do verbal. Na análise de processos de referenciação por anáforas indiretas, essa abordagem multimodal é essencial para compreender como o humor é construído e como os leitores, por sua vez, interpretam essas referências sutis, destacando a importância do letramento multimodal.

4 DISCURSO E HUMOR EM TIRAS

Nesta seção 4, será explorada a dinâmica única que combina discurso e humor nas tiras cômicas. Aqui, busca-se investigar como as tiras de humor se estruturam e se comunicam através de anáforas indiretas e outros mecanismos linguísticos que promovem uma interação ativa com o leitor. São retomados aspectos da teoria de Travaglia (1989) e Possenti (2010). Discute-se ainda como elementos tais como a bissociação, a repetição e a construção sequencial nas tiras criam um efeito cômico eficaz. A análise inclui a importância do contexto cultural e a sinergia entre verbal e visual, que são essenciais para a construção do sentido humorístico nas tiras cômicas.

Em *A Construção do Humor: Causa e Efeito*, serão discutidas as diferentes técnicas e as abordagens que contribuem para a construção do humor nas tiras cômicas. Travaglia (1989) e Possenti (2010) fornecem uma base teórica significativa, com o primeiro destacando a importância do risível e da linguagem coloquial, e o segundo discutindo a bissociação como um mecanismo chave para a construção do humor. A análise de Ramos (2016) sobre a estrutura das tiras, com seus finais surpreendentes e a encenação de situações cotidianas, ilustra como o humor é produzido. A repetição de situações e o uso de estereótipos são abordados como técnicas constitutivas do gênero que amplificam o humor ao explorar diferenças sociais e estigmas. Além disso, a interação entre o verbal e o visual é essencial em textos de tal gênero, com os elementos visuais complementando o discurso verbal para criar uma narrativa humorística eficaz. A análise também considerará, por fim, a ironia e o sarcasmo, que adicionam camadas de significado e sofisticação ao humor nas tiras. Em suma, esta subseção tem o objetivo de revelar a complexidade e a multifacetada natureza do humor, destacando como diversos elementos interagem para criar um efeito cômico poderoso e engajador por meio da linguagem.

4.1 A construção do humor: uma questão de efeito de sentido

O humor, enquanto fenômeno complexo e multifacetado, tem sido objeto de estudo em várias disciplinas ao longo dos séculos, com enfoques distintos e variados. Essa multiplicidade de abordagens reflete a sua complexidade e a dificuldade de capturar sua essência completa. No campo dos estudos linguísticos, autores como Travaglia e Possenti desempenharam importantes papéis na tarefa de conceituação desse fenômeno. Ambos ofereceram contribuições significativas para a compreensão do humor, cada um com enfoques específicos

que possibilitam o enriquecimento da análise da constituição do sentido humorístico em tirinhas cômicas.

Travaglia, por exemplo, argumenta que o risível é fundamental para o gênero das tiras cômicas. Ele observa que a situação enunciativa nesse tipo de texto é propícia ao desenvolvimento do humor, já que estas são criadas com a finalidade de provocar risadas. Assim, a análise das tiras deve considerar como o humor é construído em cada situação específica (Travaglia, 1989). Isso se relaciona estritamente com o fato de que a linguagem utilizada nas tiras cômicas é muitas vezes coloquial e acessível, o que facilita a identificação do leitor com as situações e personagens. A escolha das palavras, as expressões idiomáticas e os trocadilhos, por exemplo, são ferramentas linguísticas importantes que contribuem para o efeito humorístico (Travaglia, 1989). Outro aspecto também imprescindível na construção do humor em tiras é o uso de estereótipos. O autor ressalta que os estereótipos servem como marcadores de diferenças sociais, sendo utilizados para criar humor ao ridicularizar certas características de grupos específicos. Embora esse uso seja frequentemente negativo, ele é eficaz na geração de risadas ao explorar criticamente estigmas sociais.

Possenti (2010), em seu livro *Humor, língua e discurso*, dialoga com os estudos de Travaglia, posicionando-se a favor da ideia de que o humor deve ser caracterizado como um campo de conhecimento. Possenti argumenta que a similaridade entre os domínios literário e humorístico justifica a consideração do humor como uma área do saber humano. Ele propõe a ideia de *humor-campo*, defendendo que o humor possui características próprias que merecem um estudo aprofundado (Possenti, 2010). E, nesse quadrante teórico, a abordagem de Possenti sobre a bissociação é particularmente relevante para o estudo do humor em tiras cômicas. Esse fenômeno, conforme definido por Possenti, é a junção de dois contextos ou pensamentos díspares que, ao se combinarem, geram o efeito humorístico. Essa técnica antitética é frequentemente usada nas tiras para criar surpresas e provocar risos.

Em diálogo com tais perspectivas, pode-se ver como indispensável proposta elaborada por Ramos (2016), que propõe que as tiras cômicas são tipos especiais de piadas, compartilhando características tais como enunciado curto, personagens fixos e desfecho inusitado. Essa visão permite uma análise mais detalhada dos textos desse tipo de gênero, considerando como esses elementos se combinam para produzir humor. As tiras tendem a ser curtas e a culminar em finais surpreendentes, muitas vezes abordando temas variados da vida sociocultural, como a política, a cultura e as relações interpessoais (Ramos, 2016).

Tendo em vista todo esse contexto e em complemento conceitual ao que aqui se discutiu, pode-se tomar como válido o que é dito por Silva (2013, p. 60):

Para entender esses conceitos, pense, por exemplo, numa charge de jornal. Analisar apenas os quadrinhos e as palavras da charge é uma possibilidade de avaliação material desse enunciado. Um bakhtiniano, porém, vai-se questionar sobre os seguintes elementos:

(a) o autor da charge: quem é, quais temáticas costuma abordar, onde publica etc.;

(b) o jornal em que foi publicada: qual o seu público, em que cidade circula, em que seção se encontra a charge, quais as notícias mais importantes do dia em que ela saiu e dos dias anteriores e seguintes etc.

(c) o leitor presumido daquele jornal: o que sabe sobre o assunto, qual sua posição na sociedade etc.

Segundo a teoria que se depreende da obra de Bakhtin e do Círculo, esses elementos não são apenas fatores externos importantes para se entender um enunciado, eles fazem parte do enunciado como aspectos constitutivos do todo que cria sentidos.

E qual o tamanho desse todo? Um enunciado concreto pode ser constituído de apenas uma palavra, das mais de trezentas páginas de uma tese de doutorado ou de vários volumes de um romance em tomos. O que marca as fronteiras do enunciado é a unidade de sentido.

Em termos comparativos, o mecanismo textual das piadas e das tiras cômicas é similar no sentido de que ambas levam a um final surpreendente, que é a principal fonte de que emanam os germes de que partem os interlocutores na construção do sentido humorístico. Em tiras cômicas, esse humor geralmente se manifesta no último quadro, especialmente na última fala do balão. Esse formato concentra a expectativa do leitor no desfecho, aumentando o impacto do humor (Ramos, 2007). Além disso, a formação do humor em tiras envolve, com frequência, a encenação de situações cotidianas, representações cômicas baseadas em acontecimentos facilmente encontrados na experiência da maior parte dos seus leitores presumidos. Essas situações são, assim, reconhecíveis pelo público e o auxiliam na sua possível identificação com as personagens e os acontecimentos então representados. Situações como uma aula, uma consulta médica ou uma discussão familiar são alguns dos exemplos comuns de ambientes temático-narrativos de textos desse gênero, que acabam configurando a forma como o humor surge da exploração das nuances dessas interações cotidianas ali textualmente retratadas.

Figura 7 – Exemplo 7



Fonte: Instagram *André Dahmer* (21/04/2024)

A tirinha exemplifica explora habilmente as nuances do cotidiano, levando o leitor a refletir, por meio do humor, sobre temas como a desconexão entre identidade virtual e realidade pessoal. Neste caso há uma interação mediada por um 'Algoritmo' – um personagem que o representa nos contextos das tiras do autor – que apresenta um casal, simulando a dinâmica de aplicativos de relacionamento amplamente reconhecida pelo público. O humor é construído ao longo dos três quadros, culminando na resposta inesperada do personagem Bruno, que, embora apresentado como 'pai presente', revela não saber a idade do próprio filho. Esse contraste entre a expectativa criada no primeiro quadro e a revelação no desfecho é o que Ramos (2007) identifica como um dos mecanismos essenciais do humor em tiras: a surpresa gerada no último quadro. Além disso, a situação cotidiana apresentada, mediada por um elemento digital representado pelo 'Algoritmo', amplia a identificação dos leitores contemporâneos, que estão familiarizados com a presença da tecnologia em interações pessoais.

A análise do humor em tiras cômicas deve considerar também a estrutura sequencial das tiras. Cada quadro contribui para a construção do contexto humorístico, levando ao clímax no último quadro. A transição entre os quadros e a forma como as informações são reveladas gradualmente são de especial importância para a construção paulatina do efeito cômico. A repetição, de forma semelhante, é uma outra técnica frequentemente utilizada nas tiras cômicas. A reiteração de situações, falas ou gestos pode criar um padrão que, quando quebrado de maneira inesperada, gera humor enquanto o sentido co-construído em cujos elementos constitutivos é colocado um conjunto de fatores que visam levar o interlocutor à comicidade. Essa técnica igualmente pode reforçar características das personagens e aumentar a expectativa do leitor. O contexto cultural é, do mesmo modo, um fator determinante na construção do humor em tiras cômicas. As referências aos padrões culturais, às normas sociais e aos valores

compartilhados pelo público alvo são elementos que influenciam a recepção e a eficácia do humor. A compreensão dessas referências é fundamental para captar todas as nuances do humor nas tiras (Possenti, 2010).

As tiras cômicas, de maneira simultânea, lançam mão sobretudo dos seus recursos sígnico-semióticos com vistas a estabelecer as possibilidades de construção do sentido humorístico. Elas acabam, assim, explorando a linguagem visual para construir o humor. A expressão facial das personagens, os gestos e a disposição dos elementos nos quadros contribuem para a narrativa humorística. A combinação de elementos verbais e não verbais cria uma sinergia que potencializa o efeito de comicidade (Ramos, 2016). É aí que entra o papel das personagens fixas nas tiras cômicas como um outro aspecto essencial. Personagens recorrentes permitem ao leitor desenvolver uma familiaridade com seus traços e seus comportamentos, o que pode amplificar o impacto e o sentido do humor. A previsibilidade de certas ações ou reações das personagens pode ser usada, portanto, de forma criativa para criar surpresas e reviravoltas cômicas (Ramos, 2016).

É importante também destacar que o uso de ironia e de sarcasmo é frequente nas tiras cômicas, servindo como mecanismos semântico para criticar ou satirizar aspectos da sociedade ou de qualquer outra esfera. Travaglia (1990) postula que a ironia permite uma camada adicional de significado, em que o leitor deve entender a intenção subjacente ao enunciado literal, o que pode tornar o humor ainda mais sofisticado e envolvente (Travaglia, 1990). Nesse sentido, o resultado do humor pode não ser o riso, mas sim um incômodo, uma reflexão, uma indignação, um alerta ou qualquer outro modo de expressão de sentido passível de ser produzido. Assim, o referido autor ainda argumenta que o

Humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas do conhecimento humano, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios (Travaglia, 1990, p. 55).

Em síntese, pode-se concluir que a construção do humor em tiras cômicas é um processo complexo que envolve uma combinação de elementos linguísticos, visuais, contextuais etc. A análise das tiras deve considerar, por conseguinte, como esses elementos interagem para produzir o efeito humorístico, levando em conta as contribuições de autores como Travaglia e Possenti, bem como as características específicas do gênero. A referenciação por anáforas

indiretas é um dos recursos linguísticos mais significativos na construção do sentido humorístico em tiras. Esse tipo de anáfora permite que o humor se desenvolva de maneira mais sutil, ao fazer referências que o leitor deve inferir a partir do contexto anterior. Essa técnica pode aumentar a sofisticação desse fenômeno e envolver mais o leitor na construção do sentido.

5 O FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO

Nesta seção, será abordada a complexidade do processo referencial, que se constitui como uma atividade textual-discursiva de construção e de reconstrução de uma dada realidade (linguística, extralinguística etc.) no contexto da interação comunicativa. Fundamentada nas teorias de Cavalcante (2022), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Mondada e Dubois (2003) e Givón (1995), a discussão que se segue explorará a referenciação como um fenômeno sociocognitivo e textual-discursivo que vai além de um mecanismo linguístico. A seção destacará como os referentes ou os *objetos de discurso* são formados através de uma complexa negociação contínua entre os interlocutores, incorporando elementos contextuais, culturais e inferenciais.

Serão analisados aspectos como a *introdução referencial*, a *anáfora direta e indireta*, a *anáfora encapsuladora* e a *definitude*, de acordo com os estudos de Cavalcante (2022), Neves (2013) e Marcuschi (2005). A seção também discutirá a relevância da acessibilidade anafórica, conforme proposto por Givón (1995), e como a construção de referentes está intimamente ligada às práticas discursivas e cognitivas, conforme defendido por Mondada e Dubois (2003). Ao final, será oferecida uma visão abrangente da referenciação, revelando a sua função essencial na coesão e na coerência do texto e as suas implicações para a construção do sentido.

5.1 O fenômeno da referenciação

A referenciação, um fenômeno que cada vez mais vem sendo analisado nos estudos linguísticos, pode ser considerado, em sua totalidade, um mecanismo complexo e dinâmico que envolve a (re)elaboração de uma dada realidade através de uma negociação entre interlocutores, destacando a sua natureza sociocognitiva (Cavalcante, 2017; Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014). Esse processo constrói *objetos de discurso*, que são produtos socioculturais resultantes da atividade cognitiva e interativa dos seres humanos através da linguagem. Essa visão é apoiada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e reafirmada por Cavalcante (2022).

A construção de *referentes*, ou seja, de objetos de discurso, trata-se de um aspecto essencial do processo referencial da linguagem em uso. Esse procedimento, a título de exemplificação, pode ser observado linguisticamente e discursivamente na utilização de anáforas ao

longo do desenvolvimento textual. A intercalação de *cláusulas temporais*¹, por exemplo, surge como uma das estratégias que podem antecipar um conjunto significativo e essencial de elementos informacionais para a construção desses referentes (Cavalcante, 2017, 2022; Cavalcante; Custódio Filho; Brito, 2014). Nesse sentido, os autores propõem que,

Na verdade, a capacidade de propor encapsulamentos adequados é complexa, pois exige do produtor, ao mesmo tempo, a percepção apurada de como a expressão escolhida para encapsular se refere ao cotexto precedente e o vislumbre de como ela pode contribuir para a progressão textual. Dessa forma, com essa estratégia, o enunciador promove um movimento duplo, para trás e para frente, estabelecendo relações de continuidade e progressão. (Cavalcante, Custódio Filho; Brito, 2014, p.84)

Na série de questões científicas que tocam o fenômeno da referenciação, precisa-se ver que elas se encontram diretamente ligadas ao problema da *definitude*. Nesse contexto, percebe-se uma distinção clara entre os referentes *definidos* e os *indefinidos*, conforme a proposta teórica desenvolvida por Neves (2013). Referentes definidos geralmente são caracterizados como expressos por *sintagmas nominais definidos*, *pronomes pessoais*, *dêiticos espaciais* ou *possessivos*. Em contraste ou em oposição, os indefinidos são apresentados por *sintagmas com artigos* ou *pronomes indefinidos* (Cavalcante, 2022).

Ainda é bastante importante que sejam considerados, no contexto das discussões sobre o fenômeno da referenciação, os conceitos de *acessibilidade anafórica*, ou *distância referencial*, e a *persistência tópica* ou *catafórica*, que são profundamente explorados na proposta de Givón (1995). Ele sugere, de modo particular, que os referentes podem apresentar diferentes graus de *topicalidade* ou de *acessibilidade*, influenciando a sua reativação no desenvolvimento ou na continuidade da construção de sentido do texto (Cavalcante, 2022).

Deve-se lembrar, igualmente, que o processo de ativação de um referente no discurso não ocorre apenas através de anáforas correferenciais. Associações e inferências acionadas por outros elementos textuais ou situacionais também desempenham, nessa dinâmica textual-discursiva, um papel bastante fundamental (Cavalcante, 2022). A noção histórica de referência envolve, assim, a relação entre uma expressão linguística e algo no mundo real ou conceitual que essa mesma expressão seleciona, referencia e representa, a que se chama então de referente. A referência e o referente são, visto dessa ótica, conceitos distintos: enquanto a referência se trata da capacidade do signo ou da semiose de indicar, mencionar, indicar ou designar uma dada

¹ Em termos gerais, são orações ou unidades sintagmáticas com igual valor que indicam relações temporais entre duas ou mais ações representadas. Indicam simultaneidade, sucessividade, subsequencialidade etc.

realidade, o referente é a própria realidade referenciada através da linguagem (Givón, 1995). Simplificadamente, tem-se a referência como o processo sógnico ou semiótico que apresenta um determinado produto, que é o objeto representado pelo discurso e a que a significação em questão faz indicação.

O que há nessa perspectiva é uma compreensão teórica que se destoa do entendimento tradicional do processo de referência como apenas um sistema dado de etiquetas ajustadas às coisas do mundo real. A essa concepção *nominalista*, é oposta a visão particular de Mondada e Dubois (2003). Os autores consideram os objetos de discurso como construções advindas necessariamente de práticas discursivas e cognitivas, assentadas em contextos condizentes em que impera o uso situado da linguagem. Portanto, a percepção e a forma de referir-se ao mundo são continuamente mutáveis e influenciadas pelos diversos contextos de interlocução, o que, por si só, já evidencia que a referenciação é um processo complexo, cuja existência e cuja realização dependem, de modo imprescindível, de vários fatores relacionados ao exercício do discurso na realidade sociocultural de que os interlocutores fazem parte.

Para aprofundar a compreensão sobre a construção dos objetos de discurso, é essencial que se procure analisar o fenômeno desde a representação mental até a referenciação, abordando como esse processo é alicerçado pelo referencial teórico adotado. Como pressuposto, precisa-se assumir que construção e, por conseguinte, a representação do mundo são moldadas por essa base teórica.

Koch (2004), da sua perspectiva, argumenta que a referenciação é uma atividade discursiva em que o sujeito, durante a interação verbal ou discursiva, manipula o material linguístico disponível para representar *estados de coisas*, visando à concretização da sua proposta de sentido. As escolhas referenciais refletem, pode-se afirmar, um *querer-dizer*, ou seja, um projeto discursivo, demonstrando a eficiência de determinados *itens* em relação a outros. Os referentes textuais, assim, são criados *dentro* do discurso e não representam objetos do mundo real, mas, sim, objetos de discurso (ou *entes intradiscursivos*). Eles (re)constroem a realidade extralinguística no processo interativo, criando uma outra realidade (a discursiva) que mantém com aquela uma relação complexa necessariamente ligada pela linguagem e baseada em uma representação sógnico-semiótica que permite que a extralinguística possa ser acessada pelos interlocutores somente através da realidade discursiva constituída na atividade linguística. A forma como se nomeia e como se interage socio-cognitivamente com o mundo é o que gera a referenciação no discurso.

Durante o processamento do discurso é que os sujeitos conferem sentido ao mundo e constroem seus referentes discursivos. Esse processo é, além de dominado por sinuosidades,

abrangeiramente dinâmico, refletindo a mobilidade das percepções e dos procedimentos de compreensão e de representação dos indivíduos, conforme salientado por Cavalcante (2022). Entre os muitos mecanismos referenciais, destacam-se a *anáfora* e a *dêixis*, por exemplo. A anáfora envolve a retomada de elementos textuais. Ela se refere a componentes intratextuais ou intradiscursivos cuja interpretação depende de expressões previamente mencionadas ou *inferíveis* a partir das relações estabelecidas no contexto linguístico em questão. Por sua vez, a dêixis é definida pela relação entre os elementos discursivos e se baseia na interação que é instituída com a posição do sujeito na situação enunciativa, na necessária forma que toma no jogo comunicativo de interlocução travado com o(s) outro(s) presente(s) ou presumido(s) e representado(s) ou imediato(s), assim como com o texto ou o discurso construído nesse processo.

Embora o foco deste estudo seja a anáfora indireta, é fundamental abordar brevemente a dêixis, visto que ambas as categorias encontram-se interligadas. A compreensão plena dos mecanismos de referenciação exige que se considere a relação entre os dois, uma vez que os elementos dêiticos dependem da posição e do contexto do locutor, seja no tempo ou no espaço da enunciação. Nesse sentido é que Cavalcante e Martins (2020) descrevem os processos de referenciação como englobando a introdução de novos referentes. Tem-se, de um lado, a anáfora direta, que retoma um referente já estabelecido e, de outro, a anáfora indireta, que ativa um novo referente por meio de pistas contextuais. Há ainda a anáfora encapsuladora, que sintetiza informações de proposições anteriores. Além disso, a definitude, de acordo com Neves (2013), pode ser marcada por sintagmas nominais definidos ou pronomes, enquanto a indefinitude é marcada por artigos ou pronomes indefinidos (Cavalcante, 2022).

Quando se busca considerar o fenômeno da anáfora, necessita-se reconhecer que ela, no processo linguístico-discursivo de construção de sentido, desempenha um papel crucial para que seja estabelecida eficazmente a coesão textual, permitindo que elementos anteriormente apresentados possam ser reintroduzidos no discurso sem a necessidade de repetição exaustiva de um termo, uma expressão etc. Isso facilita a continuidade do processo de construção de sentido e o fluxo de desenvolvimento de informações no texto (Cavalcante, 2022). A construção dos referentes na unidade textual é um exemplo das escolhas estratégicas dos sujeitos durante a interação verbal, refletindo a sua intencionalidade e os objetivos comunicativos ali instaurados de acordo com os diferentes aspectos constitutivos, como o tema, o gênero, a natureza da relação entre os interlocutores, a situação etc.. Essa seleção é então fundamental para a eficácia comunicativa e a clareza do discurso (Koch, 2004).

Segundo um entendimento sociocognitivo da questão, é preciso ainda enfatizar que a

referenciação é uma prática sempre moldada pelas interações e pelo ambiente sociocultural em que os interlocutores se inserem, interagem e produzem os seus discursos nas mais variadas situações comunicativas. Cada prática de interação e de comunicação contribui de maneira significativa para a construção e a reconstrução dos referentes, de forma dinâmica e processual. O reconhecimento da natureza interativa dos processos referenciais destaca a importância das inferências feitas pelos participantes do discurso, evidenciando, assim, o caráter ativo dos interlocutores nas atividades comunicativas, que ali mobilizam informações, conhecimentos linguísticos e culturais etc., além de agenciarem procedimentos cognitivos indispensáveis para que a comunicação seja efetivada e para que a construção interacional do sentido do texto seja possível. Essas inferências se constituem parte integrante da construção dos referentes, ultrapassando os aspectos mais evidentes que dizem respeito ao uso das anáforas correferenciais (Cavalcante, 2022).

A referenciação e os referentes, portanto, não podem ser vistos como elementos estáticos, dados, intralinguísticos e independentes do processo interacional de comunicação, como se fossem absolutamente apartados dos aspectos socioculturais e cognitivos que perfazem as condições contextuais e se mostram necessários para o exercício efetivo das práticas comunicativas dos interlocutores. Eles são fluidos, dinâmicos, adaptáveis e complexos porque se fazem na inter-relação entre o intralinguístico e o extralinguístico, refletindo as continuidades e discontinuidades presentes na experiência e na interação humanas. Os aspectos sociointerativos da referenciação revelam que os indivíduos, ao referirem-se a objetos no discurso, não estão apenas nomeando, mas também interpretando, representando, interagindo com as realidades e negociando os significados interacionalmente. É exatamente esse que se mostra essencial para a constituição e a manutenção da coesão e da coerência textuais (Givón, 1995).

A forma como os sujeitos linguísticos ou os interlocutores do discurso constroem e utilizam os referentes tem necessariamente implicações significativas para a instituição do entendimento de como comunicam e interpretam as realidades, oferecendo uma visão mais ricamente contextualizada das práticas discursivas, em suas múltiplas manifestações e em sua concreta complexidade. A diversidade que caracteriza o conjunto das estratégias referenciais disponíveis para os interlocutores reflete a versatilidade e o caráter intrincado da linguagem humana. Cada escolha em um dado contexto, tendo em vista os interlocutores em jogo, reflete tanto a estrutura do discurso, quanto as intenções comunicativas dos indivíduos envolvidos.

Encerrando esta discussão, é importante ainda destacar que a referenciação é um processo dinâmico e complexo que permeia toda construção e interpretação do discurso. A

análise da forma como os indivíduos constroem e utilizam os referentes oferece uma compreensão mais profunda das práticas discursivas e das interações humanas. Nesse contexto, a relação entre as anáforas e a dêixis, assim como a influência do ambiente sociocultural e do contexto de interação comunicativa, ressaltam a importância e a necessidade de considerar os diversos aspectos que constituem e moldam a comunicação, o que se reflete na dimensão constutiva e mantenedora da coesão textual.

5.2 Anáforas

No campo dos estudos linguísticos, sobretudo no domínio da LT, o fenômeno da anáfora possui uma importância significativa, especialmente no que tange o seu papel nos processos de referenciação, que pode ser lido como um fenômeno de figura de linguagem ou a partir das perspectivas dos estudos linguísticos fenomenológicos. Esse conceito, originalmente advindo da retórica clássica, tradicionalmente referia-se às formas de repetição de uma expressão no início de uma frase. No entanto, conforme Marcuschi (2005) aponta, o conceito moderno de anáfora está longe dessa definição inicial. No contexto atual, a anáfora envolve a ligação entre diferentes partes do texto através de expressões que remetem a repetição e reintegração de enunciados prévios, contribuindo para a coesão e a continuidade referencial do discurso. Isso mostra como os diversos tipos de itens (palavras, expressões, imagens, símbolos etc.) não existem de maneira isolada, mas estão interligados necessariamente, formando um enredo de tessituras complexas de significados e de referências que enriquecem o texto e tornam possível a sua continuidade e a sua unidade por meio da coesão e da coerência atingidas.

Dessa forma, a anáfora pode ser concebida e entendida como um processo variado de substituição e de remissão de um item inicial por outro, mantendo, assim, uma equivalência semântica relativa e uma identidade referencial entre ambos. Marcuschi (2005) explica que a anáfora direta atua como uma espécie de substituto do elemento originalmente mencionado, reativando esses referentes prévios no decorrer do texto e, pode-se dizer, na cadeira do discurso. Esse processo de reativação está intrinsecamente ligado à questão da *correferencialidade*, que, embora necessário e constitutivo, não se manifesta de maneira uniforme. Aspectos gramaticais, como as concordâncias de gênero e de número, são decisivos para a identificação correta do antecedente referencial, em especial em situações com múltiplos candidatos a antecedente.

Mas também é interessante notar que, nas anáforas diretas, a identidade de significação entre o elemento anafórico e a seu antecedente nem sempre é exigida. Segundo Marcuschi (2005), a noção de *correferencialidade* muitas vezes não apresenta uma descrição teórica de

uma *identidade estrita*. As anáforas, portanto, não operam como meros *clones referenciais*, sendo a sua essência de natureza inferencial. O fenômeno anafórico vai além de uma suposta simplicidade de multiplicação de elementos referenciais, englobando, ao contrário, aspectos semânticos textuais que demandam uma atitude ativa e mais profunda por parte do leitor em seu processo interpretativo. Essa característica inferencial da anáfora destaca a importância do contexto e do conhecimento prévio do falante na manutenção da coesão textual e, como efeito, na construção de sentido do discurso.

No percurso de análise do fenômeno da referenciação, a anáfora revela que os pronomes, tradicionalmente considerados uma classe anafórica, não constituem, na realidade, de maneira exclusiva essa categoria. Marcuschi (2005), da sua perspectiva, reforça que não existe uma classe de palavras funcionalmente designada como anafórica. Ao invés disso, a anáfora se manifesta por meio de diversas formas, desde os pronomes até os advérbios e outras construções linguísticas (sintagmas). Isso tudo sugere que a anáfora é um fenômeno que, além de rico e diversificado, permeia diferentes aspectos das produções textuais. A versatilidade da anáfora reflete em si a sua capacidade de adaptação às variadas necessidades de referência e a coesão no discurso.

A distinção entre anáfora direta e indireta também merece atenção. Enquanto a anáfora direta, como até agora mostrado, é um fenômeno que se refere à retomada ou à remissão de um antecedente explícito anteriormente mencionado, a indireta pode fazer remissão a elementos implícitos ou inferidos a partir do contexto. Esse tipo de anáfora exige, por conseguinte, um grau bastante elevado de inferência e de compreensão por parte do leitor ou do interlocutor, que deve utilizar, por sua vez, o conjunto dos seus conhecimentos (de mundo, textuais, enciclopédicos, sobre o gênero etc.) para que consiga estabelecer as conexões referenciais adequadas e necessárias ao processo de construção de sentido e de manutenção da coesão. No caso das anáforas indiretas, a correferencialidade se torna ainda mais complexa, demandando um entendimento mais profundo das nuances e das inúmeras implicações contextuais.

Os processos de referenciação, em que a anáfora desempenha uma função linguístico-discursiva central, são fundamentais, como se sabe, para a construção de um texto coerente e coeso, exatamente porque a referenciação é o que possibilita a *continuidade tópica*, permitindo ao leitor ou ouvinte dar continuidade ao desenvolvimento coerente das ideias apresentadas. Através desses processos é que novas informações são paulatinamente integradas ao discurso de forma mais harmoniosa, criando uma rede de referências que enriquece a experiência comunicativa. A habilidade de manejar as anáforas eficazmente é, portanto, uma competência essencial para a produção de textos claros e coerentes.

Em termos práticos, a identificação e a interpretação das anáforas requerem não apenas uma análise gramatical, mas sobretudo uma apreciação semântico-pragmática do texto, em seu uso contextual e dentro das condições que perfazem a sua formação linguístico-discursiva global. A compreensão contextual dos referentes é, nesse processo, absolutamente vital para que a análise alcance as relações anafóricas e, conseqüentemente, perceba a sua função na garantia da coesão discursiva. Isso implica que o estudo das anáforas não pode ser restrito a apenas aspectos estruturais da linguagem, devendo englobar, contrariamente, uma abordagem mais ampla que considere o contexto comunicativo, o propósito do discurso, o conhecimento prévio compartilhado entre interlocutores e os demais fatores discursivo-comunicacionais que se acham implicados nele.

Vale ressaltar que a anáfora também possui implicações na construção da identidade dos sujeitos no discurso. Através do uso de anáforas, é possível manter ou modificar a referência a determinados indivíduos ou entidades, contribuindo para a representação das relações entre os participantes do discurso. A escolha de diferentes formas anafóricas pode reforçar aspectos específicos da identidade do referente, influenciando a percepção e a interpretação por parte do leitor. Assim, as anáforas não apenas mantêm a coesão textual, mas também desempenham uma função discursiva na construção narrativa e identitária dos sujeitos envolvidos.

5.3 O caso das anáforas indiretas

As anáforas indiretas, conforme são descritas por diversos autores que tratam de tal fenômeno, representam uma estratégia referencial complexa e sutil constitutiva do discurso. Elas se caracterizam pela ausência de um referente explícito no *co-texto*, utilizando, em vez disso, uma âncora ou um elemento de relação que guia a interpretação do texto (Koch, 2003). Esse processo envolve a ativação mental de novos elementos, ao invés da reativação de elementos já conhecidos, introduzindo, assim, um procedimento de referenciação implícita. Tal característica é necessária para a manutenção da continuidade referencial ao longo de um texto, permitindo uma fluidez responsável por sustentar a coesão e a coerência imprescindíveis para a compreensão global.

Marcuschi (2005) sugere que as anáforas indiretas são frequentemente construídas por expressões nominais definidas, indefinidas ou pronomes. A interpretação dessas expressões não se baseia em um antecedente explícito previamente introduzido no texto. Em muitos casos, a correferência poderá ser estabelecida posteriormente, adquirindo, de forma inicial, a aparência de uma anáfora indireta. Esse fenômeno demonstra a complexidade da comunicação textual,

em que o interlocutor deve constantemente fazer inferências, contribuindo para a construção de sentidos no decorrer do texto.

Mesmo inexistindo um vínculo de retomada direta entre uma AI e o co-texto, persiste um vínculo coerente na continuidade temática que não compromete a compreensão. A AI é um caso de referência textual, isto é, de construção, indução ou ativação de referentes no processo discursivo que envolve atenção cognitiva conjunta dos interlocutores e processamento local. Uma análise detida das características centrais da AI mostra que ela não depende de uma congruência morfossintática nem da necessidade de reativar referentes já explicitados (Marcuschi, 2005, p. 54).

A habilidade de utilizar e de identificar as anáforas indiretas é, no contexto então dito, uma competência essencial e uma prática que devem ser ensinadas, especialmente no âmbito educacional. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a propósito, destacam a importância de educar os alunos sobre como os referentes e os sentidos se articulam textualmente. Isso não é apenas uma questão de escolha estilística ou de característica fortuita, mas, sim, uma estratégia argumentativa que auxilie eficazmente no alcance dos propósitos definidos ou das intenções. Em gêneros textuais como as charges, existem, por exemplo, as limitações espaciais e a necessidade de economia de elementos linguísticos, o que força o uso de anáforas indiretas para a construção do texto e para a transmissão de informações de forma suficiente (Ferreira, 2010).

A recorrência das anáforas indiretas pode ser observada em diversos gêneros textuais e contextos discursivos. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) afirmam que tais processos referenciais são, de fato, mais comuns do que as anáforas diretas. Marcuschi (2005) corrobora essa afirmação, indicando que elas são tão frequentes que representam uma grande parte das anáforas utilizadas no discurso. Schwarz (2000) também contribuiu para essa discussão ao revelar que cerca de 60% das anáforas são indiretas, o que ressalta a relevância desse fenômeno para os estudos linguísticos.

Para entender melhor a natureza das anáforas indiretas, é indispensável considerar o seu papel como um processo de *referenciação não-extensionista*. Isso implica que os elementos do texto *não são explicitamente enumerados*. A desconexão entre a anáfora e a correferencialidade reativa destaca que esses processos introduzem novos referentes, ancorados em expressões presentes no texto e ativados por processos cognitivos ou inferenciais. Essa dinâmica comprova a funcionalidade complexa e multifacetada da linguagem e a capacidade dos interlocutores de utilizar os conhecimentos prévios que adquirem para compreender novas informações e inseri-las no processo de construção de sentido. Nesse viés,

Essas informações que apoiam as anáforas indiretas são chamadas de âncoras; elas engatilham a referência à menção de outras expressões referenciais, ou qualquer outra construção linguística do cotexto, e a inúmeras outras informações que povoam a bagagem de conhecimentos de quem participa da enunciação (Cavalcante, Custódio Filho; Brito, 2014, p. 72),

Marcuschi (2005) reformula o conceito de anáfora indireta de Schwarz, sugerindo que elas compreendem expressões definidas, indefinidas e pronominais que carecem e dependem de expressões anteriores ou subseqüentes para que se efetive a interpretação. Essas expressões têm, por seu turno, duas funções principais: 1) introduzir novos referentes e 2) manter a coesão referencial do discurso. Esse conceito reformulado denota a dualidade funcional das anáforas indiretas no texto, sublinhando tanto sua capacidade de introdução quanto de continuidade.

A ideia de que nem todas as anáforas indiretas dependem de processos inferenciais também é explorada por Schwarz (2003). Sobre esse tema, Marcuschi (2005, p. 59) revisita o conceito de anáfora indireta do primeiro autor e propõe a seguinte definição com as adições entre colchetes: “No caso da anáfora indireta trata-se de expressões [definidas e expressões indefinidas e pronominais] que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões (ou informações constantes da estrutura textual precedente [ou subseqüente] e que tem duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes [até aí não nomeados explicitamente] e a continuação da reação referencial global”. Segundo o autor, tais processos ativam informações na memória enciclopédica dos interlocutores. As inferências podem ser categorizadas como conhecimento de mundo para desambiguação e construção dinâmica de informações, as quais são situadas e dependentes de contextos. Isso reforça a importância do conhecimento prévio e do contexto situacional para o estabelecimento da interpretação das anáforas indiretas.

Além dessa complexidade já referida, o quadro das anáforas indiretas é incrementado pelas diversas *tipologias* e casos limítrofes que podem surgir (Koch, 2003). A interpretação de tais anáforas se baseia em conhecimentos semânticos e conceituais, além da inferência, o que exige um processamento cognitivo robusto por parte do interlocutor. Tal variabilidade torna a análise das anáforas indiretas uma tarefa tanto mais desafiadora e difícil, quanto mais essencial elas se mostram para a compreensão aprofundada do mecanismo de coesão textual.

Cavalcante (2003) é quem aprofunda essa discussão ao tratar as anáforas indiretas como aquelas *sem retomada*, caracterizadas pela não correferencialidade. Isso significa que, em vez de retomar um referente anteriormente mencionado, a anáfora estabelece uma nova referência, ancorando-se em um antecedente implícito. A autora divide as anáforas indiretas em categorias específicas: 1) a anáfora com categorização de novo referente, 2) a anáfora com recategorização

lexical e 3) a anáfora encapsuladora. Cada um dos tipos realiza funções referenciais distintas, contribuindo para a complexidade do texto.

5.3.1 Fenômeno 1: anáfora indireta com categorização de um novo referente

De acordo com Cavalcante (2003), as anáforas indiretas, também denominadas pela autora como *anáforas sem retomadas*, distinguem-se pela não correferencialidade. Em outras palavras, a anáfora não recupera um referente previamente mencionado de forma direta, mas, sim, remete a um antecedente, introduzindo um novo referente no discurso. Esse fenômeno é ilustrado de maneira clara através de exemplos como o seguinte: "Modo de preparar: Coloque o amendoim em uma assadeira e leve ao forno médio por 30 minutos. Mexa sempre até que o amendoim esteja torrado e a pele saindo com facilidade". Aqui, a expressão "a pele" não retoma diretamente "o amendoim" como seu antecedente explícito. Embora a pele seja uma parte do amendoim, no texto, ela é tratada como uma entidade autônoma, configurando-se como um novo referente categorizado pela primeira vez.

Cavalcante (2003) ainda argumenta que essas anáforas indiretas são cognitivamente mais complexas do que as anáforas diretas. Enquanto estas fundam uma correferencialidade imediata e explícita com seu antecedente, as indiretas exigem um percurso maior de raciocínio para que a relação entre o referente e a âncora seja estabelecida. No exemplo mencionado, "a pele" do amendoim é uma entidade que não foi previamente mencionada como tal, mas cuja relação com o amendoim deve ser inferida pelo leitor. Essa inferência depende de esquemas mentais e de conhecimentos culturais compartilhados, que permitem ao leitor compreender que a pele mencionada é, de fato, a do amendoim.

A autora destaca também que a complexidade desse tipo de inferência pode variar. Por exemplo, no caso da anáfora indireta "a pele", a inferência é relativamente simples, pois é uma associação comum e facilmente dedutível a partir do contexto fornecido e do conjunto de conhecimentos de mundo. No entanto, em outros casos, como em exemplos mais complexos fornecidos por Cavalcante (2003), a inferência pode não ser construída por uma relação lexical tão imediata. A compreensão de tais anáforas requer então um processamento cognitivo mais elaborado, em que o leitor precisa recorrer a conhecimentos mais amplos e contextuais para estabelecer a ligação entre a anáfora e o seu antecedente.

Assim, elas introduzem novos referentes no discurso, exigindo do leitor um nível mais elevado de processamento cognitivo e inferencial. Esses referentes novos, embora não sejam retomados de forma direta, são integrados ao texto de maneira que a sua relação com o

antecedente seja clara e compreensível, através de esquemas mentais e culturais compartilhados. Portanto, a análise das anáforas indiretas contribui para um entendimento mais profundo da complexidade da referenciação em textos, ampliando nossa visão teórica sobre as dinâmicas inferenciais e cognitivas envolvidas na interpretação textual.

5.3.2 Fenômeno 2: anáfora indireta com recategorização lexical (implícita ou não)

Cavalcante (2003), ao retomar os conceitos apresentados por Marcuschi (1998, 2000), explora o fenômeno dos antecedentes implícitos, também conhecidos como *anáfora esquemática*, classificando-o como um tipo de anáfora indireta. Esse tipo de anáfora é caracterizado pela recategorização lexical, em que uma expressão nominal é transformada em outra de maneira implícita ou explícita. Considere o seguinte exemplo: "A equipe médica continua analisando o câncer do Governador Mário Covas. Segundo eles, o paciente não corre risco de vida" (Marcuschi, 1998). Nesse caso, "a equipe médica" é implicitamente recategorizada como "os médicos" e, posteriormente, pronominalizada como "eles". A recategorização lexical implícita, conforme denominada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), refere-se a essas ocorrências que conhecemos como *silepse*.

A título de breve exemplificação: a expressão "a equipe médica" é implicitamente transformada em "os médicos", sem que essa modificação seja explicitamente mencionada no texto. Essa mudança é um exemplo clássico de recategorização lexical implícita. Em seguida, ocorre um processo de pronominalização em que "os médicos" é representado pelo pronome "eles". Esse tipo de anáfora indireta, conforme explicado por Marcuschi (1998; 2000) e retomado por Cavalcante (2003), exige do interlocutor a ativação de esquemas mentais e conhecimentos contextuais para estabelecer a correlação entre as expressões nominais. A capacidade do leitor de inferir essas relações implícitas demonstra a complexidade cognitiva envolvida na compreensão textual.

Por outro lado, um exemplo distinto apresenta uma situação seguinte: na frase "Os alunos da primeira série aprenderam as vogais. Ela utilizou um método novo para ensiná-los" (Marcuschi, 1998) não sugere uma recategorização lexical, mas, sim, uma categorização lexical. Dentro do esquema mental que envolve as expressões "alunos" e "aula", é pertinente incluir "professora" de maneira implícita. A expressão "ela" refere-se à professora, uma referenciação que é compreendida sem a necessidade de maiores explicações no contexto de informalidade. Esta situação não envolve a transformação de uma expressão nominal em outra, mas, sim, a inclusão de um novo referente dentro de um contexto familiar ou dotado de unidade

semântica.

A análise de tais exemplos ilustra, por conseguinte, a diversidade e a complexidade das anáforas indiretas com recategorização lexical. Enquanto no primeiro exemplo conseguiu-se observar uma transformação implícita de "a equipe médica" para "os médicos", no segundo se viu que não há tal transformação, mas sim uma inclusão contextual implícita de "professora". De acordo com Cavalcante (2003), referenciando os estudos de Marcuschi (1998; 2000), essas anáforas exigem uma compreensão contextual profunda e a ativação de esquemas mentais culturalmente compartilhados. As anáforas indiretas, portanto, ampliam nosso entendimento sobre as dinâmicas cognitivas e inferenciais envolvidas na interpretação textual, destacando a complexidade da referenciação em textos.

Concluimos que as anáforas indiretas, tanto com recategorização lexical implícita quanto com categorização lexical, são fenômenos linguísticos que desafiam a simplicidade das relações correferenciais diretas. Elas introduzem novos referentes ou transformam expressões nominais de maneira que a relação entre o elemento anafórico e o seu antecedente seja compreendida através de inferências contextuais e cognitivas. Conforme observado por Marcuschi (1998; 2000) e, posteriormente, por Cavalcante (2003), esses processos são essenciais para uma compreensão mais rica e detalhada da construção de sentido nos textos.

5.3.3 Fenômeno 3: anáfora encapsuladora (meio direta, meio indireta – rótulos, quando por sintagma nominal)

Os encapsulamentos foram investigados por vários autores, incluindo Francis (1986, 1994), Conte (1996), Koch (2002), Zamponi (2001) e Cavalcante (2000, 2001, 2002). Encapsular consiste em resumir proposições do discurso, empacotando-as em uma expressão referencial, que pode ser um sintagma nominal – denominado "rótulo" por Francis (1994) – ou um pronome (geralmente demonstrativo). Um exemplo pode ser visto na seguinte passagem: "Um dos pontos de discussão no governo do PT diz respeito à extensão da jornada de trabalho. Por sugestão da CUT, estuda-se a hipótese de apresentar um projeto de lei reduzindo a carga semanal de trabalho das atuais 44 horas para 40. A ideia é inspirada no modelo europeu, principalmente o francês, e tem um objetivo principal: se as pessoas trabalharem menos, mais gente pode ser contratada. Um estudo sobre o assunto realizado pelo sociólogo José Pastore mostra que a estratégia pode não funcionar" (reportagem – Veja, 15/01/03). Nesse trecho, as anáforas encapsuladoras sublinhadas resumem porções textuais e as rotulam, indicando ao interlocutor como se espera que o conteúdo resumido seja interpretado.

Cavalcante (2000, 2001, 2002) descreve que, diferentemente das anáforas diretas, os encapsuladores não remetem a um antecedente pontual, mas resumem ou condensam as informações do co(n)texto, recuperando-as sem retomá-las explicitamente. Essa sua natureza ambígua leva à classificação das anáforas encapsuladoras como um tipo à parte. No exemplo citado, "a ideia" e "o assunto" encapsulam proposições anteriores inteiras do texto, não se limitando a retomar uma expressão específica. Assim é que elas resumem e categorizam as informações complexas em uma forma condensada. Esse fenômeno exige do leitor a habilidade de interpretar esses resumos e compreender a relação entre o encapsulador e o conteúdo encapsulado.

Além disso, a autora propõe a inclusão dos dêiticos discursivos entre as anáforas encapsuladoras. Esses dêiticos apresentam três características principais: (a) o encapsulamento, pelo qual o conteúdo resumido ganha estatuto de referente e é categorizado como pró-forma ou rótulo; (b) o procedimento dêitico, que orienta os focos de atenção dos interlocutores devido à presença de um dêitico; (c) a pressuposição do posicionamento do falante ou do destinatário na situação real de comunicação. Por exemplo, na frase: "Mas nesse momento a recordação do homem não a angustiava e, pelo contrário, trazia-lhe um sabor de liberdade há doze anos não sentido. Porque seu marido tinha uma propriedade singular: bastava sua presença para que os menores movimentos de seu pensamento ficassem tolhidos. A princípio, isso lhe trouxera certa tranquilidade..." (conto "A fuga", de Clarice Lispector), o demonstrativo "isso" encapsula toda a descrição anterior, resumindo-a em uma única palavra que direciona o foco do leitor.

Por fim, os dêiticos discursivos também podem se manifestar por sintagmas nominais, constituindo rótulos dêiticos. Um exemplo é encontrado na seguinte passagem: "Veja – Uma mulher que trabalha o dia inteiro, cuida de filhos, tem de resolver problemas da casa nem sempre consegue arranjar tempo para praticar esporte. O que fazer para resolver esse dilema?" (entrevista – Veja, 15/01/03). Aqui, "esse dilema" encapsula toda a situação descrita anteriormente, rotulando-a de maneira condensada e compreensível. Esses encapsuladores, tanto por pronomes demonstrativos, quanto por sintagmas nominais, desempenham um papel crucial na coesão e coerência textuais, facilitando a interpretação e a integração de informações complexas no discurso.

Os fenômenos analisados nas tirinhas a seguir serão estudados com base em todo o pressuposto teórico detalhado ao longo deste trabalho. A metodologia adotada para esta investigação será minuciosamente descrita na seção seguinte.

6 METODOLOGIA

Nesta seção, a estrutura metodológica da presente pesquisa será delineada de forma detalhada, fornecendo uma base sólida para a investigação dos processos de referenciação por anáforas indiretas nas tiras de humor de André Dahmer. Esta parte tem como objetivo descrever e justificar as abordagens e os métodos utilizados ao longo do estudo, assegurando a coerência e a relevância das escolhas metodológicas em relação aos objetivos de pesquisa. A metodologia adotada é fundamentada em uma abordagem qualitativa, que se mostra particularmente adequada para a exploração da complexidade e da sutileza dos fenômenos linguísticos envolvidos na construção de humor e sentido nas tiras de Dahmer.

A pesquisa qualitativa é central neste estudo, pois é ela que permite uma análise profunda e contextualizada dos fenômenos selecionados. Diferentemente de abordagens quantitativas, que buscam generalizações a partir de dados numéricos, a pesquisa qualitativa valoriza a compreensão das particularidades e das nuances presentes nos textos, levando em consideração o contexto sociocultural em que as tiras foram produzidas e interpretadas, por exemplo. Nesta seção, será discutido, então, como essa abordagem facilita a identificação e a análise dos fenômenos de anáfora indireta, permitindo uma exploração minuciosa das estratégias de referenciação utilizadas por Dahmer e de seus efeitos sobre a construção do humor.

Além disso, a seção abordará a constituição do *corpus*, que foi cuidadosamente selecionado para representar de forma mais fidedigna possível os fenômenos de referenciação estudados. Será apresentada a justificativa para a escolha das tiras específicas de André Dahmer, destacando como elas exemplificam os diferentes tipos de anáforas indiretas que são foco desta investigação. O processo de seleção do *corpus*, que envolveu a análise preliminar de um conjunto mais amplo de tiras, será descrito em detalhes, explicando como as tiras selecionadas foram refinadas para garantir que cada fenômeno fosse representado de maneira clara e significativa.

Por fim, a seção discutirá os procedimentos de análise adotados, que incluem a descrição minuciosa das tiras, a identificação dos fenômenos de referenciação e a discussão dos efeitos de sentido e do humor gerados por meio das anáforas indiretas. Esses procedimentos serão explicados passo a passo, com ênfase em como a análise qualitativa permite uma compreensão integrada das dimensões verbais e visuais das tiras. Será também abordada a importância de considerar elementos externos, como referências culturais e sociais, que influenciam a interpretação das tiras pelos leitores. Esta seção, portanto, fornecerá o alicerce metodológico

necessário para que a análise subsequente seja conduzida de maneira rigorosa e consistente. Por fim, rendem-se desde já incontáveis agradecimentos a André Dahmer, por permitir a análise das suas obras (Anexo A).

6.1 Definição da pesquisa

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa na análise dos textos, em consonância com os princípios delineados por Flick (2007, apud Paiva, 2019, p. 13). Essa abordagem busca “compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas”. Esse método é particularmente adequado ao estudo das tiras de humor de André Dahmer, dada a natureza rica e multifacetada desse tipo de produção textual, que apresenta um campo fértil para a investigação dos processos de referenciação, em especial por meio das anáforas indiretas. A análise qualitativa, nesse contexto, possibilita uma exploração detalhada e profunda dos mecanismos discursivos que estruturam as tiras, destacando como o humor é construído e como os leitores interpretam as referências implícitas presentes nos textos.

Além disso, esta pesquisa é de caráter eminentemente teórico, centrada na construção de um arcabouço conceitual que sustenta a análise dos fenômenos observados. O objeto de estudo consiste nas tiras de humor de André Dahmer, cuja escolha se fundamenta na sua relevância e representatividade dentro do cenário das produções humorísticas contemporâneas. A partir desse corpus, o estudo objetiva identificar e descrever os diferentes tipos de anáforas indiretas, bem como examinar os impactos dessas estratégias na construção do sentido e do humor. Essa abordagem teórica permite não apenas a identificação dos fenômenos linguísticos em questão, mas também a discussão de suas implicações teóricas e práticas, ampliando o entendimento sobre os processos de referenciação em textos humorísticos.

Caracterizando-se como uma pesquisa terciária, conforme definido por Paiva (2019), este trabalho combina a análise de fontes primárias e secundárias. As tiras de André Dahmer constituem as fontes primárias, sendo examinadas detalhadamente para identificar e interpretar os fenômenos de referenciação. Paralelamente, recorre-se a uma ampla gama de fontes secundárias, incluindo obras bibliográficas e recursos online, que fornecem o suporte teórico necessário à análise e discussão dos dados. Essa integração de perspectivas empíricas e teóricas enriquece a pesquisa, permitindo uma avaliação abrangente e interdisciplinar.

Os objetivos do estudo se enquadram no âmbito da pesquisa explicativa, que, segundo Golsalves (2003, apud Paiva, 2019, p. 14), busca “[...] identificar os fatores que contribuem para

a ocorrência e o desenvolvimento de determinado fenômeno. Buscam-se aqui as fontes, as razões das coisas”. Nesse sentido, o presente trabalho não apenas identifica os diferentes tipos de anáforas indiretas presentes nas tiras de Dahmer, mas também investiga os mecanismos subjacentes que favorecem sua ocorrência e os efeitos humorísticos que produzem no leitor.

O método adotado para a condução desta investigação é a pesquisa bibliográfica, que se baseia em uma revisão extensiva da literatura e em uma análise crítica das produções acadêmicas relacionadas aos processos de referenciação. Essa abordagem metodológica oferece uma sólida fundamentação teórica, essencial para a interpretação e compreensão dos fenômenos linguísticos identificados nas tiras de Dahmer. Ao integrar leituras aprofundadas, o método possibilita uma exploração minuciosa das anáforas indiretas, enfatizando seu papel na construção do humor e revelando como essas estratégias de referenciação contribuem para a criação de efeitos cômicos no contexto específico das tiras analisadas.

Dentre os fenômenos de referenciação analisados, destacam-se três categorias principais. O primeiro fenômeno é a anáfora indireta com categorização de um novo referente, em que o processo de referenciação introduz elementos inéditos no discurso, muitas vezes de forma implícita. O segundo é a anáfora indireta com recategorização lexical, que pode ser implícita ou explícita, e envolve a modificação ou ampliação do significado de um referente previamente introduzido. Por fim, destaca-se a anáfora encapsuladora, que opera entre as anáforas direta e indireta, utilizando rótulos ou expressões nominais para retomar elementos já mencionados.

A escolha desses fenômenos justifica-se por sua relevância na construção do humor nas tiras de Dahmer. As anáforas indiretas desempenham um papel essencial na criação de ambiguidades, nuances e sutilezas que caracterizam o efeito humorístico. Examinar como essas estratégias funcionam e como são interpretadas pelos leitores oferece contribuições significativas para a compreensão do humor nas tiras e para a teoria da referenciação em textos humorísticos. A análise aqui empreendida, portanto, busca não apenas desvendar os mecanismos linguísticos que sustentam o humor, mas também ampliar o entendimento sobre a interação entre linguagem e interpretação no contexto da comunicação humorística.

6.2 Constituição do *corpus*

A delimitação e a constituição do *corpus* desta pesquisa representaram etapas cruciais para a condução de uma análise detalhada e rigorosa sobre os fenômenos de referenciação nas tiras de humor de André Dahmer. Inicialmente, foi selecionado um conjunto de seis tiras, sendo

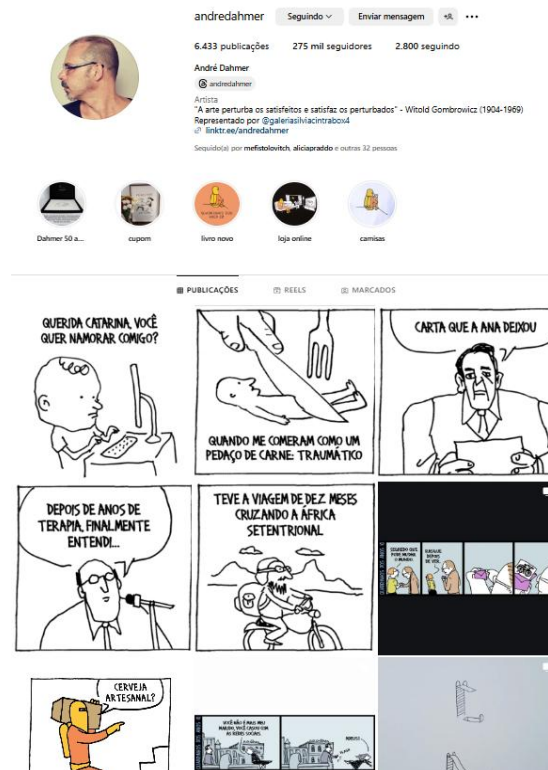
duas para cada um dos três fenômenos de referência que constituem o objeto de estudo. Esse processo seletivo baseou-se em um *corpus* preliminar de 30 tiras, cuja composição foi ajustada continuamente ao longo do desenvolvimento da pesquisa, refletindo o refinamento progressivo dos objetivos e critérios metodológicos.

No início da investigação, as tiras escolhidas não estavam vinculadas a nenhum fenômeno específico, embora já houvesse clareza de que o trabalho de Dahmer seria o núcleo da análise. À medida que os fenômenos de interesse foram definidos e conceitualizados, o *corpus* inicial passou por uma seleção criteriosa, culminando na escolha final das seis tiras que melhor exemplificavam os fenômenos investigados. Essa abordagem garantiu que o *corpus* fosse representativo, manejável e alinhado aos objetivos da pesquisa. Sem uma temática específica que viesse a nortear as escolhas realizadas, objetivou-se que a determinação então fosse mais geral, atendo-se exclusivamente ao gênero textual analisado.

A seleção das tiras foi realizada com base nas publicações regulares de Dahmer em suas redes sociais, particularmente no Instagram e no Facebook, plataformas nas quais o artista compartilha ao menos uma tira por dia. A ampla disponibilidade de material nessas mídias digitais configurou uma fonte rica e diversificada para análise, permitindo observar fenômenos linguísticos em um contexto de ampla circulação e alto impacto social. Inicialmente, houve o desejo de analisar todas as tiras publicadas por Dahmer, dado o seu potencial de revelar uma grande variedade de fenômenos linguísticos. Contudo, a necessidade de delimitar o escopo e aprofundar a investigação levou à definição de um *corpus* mais enxuto, mas suficientemente robusto para atender às demandas analíticas.

É relevante destacar que as páginas de Dahmer nessas redes sociais são atualizadas diariamente, um aspecto que não apenas assegurou a atualidade do *corpus*, mas também refletiu a natureza dinâmica e contemporânea do material analisado. Essa constante renovação das tiras reforçou a conexão com o público atual e permitiu captar fenômenos linguísticos em sua interação direta com os leitores no ambiente digital. Além disso, a coleta das tiras diretamente dessas plataformas assegurou a autenticidade do material e a fidelidade às condições reais de consumo dessas obras.

Figura 9 – Captura de tela do perfil do Instagram de André Dahmer



Fonte: Instagram de *André Dahmer* (09/01/2025)

Do ponto de vista teórico, a constituição do corpus fundamentou-se em princípios da Linguística Funcional (LF), que oferece uma perspectiva privilegiada para investigar a referenciação como um fenômeno linguístico intrinsecamente ligado ao uso da língua em contextos comunicativos reais. As tiras de humor de Dahmer, sendo textos amplamente compartilhados e de forte impacto discursivo, mostraram-se especialmente propícias a essa abordagem. A LF permitiu explorar como a referenciação se dá de maneira contextualizada, considerando as interações entre o texto, o público e os significados emergentes.

Após a definição dos fenômenos a serem analisados, o corpus inicial foi examinado minuciosamente em busca de tiras que exemplificassem, de forma clara e representativa, os fenômenos de referenciação previamente delimitados. Esse processo culminou na seleção de duas tiras para cada um dos três fenômenos: anáfora indireta com categorização de um novo referente, anáfora indireta com recategorização lexical e anáfora encapsuladora. A escolha foi norteada pela capacidade das tiras de ilustrar distintamente os fenômenos investigados, garantindo material rico para uma análise aprofundada.

A escolha das tiras seguiu critérios específicos para garantir que cada fenômeno de referenciação fosse representado de maneira adequada. A anáfora indireta com categorização

de um novo referente foi identificada em tiras onde um novo elemento é introduzido de forma implícita no discurso. Já a anáfora indireta com recategorização lexical foi observada em tiras que modificam o significado de um referente já estabelecido, seja de maneira implícita ou explícita. Por fim, a anáfora encapsuladora, que utiliza rótulos ou expressões nominais para referir-se a elementos mencionados anteriormente, foi identificada em tiras que equilibram a referência direta e indireta.

A constituição final do *corpus*, com duas tiras para cada fenômeno, permitiu uma análise ao mesmo tempo focada e detalhada, garantindo que cada fenômeno fosse explorado em profundidade. Esse processo de seleção e de delimitação do material foi crucial para o desenvolvimento da pesquisa, permitindo que a análise dos fenômenos de referenciação nas tiras de Dahmer fosse conduzida de maneira sistemática e rigorosa. A partir desse *corpus*, a pesquisa pôde avançar para uma análise focalizada dos processos de referenciação e dos efeitos humorísticos decorrentes dessas anáforas indiretas.

6.3 Contextualização do *corpus*

A contextualização do *corpus* é fundamental para este trabalho, uma vez que compreender o ambiente e as influências que moldaram a produção artística de André Dahmer, bem como os temas e o estilo de humor presentes em suas tiras, permite uma análise mais concisa e objetiva dos elementos multimodais e referenciativos que nelas aparecem.

Dahmer é um nome consolidado no cenário brasileiro das histórias em quadrinhos e do humor gráfico. A sua trajetória e as suas escolhas artísticas revelam um profundo compromisso com a crítica social e a reflexão sobre a condição humana. Para uma investigação completa e rica de suas tiras, é essencial entender quem é Dahmer, os temas que permeiam a sua obra e a natureza do humor que ele emprega.

6.3.1 Quem é André Dahmer

André Dahmer, nascido em 1974 em Botafogo, Rio de Janeiro, é um artista multifacetado, atuando como artista plástico, poeta e quadrinista. A sua formação em um ambiente familiar acadêmico e humanista, com uma forte presença de discussões sobre Direitos Humanos, influenciou profundamente a sua visão de mundo e a sua produção artística. Dahmer sempre esteve rodeado por conversas sérias e livros de Sociologia e de História, o que moldou o seu pensamento crítico e a sua sensibilidade para questões sociais e políticas. A sua primeira

lembança literária significativa foi a coletânea de charges de Ziraldo sobre a ditadura militar, uma obra que impactou a sua percepção da realidade política brasileira desde jovem.

Durante a sua juventude, Dahmer se aprofundou na leitura de filósofos como Schopenhauer e Nietzsche, embora tenha eventualmente repudiado essas influências, optando por uma visão mais otimista e interessada na filosofia da estética. Sua descoberta da poesia ocorreu durante a faculdade de Desenho Industrial na PUC-Rio, onde se envolveu com a cena fanzineira e participou de eventos como o CEP 20.000, que combinava literatura, teatro, música e performance. Este ambiente efervescente ajudou a consolidar Dahmer como um artista que transita com bastante facilidade entre diferentes formas de expressão artística.

Essa apresentação de Dahmer, salienta-se aqui, baseia-se em uma entrevista do autor concedida à página da Biblioteca Pública do Paraná e conduzida e transcrita por Omar Godoy, que pode ser acessada em <<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Perfil-do-leitor-Andre-Dahmer>>.

6.3.2 Os temas das tiras de Dahmer

Os temas abordados por André Dahmer em suas tiras de humor são variados e refletem a sua formação e os seus interesses pessoais. Ele explora questões sociais, políticas e culturais com uma abordagem irônica e reflexiva. Dahmer aborda desde a violência urbana e a injustiça social até questões existenciais e filosóficas. A sua obra é permeada por uma crítica aguda à sociedade contemporânea, frequentemente utilizando o humor como uma ferramenta para provocar reflexão e questionamento.

Figura 9 – Exemplo 8



Fonte: Instagram *André Dahmer* (05/01/2025)

A tirinha de André Dahmer reflete sua habilidade em explorar questões existenciais e filosóficas por meio do humor reflexivo. Nela, o personagem compara a leitura ao ato de

sonhar acordado e, em seguida, define o sonhar como um processo semelhante ao de escrever durante o sono. Essa interação simples, mas profundamente metafórica, evidencia a capacidade de Dahmer de provocar questionamentos sobre a natureza da imaginação, da criatividade e da subjetividade humana. O humor sutil reside na lógica poética e na quebra de expectativa na segunda fala, transformando conceitos abstratos em uma reflexão acessível e lúdica. Assim, Dahmer utiliza sua tirinha não apenas para entreter, mas também para instigar o leitor a pensar sobre a relação entre leitura, sonho e criação, mostrando como o humor pode ser uma poderosa ferramenta de crítica e introspecção.

Além do humor, Dahmer também é conhecido por sua produção poética e por sua admiração por poetas brasileiros de diversos estilos. Ele cita influências que vão de Cruz e Souza a Eucanaã Ferraz, passando por Paulo Leminski e Ferreira Gullar. Essa diversidade de influências poéticas se reflete na elasticidade temática de suas tiras, que podem abordar tanto a delicadeza de um Manuel Bandeira quanto a violência de um Roberto Piva. A combinação de temas complexos com uma linguagem acessível e humorística torna a obra de Dahmer única e ressonante com um público amplo.

6.3.3 O humor de Dahmer

O humor que permeia e constitui a obra de Dahmer é caracterizado por uma mistura de ironia, crítica social e reflexão filosófica. Conhecido como um dos cartunistas mais "compartilhados" de sua geração, ele utiliza as suas tiras com a finalidade crítica e reflexiva, bem como para comentar os muitos aspectos da sociedade contemporânea. Dahmer cria frequentemente situações absurdas ou paradoxais que desafiam os leitores, obrigando-os a refletirem criticamente sobre a realidade então referenciada e representada. Isso se deve, em grande medida, ao fato de que, como ele atribui em partes, a sua formação humanista e crítica foi possibilitada e regulada pelo ambiente familiar em que cresceu, em que as discussões sérias sobre Direitos Humanos, por exemplo, eram bastante comuns.

Figura 10 – Exemplo 9



Fonte: Instagram *André Dahmer* (01/01/2025)

A tirinha de André Dahmer exemplifica seu estilo único, combinando humor e reflexão crítica. Nela, Roberto anuncia que todos já estão mortos, mas esclarece que isso se dá no sentido figurado. O desespero que segue, com um abraço dramático entre os personagens, destaca a ironia e o paradoxo da situação: como algo figurativo, uma metáfora, pode parecer mais assustador ou impactante do que a própria literalidade da morte? Esse contraste absurdo, típico de Dahmer, força o leitor a refletir sobre a fragilidade emocional diante de ideias abstratas e sobre como metáforas, ainda que imateriais, têm o poder de influenciar profundamente a percepção humana. A obra critica, de forma cômica e filosófica, a tendência humana de reagir a conceitos abstratos como se fossem tão concretos quanto os eventos literais, revelando mais sobre nossas ansiedades e nossa relação com o simbólico do que sobre a mensagem em si.

Assim, a sua habilidade de transformar eventos cotidianos e questões sociais em humor inteligente e provocador é uma marca registrada de seu trabalho. Dahmer consegue equilibrar a crítica social com uma perspectiva humanista, abordando temas muito problemáticos e espinhosos com leveza, sutileza e sagacidade. As tiras de Dahmer, publicadas regularmente no Instagram e no Facebook, alcançam um público diversificado e demonstram também o seu compromisso contínuo com a criação artística e a crítica social. A combinação de temas complexos com uma linguagem relativamente acessível e de tom criticamente humorístico torna suas tiras um poderoso veículo de comunicação e reflexão.

6.4 Procedimentos de Análise

A análise das tiras de humor de Dahmer será conduzida através de uma abordagem qualitativa, com a finalidade de compreender, descrever e explicar os fenômenos de

referenciação a partir de uma perspectiva interna. A metodologia utilizada segue os princípios estabelecidos por Flick (2007 apud Paiva, 2019), permitindo uma investigação profunda e detalhada dos processos de anáfora indireta presentes nas tiras. Abaixo, são delineados os passos específicos que serão seguidos na investigação analítica.

O primeiro passo na análise das tiras envolverá a descrição de cada uma delas. O objetivo desta etapa será a apresentação do enredo narrativo das tiras, destacando como os elementos verbais e visuais se combinam para o desenvolvimento narrativo de uma história. Inicialmente, será realizada uma leitura atenta e uma observação detalhada de cada tira selecionada, permitindo um entendimento profundo dos componentes da narração. Em seguida, todos os elementos textuais presentes nas tiras serão anotados, incluindo os diálogos, os pensamentos e quaisquer elementos adicionais. Isso assegurará que nenhuma parte da narrativa verbal seja negligenciada.

Após o registro dos elementos verbais, a análise irá se voltar para os elementos visuais das tiras. Isso será feito porque se considera, nesta pesquisa, que é mais do que essencial descrever minuciosamente as expressões faciais, os gestos, os cenários e os demais objetos, que não só complementam e enriquecem a narrativa textual, mas dão a ela uma forma outra bastante significativa para o processo de construção de sentido. Esses detalhes visuais são fundamentais, assim, para a compreensão completa da história contada nas tiras. Finalmente, uma síntese do enredo de cada tira será elaborada, integrando as informações verbais e visuais para apresentar uma visão coesa e detalhada da história contada. Esse processo de síntese será crucial para entender como Dahmer utiliza uma combinação de verbal e visual para construir narrativas complexas em que o componente humorístico, como uma forma de tom, ocupa um lugar central na dinâmica das significações.

O segundo passo se tratará da identificação dos fenômenos de referenciação presentes nas tiras. O objetivo desta etapa será, portanto, identificar e categorizar os fenômenos de referenciação que Dahmer utiliza. Primeiramente, o texto e os elementos visuais serão examinados para identificar casos de anáfora indireta. Este exame minucioso permitirá a detecção de referências indiretas que não são imediatamente óbvias.

Após a identificação, os fenômenos de anáfora indireta serão classificados em três tipos principais, de acordo com o que já previamente foi percebido: a categorização de um novo referente, em que um novo referente de fato é introduzido de forma indireta; a recategorização lexical (implícita ou não), em que um referente existente é recategorizado através de uma nova expressão lexical; e a anáfora encapsuladora, que envolve a utilização de rótulos que atuam como referências semi-diretas. Cada caso identificado será então documentado, anotando a

localização precisa na tira e o contexto em que ocorre. Esse registro detalhado e descritivo é, para este tipo de pesquisa, uma parte fundamental, já que abre precedentes para futuras análises e comparações.

O terceiro passo envolve, por sua vez, a necessidade de descrição e de discussão dos processos de referenciação por anáforas indiretas. O objetivo desta etapa será então descrever e discutir os processos de referenciação e os efeitos de sentido humorístico gerados. Cada anáfora indireta identificada terá a sua constituição linguística examinada detalhadamente para que se consiga entender o seu funcionamento dentro da narrativa. Primeiramente, irá se realizar uma análise detalhada dos processos de referenciação. Essa análise busca compreender, em sua forma teórico-metodológica, como as anáforas indiretas contribuem para a coesão textual, explorando a relação entre os referentes e os textos em que se inserem. Em seguida, irá se discutir os efeitos de sentido que as anáforas produzem, focando nos aspectos humorísticos e interpretativos. Essa discussão incluirá uma análise dos jogos de linguagem, as ironias e as subversões que Dahmer utiliza para criar o humor e o engajamento do leitor. Exemplos específicos das tiras serão utilizados para ilustrar como as anáforas indiretas operam e produzem esses efeitos de sentido. Além disso, os diferentes casos de anáfora indireta entre as tiras analisadas vão ser comparados para identificar padrões e variações no uso desses recursos. Essa comparação permitirá uma compreensão mais ampla de como Dahmer utiliza as anáforas indiretas em sua obra e como esses mecanismos textuais e visuais se entrelaçam para construir significados e gerar humor.

Finalmente, o quarto passo será identificar os elementos externos necessários para a produção de sentido pelo leitor. O objetivo desta etapa será então o mapeamento dos conhecimentos externos que podem ser necessários para o entendimento completo das tiras. Isso envolve, como pressuposto, a análise do contexto cultural e social em que as tiras foram produzidas, identificando as referências aos eventos atuais, as figuras públicas e as questões sociais pertinentes. A investigação de referências implícitas é crucial para a natureza do trabalho aqui elaborado, visto que, em muitos casos, tais referências exigem conhecimentos pré-existentes por parte do interlocutor do texto. Essa investigação se baseará, portanto, na identificação de alusões culturais, políticas e sociais que Dahmer incorpora em suas tiras. Discutir o impacto desses elementos externos na interpretação das tiras é igualmente importante, pois influenciam diretamente a produção de sentido. Examina-se como os leitores podem precisar recorrer a seus conhecimentos prévios sobre certos tópicos para entender completamente as nuances das tiras. Uma síntese dos elementos externos identificados será compilada, discutindo a sua relevância para a compreensão das tiras. Esse passo ajuda a

compreender como o humor de Dahmer dialoga com o contexto externo e como ele utiliza referências culturais e sociais para enriquecer suas narrativas e provocar reflexões no leitor.

Em resumo, os procedimentos de análise adotados nesta pesquisa buscam oferecer uma abordagem abrangente e detalhada para o estudo das tiras de Dahmer. Através da descrição narrativa, da identificação de fenômenos de referenciação, da discussão dos processos de anáforas indiretas e da identificação de elementos externos, pretende-se revelar a complexidade e a profundidade das técnicas humorísticas e referenciais utilizadas por Dahmer. Esta análise não só contribui para o entendimento da obra de Dahmer, mas também para o estudo dos processos de referenciação em textos multimodais de humor.

7 ANÁLISES

Nesta seção, dedicado à análise das tiras de humor de André Dahmer, serão explorados três fenômenos distintos relacionados à referenciação por anáforas indiretas: a categorização de um novo referente, a recategorização lexical (implícita ou explícita) e o encapsulamento. Esses fenômenos, essenciais para compreender as nuances dos textos multimodais, serão analisados com o objetivo de revelar como contribuem para a construção do humor e do sentido nas obras do autor.

Para essa análise, serão examinadas seis tiras de humor, com duas exemplificando cada fenômeno. A escolha das tiras foi feita de modo a destacar claramente a presença e a funcionalidade de cada fenômeno, oferecendo exemplos concretos e representativos das estratégias de referenciação utilizadas por Dahmer. Embora algumas tiras apresentem a coexistência de mais de um fenômeno de anáfora indireta, a análise será delimitada a um fenômeno principal por tira. Essa delimitação metodológica visa garantir uma abordagem mais precisa e detalhada, permitindo explorar em profundidade o impacto específico de cada fenômeno na estrutura narrativa e no efeito cômico das tiras.

Durante a análise, será dada especial atenção à interação entre elementos verbais e não verbais, destacando como esses componentes se articulam para potencializar os efeitos de referenciação. A categorização de novos referentes será examinada quanto à sua capacidade de introduzir personagens ou objetos de forma criativa e humorística. A recategorização lexical, por sua vez, será analisada como um recurso para gerar surpresa ou ironia, enquanto o encapsulamento será investigado em sua função de sintetizar ou reinterpretar informações previamente apresentadas, intensificando o efeito cômico no desfecho das tiras.

Ao final da seção, será apresentada uma discussão abrangente sobre os resultados das análises individuais, integrando os fenômenos estudados em uma visão mais ampla sobre as estratégias linguísticas e semióticas que sustentam o humor nas tiras de Dahmer. Essa discussão buscará evidenciar como cada fenômeno contribui não apenas para o entendimento do texto, mas também para a construção do riso, explorando as inter-relações entre eles e suas implicações para a comunicação humorística. Além disso, será considerada a relevância desses fenômenos no contexto do humor gráfico contemporâneo, refletindo sobre a forma como eles dialogam com o imaginário cultural e com as expectativas dos leitores.

7.1 Fenômeno I: Anáfora indireta com categorização de um novo referente

Nesta subseção, serão analisadas as ocorrências de anáfora indireta com categorização de um novo referente nas tiras selecionadas, um fenômeno linguístico que desempenha um papel crucial na construção de sentido e na produção do humor. Esse recurso manifesta-se quando um novo referente é introduzido de forma indireta, por meio de uma expressão que não estabelece uma conexão explícita com um antecedente claro, mas que depende do contexto discursivo para ser compreendido. Diferentemente da anáfora direta, em que a relação de referência é evidente e facilmente identificável, a anáfora indireta exige do leitor um maior nível de inferência e interpretação, o que contribui para enriquecer a experiência de leitura e amplificar o impacto cômico. Assim, o processo de categorização permite que o novo referente seja apresentado de maneira contextualizada e funcional ao discurso, integrando-se organicamente à narrativa e ao humor característico das tiras de Dahmer.

Para ilustrar essa dinâmica, serão examinadas duas tiras específicas de André Dahmer, que utilizam esse recurso de forma exemplar. A análise focará em como o humor e a crítica social emergem da inserção estratégica de novos referentes no discurso, revelando camadas adicionais de significado. Em ambas as tiras, a categorização dos novos referentes não se limita a sua função informativa; ela também contribui para gerar ironia, surpresa ou tensão cômica. Essa técnica narrativa, além de mobilizar a inferência do leitor, frequentemente subverte expectativas culturais ou sociais, expondo de forma sutil — mas contundente — os absurdos e contradições do cotidiano. Ao explorar essas ocorrências, será possível demonstrar como a anáfora indireta, além de servir como um mecanismo linguístico, constitui uma ferramenta semiótica fundamental para a articulação entre humor e crítica social nas obras do autor.

7.1.1 Tira 1

Figura 11 – Objeto de análise 1



Fonte: Facebook *André Dahmer Malvados* (17/05/2023)

A presente tira é composta por três quadros sequenciais que articulam humor e crítica social ao explorar, de forma irônica, a relação entre o usuário e a internet. Utilizando metáforas visuais e linguísticas, a tira questiona percepções idealizadas sobre o ambiente digital e desconstrói a visão de um espaço virtual harmonioso e regulado.

O primeiro quadro introduz um personagem peculiar que simboliza o Algoritmo, uma figura central na experiência do usuário na internet. Vestido com uma roupa laranja que cobre todo o corpo — lembrando um traje de astronauta ou uma vestimenta caricata —, ele segura balões coloridos, conferindo um ar infantil e amigável à cena. Ao lado dele, uma placa com os dizeres "INTERNET - TERRA DA CORDIALIDADE" estabelece o tom inicial, que associa a internet a um ambiente acolhedor. O personagem reforça essa imagem ao oferecer, em um gesto aparentemente gentil, um cookie acompanhado da frase: "Bem-vindo! Aceita um cookie?". A escolha do termo "cookie" brinca com seu duplo sentido, referindo-se tanto ao biscoito quanto ao arquivo digital usado para coletar informações dos usuários. Esse contraste entre a aparência amistosa e as implicações mais complexas e invasivas da coleta de dados já sugere a desconstrução crítica que se desenrolará nos quadros seguintes.

O segundo quadro transforma o cenário ao introduzir um novo personagem, que aparece montado em um cavalo, evocando o imaginário do Velho Oeste e dos desbravadores. Sua presença traz à tira um tom de confronto, reforçado pela pergunta direta e incisiva: "De quem é esta terra?". Esse questionamento provoca uma ruptura na narrativa inicial, sugerindo uma disputa ou reivindicação sobre o espaço digital. A metáfora da "terra" atribui à internet características de um território físico, em que questões de propriedade, poder e controle estão em jogo. O uso do estilo visual do faroeste, com elementos de conquista e exploração, reforça a ideia de que a internet é percebida como um espaço em disputa, um "território" caótico que reflete as tensões contemporâneas relacionadas ao ambiente digital.

No quadro final, o Algoritmo responde prontamente: "De ninguém", subvertendo as expectativas criadas pela cena anterior e intensificando a ironia. A resposta contradiz a ideia implícita de que a "terra" deveria ter um proprietário ou algum tipo de ordem reguladora. Ao mesmo tempo, desconstrói o conceito de "cordialidade" introduzido no primeiro quadro, revelando a internet como um espaço desorganizado, onde a suposta civilidade é apenas uma fachada. O desfecho expõe um paradoxo: a ausência de um "dono" reforça a sensação de anarquia, mas também destaca as dinâmicas implícitas de controle e vigilância que permeiam o ambiente digital, frequentemente mascaradas por uma aparência amigável.

O humor da tira emerge da desconstrução das expectativas geradas pelos elementos iniciais, como a idealização da internet como um lugar acolhedor. A categorização da internet

como "terra" cria um contraste entre a percepção de um espaço físico e a realidade do ambiente digital, marcado por disputas invisíveis de poder e interesses. Além disso, o uso do termo "cookie" como um elemento ostensivamente inofensivo, mas carregado de implicações sobre a coleta de dados e a privacidade, intensifica a crítica social subjacente. O contraste entre a aparência cordial e a realidade caótica e invasiva da internet forma a base do efeito cômico, enquanto a representação visual e textual contribui para a camada crítica da narrativa. O contexto cultural em que a internet é percebida como um ambiente hostil ou sem regras está implícito, tornando a tira compreensível e humorística para aqueles familiarizados com essa realidade digital.

A expressão "esta terra", presente no segundo quadro da tira, é um exemplo marcante de anáfora indireta com categorização de um novo referente, um recurso linguístico que desempenha um papel crucial na construção de sentido e no efeito cômico da narrativa. Diferentemente de uma referência direta, em que o termo remeteria explicitamente a um elemento já mencionado, a anáfora indireta exige que o leitor realize um processo inferencial para conectar a expressão ao contexto previamente apresentado. Nesse caso, embora a palavra "terra" não tenha sido mencionada de forma explícita no primeiro quadro, o leitor é levado a associá-la à internet devido à presença da placa "INTERNET - TERRA DA CORDIALIDADE", que introduz, de maneira implícita, a ideia de internet como um território metafórico.

Esse tipo de categorização, ao apresentar a internet como uma "terra", promove um deslocamento semântico que enriquece a experiência de leitura, pois convida o leitor a reinterpretar o conceito de internet sob uma nova perspectiva. A palavra "terra" carrega uma forte carga simbólica e histórica, evocando imagens de território, propriedade, exploração e disputa, conceitos profundamente enraizados nas relações humanas e sociais. Ao aplicar essa categorização à internet, a tira estabelece uma analogia que não apenas facilita a compreensão do ambiente digital como um espaço de interações sociais e econômicas, mas também o apresenta como um território sujeito a conflitos e dinâmicas de poder, como qualquer espaço físico.

Além disso, a escolha do termo "terra" é estrategicamente irônica, uma vez que sugere um ambiente físico e delimitado — algo que a internet, em sua essência virtual e descentralizada, não é. Essa categorização nova e criativa desafia as percepções comuns sobre o espaço digital e introduz uma camada de crítica social. O uso de "terra" implica a existência de donos, fronteiras e regras, conceitos que contrastam fortemente com a natureza anárquica e desregulada que a tira atribui à internet. Assim, a anáfora indireta não apenas depende do

contexto para ser compreendida, mas também carrega uma intenção crítica, ao desconstruir a idealização da internet como um espaço acessível e ordenado, sugerindo que, na realidade, ela é um território onde disputas e desigualdades estão sempre presentes.

Outra camada interessante da expressão "esta terra" é a forma como ela ativa o conhecimento prévio do leitor sobre questões relacionadas à posse e controle. Em um contexto histórico, a ideia de "terra" frequentemente remete à colonização, à apropriação de recursos e à luta por soberania. Ao transpor esse conceito para o ambiente digital, a tira provoca uma reflexão sobre como a internet, muitas vezes vista como um espaço "de ninguém", na verdade é controlada e explorada por grandes corporações, governos e outros agentes de poder. A resposta lacônica do personagem — "De ninguém" — intensifica essa crítica, expondo o paradoxo de um espaço que se apresenta como livre e democrático, mas que é, na prática, profundamente influenciado por interesses particulares.

Por fim, o recurso da anáfora indireta com categorização de um novo referente funciona não apenas como um elemento linguístico, mas também como um mecanismo narrativo que potencializa o humor e a crítica da tira. Ao exigir do leitor um esforço interpretativo para conectar "esta terra" à internet, a narrativa estabelece um diálogo ativo com o público, desafiando-o a questionar suas próprias concepções sobre o ambiente digital. Esse processo de inferência e ressignificação enriquece a leitura, adicionando profundidade à mensagem crítica da tira e reforçando a capacidade do humor de abordar temas complexos de forma acessível e impactante.

7.1.2 Tira 2

Figura 12 – Objeto de análise 2



Fonte: Instagram André Dahmer (07/08/2024)

A tirinha em questão apresenta um formato diferenciado, contendo apenas um único quadro, o que a aproxima de uma charge, tradicionalmente caracterizada por seu tom crítico e pela síntese visual e textual que comunica uma mensagem em uma única cena. Embora a presença de diálogos e personagens remeta ao formato de tiras cômicas, a ausência de quadros sequenciais e a concentração de toda a mensagem em um único momento reforçam essa proximidade com o gênero da charge. Esse formato único, por sua vez, exige uma construção precisa da interação entre texto e imagem, garantindo que a crítica ou a ironia seja comunicada de forma direta e eficiente. Nesse sentido, Dahmer demonstra sua habilidade em condensar humor e reflexão em uma única cena, mantendo a identidade de sua obra enquanto expande os limites entre os gêneros narrativos.

A cena retrata dois personagens em um ambiente típico de gravação de podcast, com fones de ouvido e microfones que simbolizam o universo da produção de conteúdo digital. A escolha desse cenário não é aleatória, pois situa os personagens no centro da crítica: a saturação de podcasts na atualidade. O primeiro personagem pergunta: "Qual é a sua opinião sobre podcast?", ao que o segundo responde laconicamente: "Tem muito." A aparente banalidade dessa troca carrega uma crítica social aguda à proliferação excessiva de podcasts e à sobrecarga de conteúdo digital disponível, frequentemente mais voltada para a quantidade do que para a qualidade.

Essa crítica é amplificada pelo tom pragmático e quase indiferente da resposta "Tem muito". Em vez de oferecer uma análise qualitativa ou reflexiva sobre o fenômeno dos podcasts, o personagem opta por uma observação simples e objetiva. Essa simplicidade é, na verdade, a força do humor da tira, pois subverte a expectativa do leitor. A pergunta sugere que será seguida por uma resposta elaborada, talvez com argumentos ou reflexões profundas. No entanto, a resposta é reduzida a uma constatação básica, que pode ser interpretada como um reflexo do cansaço ou da saturação em relação à explosão de podcasts. O humor, portanto, emerge da ironia contida na simplificação exagerada de um tema tão amplo e atual.

A economia de elementos visuais na obra é um aspecto central que contribui para o impacto da mensagem. Os traços minimalistas de André Dahmer focam apenas no essencial: os dois personagens, os fones de ouvido, os microfones e um fundo neutro que remete a um estúdio de gravação. Essa simplicidade visual não apenas destaca a interação verbal, mas também simboliza a padronização e homogeneidade dos ambientes de gravação de podcasts, reforçando a ideia de que muitos desses programas carecem de originalidade. Essa escolha estética não é apenas um estilo característico do artista, mas também uma decisão narrativa que complementa

o tema da crítica — o excesso desprovido de profundidade.

A análise linguística da anáfora indireta na tira revela uma estratégia discursiva sofisticada, em que a expressão "muito" desempenha um papel central na construção do humor e na transmissão da crítica social. Embora "muito" não se vincule explicitamente a um antecedente previamente mencionado, sua interpretação é ancorada no contexto situacional e cultural apresentado na tira. O termo depende de uma inferência ativa por parte do leitor, que precisa conectar a resposta ao universo dos podcasts, previamente sugerido pela pergunta inicial. Esse processo inferencial é um exemplo de como o texto explora a cognição do leitor, envolvendo-o na construção do sentido.

A escolha da palavra “muito”, no contexto específico em que a expressão como um todo é marcada por uma elipse que motiva o exercício de pressuposições com vistas ao preenchimento da lacuna existente, é ali muito emblemática, pois ela não especifica quantidade nem oferece detalhes sobre os aspectos qualitativos dos podcasts. Em vez disso, "muito" atua como uma categorização genérica, que carrega consigo uma crítica implícita: o excesso de podcasts não é acompanhado de uma avaliação positiva ou negativa, mas é apresentado como um fato por si só significativo. A omissão de detalhes adicionais cria uma lacuna interpretativa, que é preenchida pelo conhecimento de mundo do leitor. No contexto atual, em que a produção de conteúdo digital é massiva, "muito" se torna quase sinônimo de "excessivo" ou "redundante", implicando uma crítica à proliferação descontrolada desse formato de mídia.

Além disso, a anáfora indireta com categorização de um novo referente aqui funciona como uma forma de condensar uma crítica complexa em uma expressão mínima. Essa economia linguística é eficaz não apenas para o humor, mas também para enfatizar a superficialidade com que certos fenômenos culturais, como os podcasts, podem ser percebidos. O uso de uma expressão tão vaga como "muito" reflete a banalização do próprio fenômeno criticado, sugerindo que a quantidade é tantas vezes valorizada em detrimento da qualidade. Assim, a linguagem se alinha com o tema da tira, reforçando a ironia por meio de sua simplicidade proposital.

A construção do humor está diretamente ligada a essa quebra de expectativa: a pergunta inicial sugere que o personagem oferecerá uma opinião estruturada ou reflexiva sobre podcasts, um tema que, à primeira vista, parece merecer atenção cuidadosa. No entanto, a resposta curta e quase indiferente "Tem muito" não apenas subverte essa expectativa, mas também provoca o leitor a refletir sobre a saturação de conteúdo digital. O contraste entre a expectativa de profundidade e a resposta superficial cria uma ironia que, por sua vez, amplifica o efeito humorístico.

No campo pragmático, a anáfora indireta também aponta para o diálogo entre os personagens como um reflexo das interações digitais contemporâneas. A resposta vaga "muito" pode ser vista como uma paródia das interações frequentemente superficiais que ocorrem em ambientes digitais, onde informações são compartilhadas de maneira rápida e rasa, sem aprofundamento. Essa representação crítica da comunicação digital é reforçada pelo fato de que a expressão "muito" sugere uma experiência comum ao público-alvo da tira: o reconhecimento da abundância desmedida de podcasts e, por extensão, de outros formatos de conteúdo digital.

Essa simplificação proposital — "muito" em vez de uma explicação mais detalhada — funciona também como uma metáfora para a própria superficialidade que muitas vezes caracteriza o conteúdo digital. Assim como a resposta evita aprofundar o tema, muitos podcasts podem ser vistos como reproduções repetitivas de ideias ou opiniões, sem oferecer contribuições significativas. A crítica, portanto, não é apenas à quantidade excessiva, mas também à qualidade frequentemente questionável do que é produzido e consumido nesse formato.

Por fim, a decisão de apresentar essa reflexão em um único quadro — reforçando a semelhança com uma charge — é particularmente eficaz para amplificar a mensagem da obra. A ausência de uma sequência narrativa concentra a atenção do leitor em um único momento e em um único diálogo, tornando a crítica mais incisiva. Isso sugere que Dahmer deliberadamente optou por esse formato compacto para gerar as condições indiretas de interlocução do sentido intencionado, de forma a incorporar ativamente o seu interlocutor e levá-lo a se engajar no processo de preenchimento de lacunas e de significação das elipses através de procedimentos anafóricos, reduzindo, por conseguinte, a narrativa ao essencial e, ao mesmo tempo, deixando espaço, como apontamos, para que o leitor reflita e interprete a crítica implícita. Essa flexibilidade narrativa demonstra a versatilidade do artista, que consegue transitar entre formatos tradicionais de tiras cômicas e abordagens mais próximas das charges, sem perder a essência de sua crítica social e humorística.

7.2 Fenômeno II: Anáfora indireta com recategorização lexical (implícita ou não)

Esta subseção concentra-se na análise das anáforas indiretas com recategorização lexical, um recurso linguístico que envolve a reinterpretação ou reclassificação de um referente por meio de uma nova designação, seja ela implícita ou explícita.

A recategorização lexical ocorre quando um termo ou expressão previamente introduzido no discurso é substituído por uma outra designação que altera ou amplia sua

caracterização inicial. Essa operação semântica não apenas modifica a percepção do referente, mas também estabelece novas relações entre os elementos discursivos, contribuindo para a construção de significados mais complexos.

No contexto das tiras de humor, esse fenômeno assume um papel central ao gerar deslocamentos de sentido que surpreendem o leitor, muitas vezes desconstruindo expectativas e criando ironias sutis ou explícitas. Essa dinâmica entre o novo e o já conhecido, típica da recategorização lexical, é fundamental para o impacto humorístico, pois desafia o leitor a reinterpretar a situação apresentada. Além disso, será destacado como Dahmer utiliza a recategorização não apenas como um recurso linguístico, mas também como uma ferramenta crítica, capaz de gerar reflexões mais amplas sobre temas sociais, culturais e existenciais.

7.2.1 Tira 3

Figura 13 – Objeto de análise 3



Fonte: Instagram *André Dahmer* (03/08/2024)

A tira de humor analisada apresenta um cenário minimalista, composto por três quadros consecutivos, onde um personagem humano, presumivelmente representando um usuário, interage com uma máquina amarela. Essa máquina, destacada por uma placa com os dizeres "TUDO QUE VOCÊ QUISER", parece ser um dispositivo avançado, possivelmente mágico ou tecnologicamente sofisticado, que promete respostas ilimitadas às perguntas formuladas. O visor da máquina revela a silhueta de um operador enigmático, sem traços definidos, simbolizando o "Algoritmo". Essa figura anônima e impessoal reforça a ideia de uma inteligência artificial genérica, frequentemente associada a sistemas automatizados na era digital. A simplicidade do traço e a ausência de outros elementos visuais no cenário concentram o foco na interação entre o usuário e a máquina, enfatizando a falha de comunicação que é o núcleo do humor da tira.

No primeiro quadro, o usuário se aproxima da máquina com curiosidade, atraído pela promessa da placa que sugere a realização de qualquer desejo ou a obtenção de qualquer informação. Essa premissa inicial cria uma expectativa no leitor de que a máquina será capaz de fornecer respostas precisas e relevantes. No entanto, a simplicidade do cenário, somada à falta de detalhes sobre a funcionalidade da máquina, já insinua um tom de ironia, preparando o terreno para a desconstrução dessa expectativa.

No segundo quadro, o usuário faz uma pergunta aparentemente simples: "Quantos anos tem Alceu Valença?". A pergunta, clara e objetiva, reforça a ideia de que o dispositivo deveria ser capaz de fornecer uma resposta direta, dado o nível de sofisticação sugerido pela placa. No entanto, o tom neutro do cenário e a ausência de elementos que sugiram emoção ou personalidade no algoritmo criam uma tensão cômica, antecipando a possibilidade de uma resposta inesperada.

No terceiro quadro, o algoritmo responde de maneira completamente irrelevante: "Valença foi fundada em 29 de setembro de 1823". Em vez de responder à pergunta sobre o cantor Alceu Valença, o dispositivo confunde o nome do artista com a cidade homônima. Essa troca de referentes subverte a expectativa tanto do personagem quanto do leitor, gerando o efeito humorístico central da tira. A resposta incorreta não apenas frustra a solicitação inicial do usuário, mas também expõe a inadequação da máquina em lidar com ambiguidades linguísticas e contextuais, uma crítica sutil aos sistemas de inteligência artificial.

Os elementos visuais, como a caixa amarela e a figura anônima representando o Algoritmo, desempenham um papel fundamental ao complementar o discurso verbal e reforçar o humor. A simplicidade do traço e a ausência de outros detalhes no cenário são escolhas deliberadas que mantêm o foco exclusivamente na interação entre o usuário e o algoritmo, destacando a falha de comunicação que é essencial para a piada. A máquina, apesar de prometer "TUDO QUE VOCÊ QUISE", acaba se mostrando inadequada ou mal equipada para lidar com perguntas básicas, o que sugere uma crítica à confiança excessiva em tecnologias como algoritmos e inteligência artificial, que muitas vezes podem falhar de maneiras inesperadas.

O humor da tira é gerado principalmente pela discrepância entre a expectativa do leitor e a resposta dada pelo algoritmo. Quando o leitor se depara com a placa "TUDO QUE VOCÊ QUISE", é natural que ele espere uma resposta correta e relevante sobre Alceu Valença. No entanto, a resposta errada e fora de contexto cria um momento de surpresa e ironia, que são os elementos principais do humor na tira. A crítica subjacente é dirigida à ideia de que, embora a tecnologia, representada aqui pelo algoritmo, seja muitas vezes promovida como infalível e onisciente, na prática, ela pode produzir resultados absurdos ou irrelevantes, especialmente

quando interpreta mal os dados ou confunde contextos.

Do ponto de vista linguístico, a tira é um exemplo claro de como a anáfora indireta e a recategorização lexical implícita podem gerar efeitos cômicos e críticos. O fenômeno ocorre quando um termo é reinterpretado dentro de um novo contexto, mas sem que essa mudança seja explicitamente enunciada. Ao ser questionado sobre "Alceu Valença", o algoritmo recategoriza automaticamente o referente inicial — o cantor conhecido no cenário cultural brasileiro — para outro completamente distinto: a cidade de Valença. Essa associação é feita com base em uma correspondência lexical superficial (o nome "Valença"), ignorando a complexidade semântica e pragmática que define o contexto original da pergunta.

O humor da tira nasce dessa falha de referencialidade: o Algoritmo demonstra uma interpretação literalista e desconectada do contexto, característica comum de sistemas automatizados que operam com base em associações genéricas de dados. A resposta fornecida, “Valença foi fundada em 29 de setembro de 1823”, revela uma incapacidade de discernir nuances ou estabelecer conexões adequadas entre os dados disponíveis e a intenção comunicativa do usuário com vistas a um determinado efeito de sentido, ali mesmo no seio da interação estabelecida. Essa inadequação destaca uma limitação fundamental de algoritmos: enquanto podem acessar vastas quantidades de informação, frequentemente carecem da habilidade de compreender contextos complexos ou culturais.

A recategorização lexical implícita ocorre porque o algoritmo substitui o referente culturalmente carregado (o cantor Alceu Valença) por um novo referente baseado em dados objetivos (a cidade de Valença). Essa substituição, que é inadequada dentro do contexto da pergunta, exige do leitor uma inferência para compreender a origem do erro. É necessário reconhecer que a palavra "Valença" pode se referir tanto ao cantor quanto à cidade, mas a ambiguidade foi resolvida erroneamente pelo sistema. Essa falha, por sua vez, reforça a crítica embutida na tira: a confiança cega na tecnologia como uma mediadora de informações frequentemente ignora as complexidades da linguagem e da cultura humana.

O humor da tira também está intrinsecamente ligado à necessidade de conhecimento prévio por parte do leitor. Para apreciar plenamente a piada, o público deve saber quem é Alceu Valença, um renomado cantor e compositor brasileiro, e estar ciente da existência da cidade chamada Valença. Esse requisito cria uma camada adicional de engajamento intelectual, na qual o leitor se torna um coautor do humor ao identificar o erro do algoritmo e reconhecer sua fonte.

A dependência de referências culturais específicas ressalta um ponto importante sobre as limitações dos sistemas automatizados: enquanto algoritmos podem acessar dados de forma ampla, eles geralmente falham em interpretar ou priorizar informações que exigem contexto

cultural. A tira, portanto, vai além de uma simples piada sobre erros tecnológicos; ela oferece uma crítica mais profunda sobre a inadequação da inteligência artificial em lidar com ambiguidades linguísticas e culturais.

Além disso, a crítica implícita na tira reflete preocupações contemporâneas sobre o papel crescente da tecnologia na mediação da comunicação e na construção do conhecimento. Ao expor a falha do algoritmo em responder corretamente a uma pergunta simples, a tira questiona a confiança desmedida na capacidade dessas ferramentas de entender e replicar a complexidade da linguagem humana. Em última instância, essa limitação não é apenas uma questão técnica, mas também social e cultural, uma vez que sistemas tecnológicos frequentemente reproduzem, e até amplificam, as lacunas e os vieses de seus contextos de criação.

7.2.2 Tira 4

Figura 14 – Objeto análise 4



Fonte: Facebook *André Dahmer Malvados* (26/06/2024)

A tira humorística de André Dahmer oferece um exemplo marcante do uso de anáfora indireta com recategorização lexical implícita para subverter expectativas e construir humor. A estratégia linguística empregada na tira explora descrições vagas e genéricas para criar uma falsa impressão inicial, que é desmontada de maneira abrupta e cômica no desfecho.

Nos dois primeiros quadros, o personagem em laranja descreve um pintor que amava cães e era vegetariano, sem revelar sua identidade. Essas características funcionam como marcadores anafóricos indiretos, pois não retomam diretamente um referente previamente apresentado, mas introduzem-no de maneira implícita, com base em atributos selecionados. O uso de expressões como "amava cães" e "era vegetariano" ativa esquemas mentais positivos no leitor, incentivando-o a associar essas qualidades a um artista admirável. A ausência de

detalhes específicos mantém o referente inicial em uma zona de ambiguidade deliberada, que é essencial para o impacto do punchline.

A revelação no terceiro quadro — que o pintor é Adolf Hitler — promove uma recategorização lexical implícita. O "pintor" deixa de ser associado às qualidades benignas descritas inicialmente e passa a ser vinculado a uma figura histórica notória por sua crueldade e ideologia extremista. Essa recategorização é abrupta, reconfigurando retroativamente as descrições anteriores e imbuindo-as de ironia. O humor decorre da dissonância cognitiva gerada: o leitor precisa reconciliar o contraste entre as qualidades aparentemente positivas e a identidade profundamente negativa do referente.

A eficácia da anáfora indireta na tira está na sua capacidade de engajar o leitor em um processo de inferência. Ao descrever o "pintor" por meio de traços genéricos e positivos, o autor induz o leitor a construir uma imagem mental que será radicalmente desafiada pela revelação final. Esse processo de inferência não é apenas cognitivo, mas também emocional, pois ativa no leitor uma sensação de surpresa e choque ao confrontar a quebra de expectativa.

Além disso, o humor é intensificado pelo uso de uma linguagem simples e direta, que contrasta com a complexidade histórica e emocional do punchline. Expressões como "amava cães" e "era vegetariano" são propositalmente comuns, afastando o leitor da possibilidade de associá-las a Hitler até o momento da revelação. Esse jogo com a expectativa do leitor é uma marca da técnica narrativa de Dahmer, que utiliza a linguagem como ferramenta para manipular percepções de maneira eficaz.

A tira de Dahmer também depende profundamente do contexto cultural e do conhecimento prévio do leitor. Para que o *punchline* funcione, é necessário que o público esteja familiarizado com Adolf Hitler, tanto como figura histórica quanto com os detalhes menos conhecidos de sua vida, como o fato de ter sido pintor, amante de cães e vegetariano. Esse conhecimento cultural funciona como uma camada subjacente à narrativa, permitindo que a subversão do humor seja plenamente compreendida.

O contraste entre os traços apresentados e a identidade revelada de Hitler oferece uma crítica subjacente à maneira como a linguagem pode ser usada para moldar percepções. Ao selecionar características isoladas e descontextualizadas, a tira demonstra como um indivíduo pode ser retratado de maneira potencialmente enganosa. Essa crítica pode ser interpretada como um comentário sobre a manipulação de informações em geral, destacando como o contexto é essencial para uma compreensão mais completa e precisa.

Além do humor, a tira suscita reflexões mais amplas sobre o papel da linguagem na construção de significados. A anáfora indireta com recategorização lexical implícita é um

recurso que não apenas engaja o leitor, mas também desafia sua percepção sobre como referências são estabelecidas e reinterpretadas. No caso de Hitler, a recategorização expõe a fragilidade de descrições que omitem elementos essenciais do referente, permitindo que atributos aparentemente inofensivos sejam dissociados de suas implicações históricas.

Essa técnica linguística pode ser vista como uma metáfora para os desafios da comunicação na era da informação, em que a apresentação seletiva de dados muitas vezes molda narrativas de maneira enganosa. Ao forçar o leitor a reconsiderar suas associações iniciais, a tira evidencia como a linguagem pode ser tanto uma ferramenta de humor quanto um mecanismo de crítica social e cultural.

7.3 Fenômeno III: Anáfora encapsuladora

Nesta subseção, serão examinadas duas tiras humorísticas que exemplificam o uso da anáfora encapsuladora, um recurso linguístico em que uma expressão sintética resume ou encapsula um conceito mais amplo, referindo-se a um conjunto maior de informações ou eventos que não são explicitamente mencionados. Esse tipo de anáfora desempenha um papel essencial na construção do humor uma vez que funciona como um mecanismo de síntese, permitindo que ideias complexas sejam reduzidas a expressões breves e impactantes. Nas tiras analisadas, o encapsulamento não apenas economiza palavras, mas também cria um efeito cômico ao sugerir significados que dependem da interpretação e do conhecimento prévio do leitor. Esse processo de inferência ativa é essencial para a fruição do humor, pois convida o público a decodificar as implicações ocultas na linguagem.

7.3.1 Tira 5

Figura 15 – Objeto de análise 5



Fonte: Instagram *André Dahmer* (13/05/2024)

A presente tira apresenta três quadros que capturam uma interação breve, mas cheia de nuances, entre dois personagens distintos: o "sábio do saco", uma figura envolta em um grande saco, que está sentado em um ambiente simples e natural, e um cavaleiro montado em seu cavalo, que se aproxima em busca de sabedoria. Por meio do diálogo entre o "sábio do saco" e o cavaleiro, o humor emerge de uma quebra de expectativa, enquanto o uso de anáforas encapsuladoras promove uma reflexão crítica sobre a comunicação contemporânea, especialmente no contexto das redes sociais.

No primeiro quadrinho, a cena se inicia com a aproximação do cavaleiro, que, em meio a um cenário desprovido de detalhes, chama em voz alta: "Sábio do saco!". A figura do sábio é misteriosa, com seu corpo ocultado por um grande saco que não revela muito sobre sua identidade. Esse primeiro quadro estabelece a expectativa do leitor de que a interação entre o cavaleiro e o sábio levará a uma reflexão profunda ou um conselho valioso – como um tipo de *oráculo*.

Já no segundo quadrinho, em tom reflexivo, o cavaleiro então formula sua pergunta: "Devo postar minha opinião sobre um assunto delicado?". A questão levantada pelo cavaleiro reflete uma preocupação contemporânea muito comum, especialmente em um mundo cada vez mais digitalizado e polarizado, onde as redes sociais são palco de debates acalorados e opiniões públicas têm repercussões significativas. A forma como a pergunta é apresentada transmite uma sensação de hesitação e dúvida, características de quem está ciente das possíveis consequências de expressar opiniões sobre temas sensíveis.

Então, no terceiro quadrinho, a resposta do sábio, no entanto, subverte completamente a expectativa criada: "Diante de um sábio, faça perguntas difíceis." Este comentário, ao invés de fornecer uma resposta direta ou um conselho específico, ironiza a situação ao sugerir que a pergunta do cavaleiro não é de fato uma questão complexa ou digna de sabedoria profunda. O humor emerge dessa ironia, em que o cavaleiro, que representa a figura tradicional de coragem e ação, é colocado em uma posição de desconforto ao perceber que sua pergunta não impressiona o sábio. A suposta "simplicidade" da resposta lacônica do sábio, aliada à sua atitude desinteressada, cria um contraste cômico com a expectativa de profundidade e sabedoria que geralmente acompanha figuras como a do "sábio do saco".

Visualmente, a tira é marcada pela simplicidade do traço e pela ausência de elementos excessivos no cenário. Essa escolha estilística direciona a atenção do leitor para o diálogo entre os personagens, que é o verdadeiro foco da tira. O sábio, envolta em um saco que esconde sua identidade, representa uma paródia da sabedoria tradicional, enquanto o

cavaleiro, uma figura clássica de coragem e aventura, é desarmado pela resposta irônica do sábio. Esse contraste entre o cavaleiro, que busca orientação, e o sábio, que responde com desinteresse e ironia, intensifica o efeito humorístico da tira.

Os elementos verbais desempenham um papel crucial na construção do humor. A economia de palavras e a troca rápida de falas entre os personagens contribuem para a criação de um diálogo que é simultaneamente cômico e crítico. A interação entre o cavaleiro e o sábio cria uma atmosfera de reflexão e crítica social, onde a superficialidade das interações online é posta em evidência. O cavaleiro, ao perguntar se deve postar sua opinião sobre um assunto delicado, encapsula as ansiedades e dilemas enfrentados por muitos usuários das redes sociais, que ponderam sobre o impacto de suas palavras em um ambiente virtual frequentemente hostil e polarizado.

O humor da tira reside na resposta do sábio, que, ao sugerir que a pergunta feita pelo cavaleiro não é realmente difícil ou importante, inverte a expectativa do leitor. A figura do "sábio do saco" parodia a ideia de sabedoria tradicional, contrastando com a superficialidade das interações nas redes sociais. A tira faz uma crítica velada ao comportamento nas plataformas digitais, em que temas complexos muitas vezes são tratados de maneira simplista e superficial. O cavaleiro, que espera receber um conselho profundo, é confrontado com uma realidade trivializada, refletindo a desconexão entre a expectativa de profundidade e a banalidade das respostas encontradas online.

No que tange à análise linguística, a tira exemplifica o fenômeno de referenciação por anáfora encapsuladora. Esse fenômeno ocorre na fala do cavaleiro, que pergunta ao "sábio do saco": "Devo postar minha opinião sobre um assunto delicado?". A expressão "um assunto delicado" atua como um encapsulador, sintetizando de maneira compacta uma série de possíveis eventos, ideias ou situações que não são explicitamente mencionadas no discurso. Esse encapsulamento reflete o contexto social de debates acalorados e discussões polarizadas frequentemente presentes nas redes sociais, em que opiniões sobre tópicos sensíveis são constantemente discutidas e julgadas.

O encapsulador "um assunto delicado" categoriza todo esse cenário de complexidade em uma única expressão referencial. Na tira, o encapsulamento funciona como uma anáfora indireta que não remete a um antecedente específico, mas a um conjunto de ideias e situações que o leitor deve inferir a partir do contexto. "Um assunto delicado" resume toda a complexidade e sensibilidade que envolve temas controversos e a forma como são abordados nas redes sociais. Esse encapsulamento exige do leitor a habilidade de interpretar e integrar essa referência ao contexto maior da comunicação online, em que a expressão encapsula um

cenário familiar e recorrente, mas não explicitamente mencionado.

A tira, por meio do uso da anáfora encapsuladora, exemplifica como expressões breves e aparentemente simples podem condensar e criticar aspectos complexos das dinâmicas sociais e culturais. A economia discursiva do encapsulamento não apenas reforça o humor, mas também revela as limitações e contradições da comunicação contemporânea, especialmente no ambiente digital.

O contraste entre a expectativa do cavaleiro por profundidade e a trivialidade da resposta do sábio reflete a desconexão entre o desejo de significado e a superficialidade das interações atuais. Nesse sentido, a tira serve como um espelho cômico das ansiedades e dilemas enfrentados por indivíduos em um mundo onde opiniões são tão abundantes quanto descontextualizadas.

7.3.2 Tira 6

Figura 16 – Objeto de análise 6



Fonte: Instagram *André Dahmer* (26/02/2024)

A última tira analisada é composta por três quadros que capturam uma interação entre um médico e seu paciente, utiliza o diálogo e a simplicidade visual para subverter valores tradicionais, sem detalhes excessivos, o que direciona o foco do leitor para o diálogo irônico e subversivo que se desenrola.

No primeiro quadro, o médico faz uma pergunta aparentemente séria e clínica do médico ao paciente: "Quando você começou a sentir essa tal alegria de viver?". A forma como o médico formula a pergunta já insinua o tom irônico da tira. O uso da expressão "essa tal" sugere uma desconfiança ou desprezo, subvertendo a expectativa inicial de que a "alegria de viver" seria considerada um sentimento positivo e saudável. Nesse primeiro quadro, o leitor é confrontado com uma visão distorcida da realidade, em que uma emoção tipicamente valorizada é tratada

como uma possível anomalia. Além disso, é possível inferir que a conversa não se inicia ali. O que vemos é, provavelmente, um recorte imaginado de uma interação que já teria se iniciado com a queixa do paciente sobre a “tal alegria de viver”.

Em resposta, no segundo quadro, o paciente, adentrando-se ao tom da ironia implícita, responde com uma certa preocupação: "Há uns dez dias. Devo me preocupar, doutor?". O paciente, ao questionar se deve se preocupar com sua alegria de viver, adota uma postura de incerteza, refletindo uma internalização da visão cínica que permeia o universo das tiras de Dahmer. A falta de excessos de traços visuais, aliada à expressão facial neutra do paciente, intensifica o impacto da resposta, ao mesmo tempo em que reforça a atmosfera clínica e despersonalizada da conversa.

Por fim, no terceiro quadrinho, o humor atinge seu clímax quando o médico responde: "Depende. É na parte da manhã ou à noite?". A resposta do médico, que deveria trazer alívio ou esclarecimento, ao contrário, aumenta a ambiguidade e a inversão de valores, tratando a "alegria de viver" como uma condição que varia em gravidade dependendo do horário em que se manifesta. Essa resposta final subverte completamente a expectativa do leitor, ao transformar um sentimento geralmente associado ao bem-estar em algo potencialmente patológico, cuja gravidade o médico avalia de forma quase burocrática. Essa inversão de expectativa é central para o efeito cômico da tira.

O humor da tira nasce da inversão de valores culturais. A "alegria de viver", que culturalmente é considerada um sentimento positivo e desejável, é tratada como algo suspeito e anômalo no contexto da tira. Essa subversão dos valores tradicionais, onde a felicidade se torna um motivo de preocupação médica, reflete a visão cética e crítica que caracteriza o humor de Dahmer. A resposta do médico, ao invés de tranquilizar o paciente, levanta ainda mais dúvidas, jogando de tal maneira, com inferências, com a percepção do leitor sobre o que é normal ou anormal. Este tipo de humor exige que o leitor tenha um conhecimento prévio do tom usualmente negativo e irônico das tiras de Dahmer, o que o ajuda a captar a crítica implícita à medicalização excessiva de estados emocionais e à visão cínica da vida moderna.

Do ponto de vista linguístico, a tira exemplifica o fenômeno de anáfora encapsuladora, especificamente na expressão "essa tal alegria de viver", usada pelo médico no primeiro quadro. Esse tipo de anáfora ocorre quando uma expressão encapsula uma ideia ou proposição previamente discutida ou implícita no discurso, resumindo-a em um rótulo que pode ser um sintagma nominal ou um pronome demonstrativo.

Na tira, o doutor usa a expressão "essa tal alegria de viver" para encapsular um conceito ou estado emocional que não foi mencionado explicitamente antes, mas que é inferido a partir

do contexto da conversa e do tom usual das tiras de Dahmer. A expressão "essa tal" funciona como um rótulo que encapsula, de forma pejorativa ou irônica, um estado emocional ou psicológico que o médico considera suspeito ou fora do comum. Esse encapsulamento transforma a "alegria de viver" em algo que deve ser investigado, o que contribui para o humor subversivo da tira.

A anáfora encapsuladora aqui é, em parte, direta, pois faz referência a um estado emocional que, embora não explicitamente mencionado, é facilmente deduzível pelo leitor a partir do contexto. Ao mesmo tempo, é indireta, pois "essa tal alegria de viver" não possui um antecedente claro na conversa, mas encapsula um sentimento complexo que o leitor precisa inferir. A expressão serve para rotular de forma crítica e irônica um estado emocional, reforçando o tom cínico do diálogo entre os personagens.

Esse uso da anáfora encapsuladora contribui para a construção do humor ao transformar uma emoção tipicamente positiva em algo digno de preocupação médica, subvertendo as expectativas do leitor e gerando um efeito cômico a partir dessa inversão de valores. O humor de Dahmer, assim, emerge da habilidade de capturar e criticar a banalização e a medicalização de sentimentos humanos, refletindo uma visão crítica da sociedade contemporânea.

7.4 Discussão das análises empreendidas: O Papel das Anáforas Indiretas no Humor e na Crítica Social das Tiras de Dahmer

Nas tiras de Dahmer, a referenciação por anáforas indiretas desempenha um papel fundamental na construção do humor, configurando-se como uma estratégia narrativa que combina economia linguística com profundidade crítica. Essas estratégias, ao ativarem novos referentes sem a necessidade de uma reativação explícita de elementos já mencionados, reforçam a importância das anáforas indiretas na coesão textual, como discutido por Marcuschi (2005) e Cavalcante (2003). No universo de Dahmer, essa prática vai além da mera técnica: é um elemento central na interação entre leitor e texto, promovendo a construção de significados plurais e inesperados que desafiam convenções linguísticas e culturais.

A utilização das anáforas indiretas não apenas sustenta a progressão textual, mas também se torna uma ferramenta para a criação de efeitos humorísticos e críticos. Ao sintetizar conceitos complexos em expressões sucintas, essas anáforas estimulam o leitor a inferir significados subjacentes e a reinterpretar referências contextuais, potencializando o engajamento cognitivo.

Dahmer frequentemente utiliza anáforas indiretas para introduzir novos referentes

relacionados a temas críticos, como a superficialidade das interações online, a alienação causada pela tecnologia e a hipocrisia social. Por exemplo, no primeiro fenômeno analisado, a expressão "esta terra", presente no segundo quadro da tira, é um exemplo marcante de anáfora indireta com categorização de um novo referente, um recurso linguístico que desempenha um papel crucial na construção de sentido e no efeito cômico da narrativa. Diferentemente de uma referência direta, em que o termo remeteria explicitamente a um elemento já mencionado, a anáfora indireta exige que o leitor realize um processo inferencial para conectar a expressão ao contexto previamente apresentado. Nesse caso, embora a palavra "terra" não tenha sido mencionada de forma explícita no primeiro quadro, o leitor é levado a associá-la à internet devido à presença da placa "INTERNET - TERRA DA CORDIALIDADE", que introduz, de maneira implícita, a ideia de internet como um território metafórico.

Já no segundo fenômeno, a recategorização lexical implícita ocorre porque o algoritmo substitui o referente culturalmente carregado (o cantor Alceu Valença) por um novo referente baseado em dados objetivos (a cidade de Valença). Essa substituição, que é inadequada dentro do contexto da pergunta, exige do leitor uma inferência para compreender a origem do erro. É necessário reconhecer que a palavra "Valença" pode se referir tanto ao cantor quanto à cidade, mas a ambiguidade foi resolvida erroneamente pelo sistema. Essa falha, por sua vez, reforça a crítica embutida na tira: a confiança cega na tecnologia como uma mediadora de informações frequentemente ignora as complexidades da linguagem e da cultura humana..

Por fim, no terceiro fenômeno analisado, a tira em que o "Sábio do Saco" responde a uma pergunta sobre postar uma opinião sobre "um assunto delicado", a expressão encapsuladora "assunto delicado" sintetiza a complexidade dos temas abordados nas redes sociais. A anáfora encapsuladora aqui permite que o leitor associe o referente a uma série de possíveis tópicos sensíveis, ativando seu conhecimento prévio para construir o sentido da crítica social.

Esses temas recorrentes, trabalhados por meio das anáforas indiretas, tornam-se veículos para o humor ácido e a ironia, subvertendo normas sociais e levando o leitor a uma reflexão crítica sobre o comportamento contemporâneo. Dahmer utiliza as limitações do espaço das tiras para concentrar informações implícitas, exigindo que o leitor preencha as lacunas através de inferências, como sugerido por Ferreira (2010) em relação à economia da linguagem nos quadrinhos. A inversão de expectativas, facilitada pelas anáforas indiretas, é uma técnica recorrente na obra de Dahmer. Essas inversões de expectativas são consistentes com as discussões de Mondada e Dubois (2003), que destacam a importância da categorização de objetos de discurso na construção de sentido. As anáforas indiretas permitem que Dahmer conduza o leitor a conclusões inesperadas, quebrando a expectativa inicial e reforçando o

impacto humorístico.

O estilo visual minimalista de Dahmer complementa o uso de anáforas indiretas, enfatizando o diálogo e a mensagem crítica das tiras. A simplicidade dos elementos visuais permite que o texto ganhe destaque, e as anáforas indiretas desempenham um papel crucial ao sintetizar informações e referências de maneira concisa. Ao utilizar expressões como "alegria de viver" e "assunto delicado", Dahmer encapsula conceitos complexos em termos simples, convidando o leitor a decifrar o significado subjacente. Esse minimalismo visual, conforme discutido por Catto (2013) e Ribeiro (2015), é essencial para o foco nos aspectos verbais das tiras, onde as anáforas indiretas desempenham um papel central na construção do humor e da crítica. A ausência de detalhes visuais desnecessários intensifica a dependência do leitor em processos inferenciais para compreender o sentido das tiras.

As anáforas indiretas nas tiras de Dahmer frequentemente dependem do conhecimento prévio do leitor sobre figuras históricas e comportamentos sociais. Por exemplo, a menção a Hitler em uma das tiras exige que o leitor possua um conhecimento histórico e cultural para compreender plenamente o efeito cômico e crítico da referência. A anáfora indireta aqui ativa o conhecimento enciclopédico do leitor, que é essencial para a interpretação do humor. A dependência do conhecimento prévio e das inferências culturais, como discutido por Antunes (2022) e Koch (2005), revela o papel das anáforas indiretas como mediadoras entre o texto e o contexto sociocultural. O humor de Dahmer é, portanto, um produto não apenas da linguagem, mas também das associações culturais que o leitor é capaz de fazer a partir das referências implícitas.

As análises comparativas entre os diferentes tipos de anáforas indiretas nas tiras de Dahmer revelam que cada tipo de referenciação contribui de maneira única para o efeito humorístico. Essas variações nas estratégias de referenciação mostram a flexibilidade das anáforas indiretas na construção de sentido e humor para o estudo das estratégias discursivas e referenciais no humor gráfico, ampliando a compreensão sobre como as anáforas indiretas podem ser utilizadas para criar e sustentar o humor em textos multimodais. Ao explorar esses mecanismos, a pesquisa revela a importância das escolhas referenciais na produção e interpretação de tiras cômicas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação se propôs a responder à seguinte pergunta de pesquisa: *como as anáforas indiretas influenciam a construção do humor em tiras cômicas?* Responder a essa questão revelou-se um desafio complexo, dado o caráter multifacetado desse fenômeno linguístico, que opera na interseção entre a coesão textual e os mecanismos discursivos que sustentam o humor. Ao longo do estudo, foi possível explorar como as anáforas indiretas desempenham um papel fundamental na dinâmica do humor, conectando elementos do discurso de forma implícita e exigindo do leitor uma leitura ativa e interpretativa, de maneira que precise indiretamente mobilizar informações contextuais para conseguir realizar inferências, preencher vazios, alcançar com êxito o sentido humorístico pretendido etc. Essa análise permitiu compreender como tais recursos linguísticos não apenas contribuem para a estruturação das tiras cômicas, mas também potencializam a crítica social e a surpresa, marcas distintivas do humor de André Dahmer.

Na seção 2, *Funcionalismo, Língua e Texto*, o arcabouço teórico foi construído com base em uma abordagem funcionalista da linguagem, que enfatiza o papel da língua como um instrumento de interação social. Nesse contexto, exploramos as contribuições de Neves (2018), Cunha (2020) e de muitos outros para a compreensão de como as estruturas linguísticas são moldadas por necessidades comunicativas e pragmáticas. O funcionalismo, ao tratar a linguagem como um fenômeno dinâmico e contextual, nos forneceu uma base sólida para entender como as anáforas indiretas operam dentro de um quadro de referências partilhadas entre o autor e o leitor. No caso das tiras de André Dahmer, essas referências são frequentemente subvertidas ou desconstruídas, o que gera o efeito cômico. A teoria de Koch & Travaglia (2009) sobre coerência textual também foi fundamental, pois permitiu examinar como a construção de sentido se dá através da conexão entre diferentes elementos textuais, muitas vezes mediados por anáforas indiretas que exigem do leitor um esforço interpretativo adicional. Assim, as tiras de humor se revelam como um espaço onde as regras gramaticais e pragmáticas se entrelaçam de forma a criar um efeito de surpresa e risada.

A seção 3, *Multimodalidade e Tiras de Humor*, o estudo da multimodalidade destacou a importância da interação entre elementos verbais e visuais na construção do humor. Jewitt (2008) e Kress & Van Leeuwen (2006) foram essenciais para a análise de como diferentes modos semióticos, como texto e imagem, *podem se combinar* no processo de criação de significados complexos. Nas tiras de André Dahmer, essa combinação é essencial para o humor, pois muitas vezes as anáforas indiretas estão ancoradas não apenas no texto, mas também em

pistas visuais que complementam ou contradizem o que é dito. A imagem, nesse contexto, não é apenas um suporte ao verbal, mas um elemento ativo na construção do sentido. A partir das análises, foi possível perceber que a multimodalidade enriquece o processo de referenciação, tornando-o mais sutil e, ao mesmo tempo, mais poderoso na criação de efeitos cômicos. A teoria de Rojo e Moura (2019) sobre a dimensão multissemiótica contemporânea também forneceu insights valiosos para entender como as tiras de humor, ao combinar diferentes modos de expressão, desafiam as formas tradicionais de leitura e interpretação, exigindo do leitor uma competência multimodal que vá além da simples decodificação verbal.

Na seção 4, *Discurso e Humor em Tiras*, a dissertação mergulhou na inter-relação entre gêneros textuais e o humor, explorando como as tiras de Dahmer utilizam a estrutura dos gêneros para provocar risos e reflexões. A análise revelou que as anáforas indiretas desempenham um papel crucial nesse processo, pois permitem que o autor jogue com as expectativas do leitor, introduzindo elementos inesperados que desafiam a lógica habitual dos textos e das interações. A leitura das tiras se torna, assim, uma atividade ativa, em que o leitor é convidado a preencher lacunas e a reconstruir sentidos a partir de referências implícitas. As contribuições de Travaglia (1989) e Possenti (2010) foram essenciais para compreender os mecanismos linguísticos do humor, como a bissociação e a quebra de expectativa, que são frequentemente mediadas por recursos referenciais indiretos, resultando em efeitos cômicos sofisticados e multifacetados.

Já na seção 5, *O Fenômeno da Referenciação*, a dissertação aprofundou-se no estudo das anáforas indiretas, analisando como elas funcionam como mecanismos referenciais que vão além do simples apontamento de elementos no discurso. Fundamentada nas teorias de Cavalcante (2022), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Mondada e Dubois (2003) e Givón (1995), essa discussão explorou a referenciação como um processo sócio-cognitivo, em que os referentes são construídos e negociados de maneira dinâmica entre os interlocutores, como mecanismos sutis. Nas tiras de Dahmer, as anáforas indiretas frequentemente introduzem novos referentes de forma sutil, muitas vezes subvertendo categorizações esperadas e criando um efeito de surpresa que é central para o humor. A análise mostrou que a eficácia das anáforas indiretas está diretamente relacionada à acessibilidade anafórica e à capacidade do leitor de inferir informações a partir do contexto, o que torna o humor mais refinado e engajador. As teorias de Cavalcante (2022) sobre a introdução referencial e as anáforas encapsuladoras foram particularmente relevantes para entender como Dahmer utiliza esses mecanismos para criar uma narrativa cômica que ao mesmo tempo diverte e provoca reflexões sobre questões sociais e culturais.

A seção 6, *Metodologia*, detalhou os procedimentos adotados para realizar as análises das tiras de humor, explicando como as teorias e conceitos apresentados nas seções teóricas foram aplicados ao *corpus* selecionado. A metodologia qualitativa foi baseada em uma análise linguística textual e multimodal, que permitiu investigar de forma aprofundada como as anáforas indiretas operam nas tiras de Dahmer. A escolha das tiras foi guiada por critérios que privilegiam a diversidade de fenômenos referenciais e humorísticos, permitindo uma análise abrangente e representativa do uso das anáforas indiretas nesse gênero textual.

Na seção 7, *Análise*, foram apresentadas as análises detalhadas das tiras, mostrando como as anáforas indiretas influenciam a construção do humor. Através da articulação entre teoria e prática, foi demonstrado que as anáforas indiretas desempenham um papel crucial na criação de efeitos cômicos, promovendo uma interação complexa entre o leitor, o texto e o contexto sociocultural em que essas tiras estão inseridas. A análise revelou que Dahmer utiliza as anáforas indiretas de maneiras criativas e inesperadas, muitas vezes provocando o leitor a reavaliar suas suposições iniciais e a reinterpretar o sentido das tiras à luz de novos referentes introduzidos de forma sutil. O humor nas tiras de Dahmer se constroi a partir dessa constante interação entre o explícito e o implícito, e o leitor é desafiado a decifrar referências que não estão imediatamente claras, mas que, uma vez compreendidas, revelam camadas profundas de crítica social e de ironia.

Conclui-se, portanto, que as anáforas indiretas desempenham um papel fundamental na construção do humor nas tiras cômicas de André Dahmer, operando como mecanismos linguísticos e gramaticais que promovem a coesão textual e enriquecem a interpretação. Esses recursos não apenas conectam elementos do discurso, mas também desafiam o leitor a decodificar o subtexto humorístico, frequentemente subvertendo expectativas e criando surpresas características do humor de Dahmer. Ao articularem o explícito e o implícito, tais mecanismos intensificam o efeito cômico e conferem profundidade ao texto, exigindo do leitor uma participação ativa no processo interpretativo. Com base na teoria de Koch & Travaglia (2009), que aborda a coerência textual, observa-se que a construção de sentido nas tiras de Dahmer depende da habilidade do leitor em estabelecer conexões entre elementos aparentemente distantes no discurso, conexões estas frequentemente mediadas pelas anáforas indiretas.

Além disso, o estudo revelou que essas anáforas atuam como um recurso estratégico que Dahmer utiliza para manipular as expectativas do leitor, gerando surpresas e rupturas no fluxo de leitura. Esse processo está intimamente ligado à teoria da referência encapsuladora de Cavalcante (2022), que propõe que as anáforas indiretas podem encapsular informações

complexas, oferecendo ao leitor apenas pistas parciais que precisam ser desvendadas. Em Dahmer, essas pistas frequentemente levam a uma reinterpretação do texto, criando um humor sofisticado que combina crítica social e ironia.

Outro aspecto importante abordado na dissertação é a multimodalidade, que se mostrou um elemento central na construção do humor em tiras cômicas. Conforme discutido na seção sobre Multimodalidade e Tiras de Humor, as anáforas indiretas muitas vezes se articulam com elementos visuais, o que enriquece a referenciação e intensifica o efeito cômico. A partir das contribuições de Kress & Van Leeuwen (2006), foi possível compreender que o humor nas tiras de Dahmer reside na interação entre diferentes modos semióticos, como imagem e palavra, que se complementam e subvertem mutuamente. Esse diálogo multimodal desafia o leitor a compreender significados que transcendem o verbal, ampliando a complexidade das anáforas indiretas no contexto das tiras cômicas.

Ademais, a análise revelou que o uso criativo das anáforas indiretas por Dahmer reflete um domínio sofisticado das normas pragmáticas e discursivas. Ao jogar com expectativas de coesão e coerência, o autor explora as fronteiras entre o esperado e o inesperado, tornando o processo de leitura uma experiência rica e multifacetada. Nas tiras de Dahmer, o humor se constroi justamente nessa tensão, em que as anáforas indiretas desempenham um papel crucial ao permitir que o autor brinque com as convenções dos gêneros textuais, criando novos sentidos a partir de referências implícitas.

Por fim, ao considerar a referenciação e a multimodalidade, a dissertação contribui para uma compreensão mais ampla do papel das anáforas indiretas, destacando sua relevância não apenas no humor, mas também na dinâmica interpretativa de textos complexos. O estudo aponta que esses fenômenos podem ser explorados em outros gêneros textuais, expandindo as possibilidades de análise em áreas como a publicidade, a propaganda e a literatura. Em síntese, as anáforas indiretas não apenas enriquecem o texto humorístico, mas também envolvem o leitor em uma experiência de leitura mais ativa e reflexiva, na qual o riso se combina com a crítica e a surpresa, ampliando as fronteiras do humor nas tiras cômicas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Textualidade**. Noções básicas e implicações pedagógicas. Parábola Editorial, 2024.
- CATTO, N. R. Relação entre o letramento multimodal e os multiletramentos na literatura contemporânea: alinhamentos e distanciamentos. **Fórum linguístico de Florianópolis**, v. 10, n. 2. p. 157-163, abr./jun 2013.
- CAVALCANTE, M. M. A construção do referente no discurso. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITTO, M. A. P. (Orgs.). **Gêneros textuais e referenciação**. 1 ed. Fortaleza: Prototexto, 2004. v. 1, p. 1-13.
- CAVALCANTE, M. M. Dêiticos discursivos – um caso especial de referência indireta? **Comunicação apresentada no 50º Seminário do GEL**. São Paulo: USP, 2002.
- CAVALCANTE, M. M. **Expressões referenciais**: uma proposta classificatória. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: UNICAMP, 2003.
- CAVALCANTE, M. M. **Linguística Textual**. 2022.
- CAVALCANTE, S. A. S. Intercalação hipotática temporal entre sujeito e verbo em língua portuguesa e a (re)construção referencial. **Gragoatá**, Niterói, v. 27, n. 58, p. 260-290, mai.-ago. 2022.
- CUNHA, M. A. F; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2016.
- ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- JEWITT, C. Multimodality, “Reading”, and “Writing” for the 21st Century. **Discourse: studies in the cultural politics of education**, v. 26, n. 3, p. 315-331, 2005.
- KOCH, I. V. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.
- KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**: trajetórias e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- KOCH, I. V; TRAVAGLIA, L. C. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2001.
- KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. São Paulo: Ed. Cortez, 2012.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- KRESS, G. **Multimodality**: a social semiotic approach to contemporary communication. Routledge, 2010.

- MACEDO, A. V. T. **Funcionalismo**. Veredas: revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora. v. 1, n. 2, p. 71-88, 1998.
- MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V. et al. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- NEVES, M. H. M. **Texto e Gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- NEVES, M. H. M. **Gramática Funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.
- POSSENTI, S. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1998.
- POSSENTI, S. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.
- POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.
- RAMOS, P. E. Tira ou tirinha? Um gênero com nome relativamente instável. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1281-1291, set./dez. 2013.
- RAMOS, P. E. **Tiras livres: um novo gênero dos quadrinhos**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2016.
- RAMOS, P. E. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- RAMOS, P. E. **Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 2007. 431 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- RIBEIRO, A. E. **Tecnologia e poder semiótico: escrever, hoje**. Texto Livre, v. 8, n. 1, p. 112-123, 2015.
- ROJO, R; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.
- SILVA, A. P. P. F. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso**. Perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- TRAVAGLIA, L. C. **O que é engraçado?** Categorias do risível e o humor brasileiro na

televisão. *Estudos Linguísticos e Literários*, Maceió, v. 5-6, p. 42-79, 1989.

TRAVAGLIA, L. C. Homonímia, mundos textuais e humor. *Organon*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 41-50, 1995.

VIEIRA, M. S. P.; FERREIRA, H. M. O letramento multimodal nas práticas sociais de leitura: potencialidades para promover os multiletramentos. In: REIS, A. R. G.; FERREIRA, H. M.; MAGALHÃES, T. G. (Orgs.). **Concepção discursiva de linguagem**: formação e ensino. São Paulo: Editora Pontes, 2017.

ANEXO A – EMAIL DE AUTORIZAÇÃO

Solicitação de autorização para utilizar suas tirinhas em trabalhos acadêmicos Inbox x

Ana Luiza Rosa <analuizrosalivreira@gmail.com>
to: andredahmer

Rezado André Dahmer:

Espero que esta mensagem o encontre bem. Meu nome é Ana Luiza Rosa de Oliveira, e sou estudante do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Lavras. Entro em contato com você para solicitar autorização para utilizar suas tirinhas em meus trabalhos acadêmicos.

Acompanho seu trabalho nas redes sociais há bastante tempo e sou uma admiradora de suas tirinhas. A maneira como você aborda questões cotidianas com um toque de humor e crítica social desperta meu interesse e tem sido uma grande fonte de inspiração para minha pesquisa.

Atualmente, estou realizando uma investigação sobre processos de reatenação e suas tirinhas seriam uma valiosa contribuição para a minha pesquisa, fornecendo exemplos concretos e ilustrativos para embasar minhas análises.

Tenho o compromisso de atribuir os devidos créditos a você como autor das tirinhas, citando seu nome e fornecendo referências adequadas.

Agradeço antecipadamente sua atenção e consideração em relação a essa solicitação.

Caso seja necessário, estou a disposição para fornecer mais informações sobre minha pesquisa ou esclarecer qualquer dúvida adicional.

Agradeço desde já pela sua gentileza e espero ansiosamente por sua resposta.

Atenciosamente,
Ana Luiza Rosa de Oliveira

andré dahmer <andredahmer@gmail.com>
to: me

Ana Luiza, tudo bem? Sim, você pode usá-las. Um abraço grande,

André Dahmer

André Dahmer
<http://www.andredahmer.com.br>

Jun 26, 2023, 4:30 PM




















Figura 7: e-mail de concessão de André Dahmer de uso das imagens